

Revista do Brasil

DIRECTORES
Afranio Peixoto
Amadeu Amaral

N. 66
JUNHO
1921

EDITORES
Monteiro Lobato
& Comp. — São Paulo

SUMMARIO

DEBUSSY E O IMPRESSIONISMO .	<i>Mario de Andrade</i>	193
	(do Conservatorio de S. Paulo)	
TIRADENTES, HEROE E SANTO .	<i>Joaquim da Silveira Santos</i>	212
	(da Esc. Norm. de Piracicaba)	
CARTA DE GUIA DAS DONZELLAS	<i>Julio Cesar da Silva</i>	223
A SOCIEDADE DAS NAÇÕES .	<i>Helio Lobo</i>	228
	(da Academia Brasileira)	
RABISCOS CAMONIANOS	<i>Othoniel Motta</i>	241
	(do Gymnasio de Campinas)	
A LITERATURA EM 1920	<i>Tristão de Athayde</i>	248
ACADEMIA BRASILEIRA: Mar-		
tins Junior	<i>Arthur Motta</i>	254
AOS INTELLECTUAES E ESTU-	<i>Anatole France e Henri</i>	
DANTES AMERICANOS	<i>Barbusse</i>	261
BIBLIOGRAPHIA	<i>L. A.</i>	264
DEBATES E PESQUIZAS: — Um explorador brasileiro, <i>General Gamelin</i> . — Novas sugestões para o tratamento do cancro, <i>Bettencourt Rodrigues</i> . — Invenção e folclore, <i>Alberto Faria</i>		266



(Continúa no verso)

S. PAULO.

.1921.

— RIO.



REVISTA DO BRASIL - RUA BOA VISTA, 52 - CAIXA, 2-B - S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANJEIRO - 25\$000; - NUMERO AVULSO - 1\$800.

RESENHA DO MEZ: — Machado de Assis, *Yorick*. — “Enfermidades da Lingua”, *Silvestre Silverio*. — Molière e D. Francisco Manuel de Mello. — Academia Brasileira. — A “Innocencia” nos Tribunaes. — O monumento a Bilac. — Carta de guia das donzellas. — Dois monumentos a duas glorias nacionaes. — Duas revistas. — Movimento editorial 276

NOTAS DO EXTERIOR: — A vida e as tendencias politicas na Russia sovietica. — O grande pintor japonéz Hoksai. — Os monges silenciosos 282

CARICATURAS DO MEZ.

GRAVURAS (fóra do texto): Tres paisagens de Clodomiro Amazonas.

Ver a ultima pagina da capa.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saude da MULHER. — “Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa. *Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS DE PERFUMARIAS DO BRASIL.*”

AVISO — Preço de uma Caixa 8\$000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro.
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ Evita-se usando os *Pessarios Americanos*; são inoffensivos, commodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$0000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites Catarraes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Asthmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. — Rio de Janeiro



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

TRANSFORMADORES

FIOS ISOLADOS

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ISOLADORES

ELECTRICAS 1/2 WATT

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

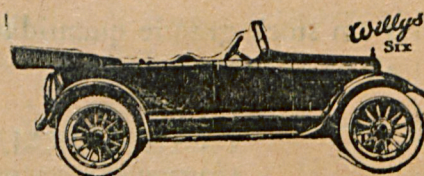
Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'





PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

AFRANIO PEIXOTO
AMADEU AMARAL

N. 66
JUNHO

1921

EDITORES:

MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO

DEBUSSY E O IMPRESSIONISMO

POR MARIO DE ANDRADE

(do Conservatorio de S. Paulo)

O Autor é um destes jovens que, cheios de estranho vigor e galharda independência, vêm revolucionando as idéas no campo da literatura e da arte, em S. Paulo. Este seu estudo deve ser lido com prazer e proveito por aquelles a quem não sejam indifferentes as questões relativas á evolução artística nos tempos modernos.

CLAUDIO DEBUSSY nasce numa das épocas mais atormentadas do espirito humano, em 1862. Revoluções certamente mais possantes, aurora mais estivais mudaram o rumo da sociedade... De um Deus como Cristo ou de um idolo como Guilherme II, da tórre criselefantina de uns sonhadores como a *Camerata* de João Bardi, ou da grota de uns nibelungos como a Enciclopédia pode sair um grito mais enérgico ou um exemplo mais solar, que modificará a historia das idades; mas o terceiro quartel do secu'o XIX é um periodo de profundo solapamento espiritual. E nem sempre o edificio reconstruido pousa sobre milhores alicerces e demonstra mais perfeito estilo!...

Um pouco á maneira de Taine, relembro certos successos de então, porque é impossivel explicar a liberdade moderna, de que o sinfonista de *La Mer* é um exemplo integral, sem rememorar toda essa ronda convulsa de revoltas, cujo resultado mais pernicioso foi singularizar todos os homens dentro da sociedade universal. Explica-se a originalidade, não propositada, mas íntima, vivida de quasi todos os grandes artistas contemporâneos por essa luta de trincheiras que foi o meio do século passado. Cada novo livro, cada novo quadro, cada nova descoberta era uma granada



de mão revirando o solo das sciencias e das artes. Rodeiam o berço de Debussy varias datas significativas. Herberto Spencer em 59 lança os "Primeiros Principios". No mesmo ano Darwin, que aliás mais não fazia que remodelar o grego Tales de Mileto, publica a "Evolução da Espécie". Ora quem negará a influência do evolucionismo sobre alguns estetas modernos, Gauguin sobre todos, — primitivistas convencidos e sinceros? Em 63 apparecera, pesadamente redoirada por um sinistro fulgor de fantasia, a "Vida de Jesus" de Renan. O socialismo integralizara-se já na sociedade franceza, trazendo como ironico resultado um individualismo sem freios, nunca jamais ultrapassado até então, nem pela Reforma. Mesmo no ano do nascimento de Debussy, no qual por uma coincidência luminosa vem á luz tambem o inspirador duma das suas obras-primas, Mauricio Maeterlinck, Taine expõe a sua "Historia da Literatura Inglesa". E as cantigas para adormentar o pequeno Claudio eram as litanias sathanicas de Baudelaire e as orquestrações de Banville; e os contos que primeiro ouviu o naturalismo psicológico de Flaubert, dos Goncourts e as mórbidas alucinações de Edgard Pöe.

Na pintura que ora nos interessa de muito perto, pois vamos tratar do impressionismo nela dominante perto de meio século, em 63, Manet expõe no Salão dos Recusados o "Dejeuner sur l'herbe", e dois anos mais tarde a *Olimpia*. Manet rompia estética e tecnicamente com tudo que se ensinava nas escolas e nas oficinas dos artistas em voga, dum Cabanel, dum Bouguereau, como regras essenciaes da arte, espaventando a burguesia e a critica, afeitas ainda á pintura historica, anedotica, helenizada, senilmente carpindo amores pela Renascença... Delacroix e Courbet eram insultados ainda, e apontados com um lábio de desdem á execração de todos. Os artistas lutavam e sofriam... Ao passo que as inovações scientificas, filosoficas, religiosas (que, permiti-me o sorriso! facilitavam bem mais o homem, reconciliando-o com a vida *exterior* da Terra) ao passo que as pseudo-descobertas de um Darwin, de um Proudhom, de um Renan e dos seus ásseclas eram aceitas pela maioria, os artistas não conseguiam impôr as suas inovações vibrantes e comovidas, sinão a custa de calvários e de roteiros de Purna. E' que a grossa humanidade, consente ainda em se reconhecer ignara nas coisas do espirito, mas, só porque imagina ter olhos e ter ouvidos, não admite que ninguem lhe dê leis em arte, ninguem lhe impulse e lhe desenvolva a comoção e o gôsto. Como se a arte não fosse uma sensação espiritualizada, que tem a sua origem na critica!... Humanidade sempre a mesma! O homem primevo que descobriu no raio o malefício de um anhangá cheio de lazeres, certo viu a sua *verdade* reconhecida por todos que o cercavam; mas tenho a impressão que o escultor quaternário da caverna dos Pireneus, que gravou, com uma paciência centenária, nos finos esgalhos dum cêrvo as suas renas galopantes, foi muito criticado pelos seus irmãos!... Humanidade sempre a mesma!

De 1862 data ainda o encontro de Monet, Sisley, Bazille, Renoir na ofi-



cina de Gleyre. Influenciados por Manet, bem como Pissarro e Berta Morisot, começaram todos por unir os tons claros, as cores vivas, dando de ombros aos dogmas da arte caduca. Despresaram o canon do tom puro sempre acompanhado da sua sombra, pois que na Natureza viam o tom puro sobrepôr-se ao tom puro e êsses artistas amavam, mais que a vida, a natureza. Pintaram ao ar livre. Breve Guillaumin e Cézanne prendem-se ao grupo. Começaram então as reuniões do Café Guerbois, iluminadas ainda pela não rara presença de Stevens, de Degas, de outros mais — reuniões que deviam continuar incessantes até o fôgo-de-artifício preparado pelas mãos de Bismark. Passada a guerra, em 74, realiza-se a formação da Sociedade Anonima dos Artistas, onde estavam Berta Morisot, Renoir, Cézanne, Degas, Monet, Sisley, Guillaumin, Pissarro... Na primeira exposição do grupo, estava o quadro de Monet: "Impressão (Aurora)" que batizaria a nova escola. Luis Leroy, em "Le Charivari" publicava os seus insultos, dando-lhes por cabeçalho: "Exposição dos Impressionistas". Ha sempre homens que se esforçam por se tornar tristemente celebres, pelo assaque e pelo insulto. E' verdade que ninguem lhes lembraria mais o nome, não fossem êles urupês!... O épiteto de Luis Leroy vinha com intenções ridicularizantes, depreciativas, mas a nova Liga-de-Davi increve-o desde logo na sua bandeira, que vai em breve-flâmula rubra e moça frapejar por todas as landas da arte.

Na musica o estado das coisas era bem mais insignificante. A sociedade do 2.º Imperio aprecia as canções brejeiras, os *dós* de peito, á italiana, e a musica de dança. De verve nem sempre mesquinha, brilha Offembach, iniluciando pernicioso a grande arte, com as suas caricaturas mais intencionais que musicalmente cómicas. Longe está da musica bufa, vivaz e gracil dos *singspiele* de Hiller, Haydn, Mozart; muito menos da graça leviana, levemente sentimental da segunda fase da escola napolitana, com Longroscino, Paisiello, Cimarosa ou da ironia toda medidas do século XVIII francês, com Rousseau, Phillidor, Monsigny e o papá Gretry. E' a musica sem intenções, baça, chalaceira, leve mas vulgar, saltitante mas chata. E si na opereta reina Offembach, a grande opera é imperio doutro tudesco, Giacomo Meyerbeer — *operetista* tambem... de maior inspiração. Camilo Maclair escreveu imensamente certo que "o 2.º imperio é a apoteose da opereta". Apoteose que acabaria em explosão!...

E' uma situação que em nada nos interessa e que não influirá na formação de Debussy. O humorista de Children's Corner é uma personalidade plasmada mais por prestígios pictóricos e literários que rialmente musicais. Dentre os que o impressionaram, provieram da época do seu natal: Baudelaire, Manet, e companheiros, o scientificismo revolucionario que aponteí, talvez Edgard Pöe, de quem musicava o "Diabo no Campanario" e a "Destruição da Familia Usher", quando a Morte lhe prendeu as mãos. Influência musical: nenhuma francesa ou de musica executada na França até então.



E' verdade que do clarim rumoroso de Berlióz despargiam-se no eter uns ultimos sons, que ninguem ouvia; e Tanhäuser em 61, levado até a Opera pela proteção da senhora de Metternich, caira entre patadas e uivos: mas do autor dos "Troianos" Debussy, com o seu refinamento aristocrático, não receberia nada, ou quasi nada; e de Wagner apresenta-se mais como um esforço de reacção. Não nego porém a influência deste: Debussy não existiria si não existisse Wagner. A *politonalidade* do autor dos "Nocturnos" não é uma flor de raro perfume, nascida por geração espontanea: jámais abrolharia sem o cromatismo fecundo do Tristão.

A reforma wagneriana é uma especie de revolução francesa musical. 1865, data do *Tristão e Isolda* é o 89 da historia da musica. O seu influxo foi unânime, mundial; e talvez mesmo mais eficaz naqueles que contra elle reagiram. A estes, não os prendeu como a Ernesto Reyer, uma sujeição, uma escravização completa do lema wagneriano; mas tiraram dentre as filhas-flores que o mago de Bayreuth procreara, a que mais amaram. Por isso não divulgaram bastardias; tiveram filhos legitimos: *Hänsel und Gretel*, *Falstaff*, *Sansão*, *Hulda*, *Wallenstein*, *La Mer*...

Veiu a vitoria do wagnerismo. Bayreuth, a nova Meca, era alvo de peregrinações anuais, onde idólatras de todas as idades e raças se reuniam para a consagração do novo Gral artistico — que ensalmava, diziam, todas as feridas de decadência. Depois da wagnerofobia, é a wagnerite de efeitos cômicos e porventura perniciosos. Cada qual traz dentro de si um carrilhão que badala estrepitosamente a cada novena wagneriana. E' todo o ridículo da admiração incondicional. Saint-Saëns conta o facto de uma senhora bastante culta que lhe pedia tocasse, se me não engano, as notas iniciais do Reingold.

— Aquêlê acorde, mestre, aquêlê acorde!

— Mas, minha senhora, é um simples acorde em mi bemol maior!...

— Maestro, aquêlê acorde!

O grande pianista executava então as notas da triade, tantas vezes empregada antes de Wagner, mas a distintissima senhora quasi desmaiava, extasiada de puro prazer.

E' a adoração ilimitada, irracional, anecdotica. O drama lirico é então a unica forma de arte. Só existe a música dramatica wagneriana. Então, o que Brahms faz para a Alemanha, tambem faz o crente Cesar Franck para a musica latina. Não é, como quiseram inculcar, o desprezo sistematico ao drama lirico, nem ódio a Wagner; mas a *jeune école* pensa, e pensa bem, que junto de um Monteverdi, de um Gluck, de um Wagner, ha lugar paralelo, e quiçá maior, para Carissimi, Beethoven ou Schumann. Wagner fôra tomado por um principio, quando não era senão o grandioso, o sublime resultado duma época, como Bach o fôra da polifonia e Dante da poesia medieval. O proprio Debussy escreveu com muita razão uma vez: "Wagner foi um esplendido por-de-sol que se tomou por uma aurora."

Wagner esgotara todos os recursos que reunira, na erecção colossal da



sua obra... Levava talvez mesmo a um exagêro de simbolismo o emprego do *leit-motif*... Tirara do cromatismo o maior poder comotivo que é possível imaginar... O comentário orquestral não podia aproximar-se mais da verdade literária a que estava ligado... Como continuar?... Proseguir na mesma rota era sujeitar-se, condenar-se mesmo a uma inferioridade inútil e sem prestígio: ninguém, com igual grandeza, seguiu Santo Tomás, ninguém seguiu Palestrina, ninguém Shakeaspeare, ninguém Velasquez!... Para temperamentos invulgares um rebaixamento proposifado das próprias possibilidades, é não uma humildade, mas uma erronia e um impudor... Cesar Franck, impulsionado ainda pelo seu misticismo, voltou-se para a musica pura. Os sons da sua alma simples perdiam-se na barulheira grandiosa dêsse Wallala, onde Wotan praticava as suas asnidades divinas; mas Franck ajuntou um grupo admirável de alunos, que lhe exaltaram o ideal, perpetuando-o em obras de grandissimo valor. Foi uma das fôrças motoras, na fundação da Sociedade Nacional de Música: donde "sairam — diz Romain Rolland — algumas das obras mais profundas e mais poeticas da escola francesa". Pela sua memoria breve se erguerá para os ceus azúis o columbário da *Schola Cantorum*... As novas falanges reclamam o direito de ser tambem ouvidas. Poetas, pintores, músicos concertam suas armas para uma nova e mais grandiosa vitoria, depois do *facheux* 71... E é saído dêsse meio fortificado por êle, alentado pelo simbolismo de Verlaine e dos irmãos, que Debussy vai escrever.

E êle surge, á medida que desaparecem as prevenções contra os novos, como um Monet, um Rimbaud numa intensa originalidade, mais distante de Wagner que de Chopin, mais de Berlioz que de Franck, mais de Beethoven que de Schumann, e curiosamente aproximado dos cravistas do século XVIII francês. Do renovamento espiritual da França, do acordar da "consciencia nacional da raça gaulesa", êle é a flor de liz de mais alva graça e mais sutil perfume.

Reino do impressionismo... Se ha uma tendência artistica dificil de sintetizar, essa é por certo o impressionismo. E' a expressão insulada, a liberdade de credos, a sensação mais primitiva do eu, sem coordenações, sem analyse, sem critica. Assim sendo, chegamos a esta enormidade verdadeira, perfeitamente verificável, mas para a qual é impossivel achar um lema concretizador: cada artista é uma escola. A norma geral que congrega todos os impressionistas não chega siquer a dar a minima idéa do que fez cada um dêles.

Hermann Bahr, um dos mais notáveis criticos de arte da Alemanha actual, procura explicar essa norma, no seu livro "Der Expressionismus", aparecido o ano passado em Munich. E' uma página muito bem feita, que vou citar. Mostrando a diferença entre o impressionismo e o expressionismo dos ultimos tempos, analisa aquele desta maneira:

"O impressionismo é a destruição do homem clássico. O impressionista, no



acto de visão, procura tanto quanto possível pôr de parte tudo o que o homem ajunta do seu próprio eu ao encanto externo. O impressionista só aceita do homem a participação da retina. Dizem que os impressionistas jamais terminam um quadro... Seria mais acertado dizer que eles não completam o acto de visão. O impressionista abandona tudo o que é pensamento posterior á sensação visual, temendo deturpa-la. O olhar atento já *teoretisa*, porquê não contem mais unicamente o que o atraiu, mas também uma colaboração humana; e o impressionista desconfia do homem como o homem primitivo desconfiava da natureza. Assim o impressionista quer surpreender a natureza, antes mesmo que ela seja modificada pela percepção humana e desce á primeira sensação visual para apanhar o exterior, quando penetra em nós, no momento em que fere a nossa retina, no instante da sensação."

Debussy, escolar duma paciência medieval, saído das mãos de Guiraud, consegue, evidentemente com uma fraude ironica (o caso se repete com Ravel) enganar a vigilancia dos guardadores da tradição, os Bekmesseres do Instituto, que distribúem fantasiados da Fortuna argiva, com a clássica venda sôbre os olhos, o prêmio de Roma. Alcança-o e parte. Os seus envios irritam os homens. Contra baixos e trombones executam o tema dos Mestres Cantores. A cortina agita-se e o quadro negro enche-se de riscos brancos. As sete faltas permitidas centuplicaram-se. Mas que importa a Walter que o quarteto em escalas descendentes, comente a colera escolástica e d novo, fagotes e clarins firam-lhe os ouvidos, batendo os seis acordes fatídicos do lei-motif do marcador? Está de possuir e do seu estágio em Roma, ninguém lh'o poderá tirar! O seu canto de primavera continua, juvenil, aério, irizado, enquanto os vendedores de peles, de lacticínios, de drogas ou correntinhas de plaqué da arte, Fritz Kothner, Vogelgesang, Eisslinger, Pogner gritam e se esbofam — barítonos taciturnos e baixos avernais! Só êle é o tenor! Só êle é o tenor, no sentido verdadeiro da palavra, em que o usaram os polifonistas flamengos; só êle é sustentador da arte alada, que evoluciona, que libra o seu vôo em linha vertical e não parará jamais!...

E' então que o ilumina o estudo dos russos e principalmente de Musorgsky. Creio porém que os críticos têm exagerado bastante a influência do russo sôbre o francês. Woollet é o que mais me satisfáz a êsse respeito... Debussy entusiasma-se pela harmonização selvática, pela dicção do autor de Boris, estuda-o de sobre-mão; mas como todas as personalidades demasiado características, quando imita: inova, transforma, desenvolve, crea. O que era genial inconsciência no bárbaro moscovita, torna-se reflexão, harmonia, principio, arte rial no decadente hiper-sensível. Musorgsky é vida; Debussy é arte. Um é o bater de mãos, o grito do homem primitivo, ébrio de existência; outro é a observação, é a crítica desses primeiros sentimentos, e a estilização deles em melodia e ritmo. Musorgsky é mais instintivo; Debussy é mais estilizador. Ambos foram algumas ve-



zes sublimes. E vá agora o homem filiar-se a uma escola, — como si todas elas não tivessem os seus astros!...

Finda a estação de Roma, o futuro ilustrador das "Fêtes Galantes" guardava-se em Paris, donde pouco a pouco as suas obras saem da escuridão, despertando no mundo artistico, discussões dolorosas para a sua alma aristocrática, que desenvolvera no trato dos Swifts e Sternes o seu inofensivo desdem, cheio de humor pela massa humana e pela popularidade. Compõe então alguns dos trechos mais exactamente *instintivos* de toda a sua obra. Longe estou de querer biografar Debussy. Mesmo não perderei de vista certas obras suas orquestrais ou liricas, por ser justo nelas que o pintor das Colinas de Anacapri segue mais o que se convencionou chamar de impressionismo musical. A meu ver a designação não é somente inexpressiva mas bastante inexacta. Não basta a naturalidade do fraseado debussiniano, nem algumas particularidades de orquestração para o justificar. Vereis pelos escólios que tentei coordenar si me assiste razão na critica do qualificativo.

Foram successivamente compostos o "Prelude à l'après-midi d'un faune" sobre os versos de Mallarmé, o Quarteto, as Canções de Bilitis e os Nocturnos. Falou-se desde logo em impressionismo. Atacaram-no. O Revolucionario!... O Iconoclasta!... Não era nem uma coisa nem outra. Paris mais uma vez se enganava, como já o fizera com Rameau. O impressionismo musical era revelho: podia ser encontrado nas obras de Schumann — como o impressionismo pictórico podia fundar as suas origens já não direi em Fragonard, nem em Watteau, nem em Tintoretto, mas até num fresco do Casino Rospigliosi, em Roma, o "Amor com a Escada"... Debussy limitava-se a fazer seu o que já existia, desenvolvendo uma tendência com o impulso da sua própria, inconfundível personalidade. Pois ainda ha poucos meses o Dr. Scherber, na revista "Signale für die musicalische Welt" não descobria os primeiros sintomas do impressionismo musical nos ultimos quartetos de Beethoven?

Mas em que se fundava o impressionismo musical? Seguia as mesmas teorias do impressionismo pictórico?... Debussy é um dos muitos gritos de liberdade contra o convencionalismo das tábuas legislativas. Mais uma vez a comparação com o minnesänger wagneriano se impõe. Walter von Stolzing conta que aprendeu a música no seu torrão nativo, ouvindo o coral dos passaros, o clarinar dos galos, o quarteto das brisas... Claudio abandona, para tambem assim praticar certas harmonizações do ramerrão; lança a escala por tons inteiros; anuncia a atonalidade dos modernissimos, guerreando o despotismo do monocordio e a convenção pitagórica; insurge-se, como tinham feito Monet e os seus faunos na pintura, Verlaine e os seus sacristas na poesia decadente contra a etiqueta vazia das formas e o gosto burguês das composições redondinhas, adiposamente circulares... Não basta ainda! Desdenha as composições de cavalete, feitas á luz gelada das oficinas... Como um Virgilio, ou antes como um deus Pan de barba rala e olhos arcangélicos, vai concitar os artistas a viver a vida das



campinas e dos bosques, vai escrever as Geórgicas musicais. Que ao compositor, não é preciso o piano em frente e a secretária ao lado para escrever o que sente de musical: basta-lhe, si é sincero, e verdadeiramente músico a palma da mão esquerda para nela colocar o seu papel: mas que esteja de joelhos, olhos extasiados, ouvidos atentos, e mão tremula no meio da natureza religiosa e lustral.

São o fundamento do seu impressionismo. Agora as diferenças entre este e o da escola em que brilhou sem êmulos o grande Renoir. Ha uma distinção básica que desde logo se impõe. O impressionismo pictórico descamba naturalmente para o mais aberto realismo; e tanto assim é que a reacção dos expressionistas quasi que abandona a Natureza, exagerando ás vezes propositadamente certas formas para um efeito simbolico, puramente espiritual — si me permitirdes o arrôjo do qualificativo. E' o que torna certas obras de Brecheret, por exemplo, culpáveis para muita gente de enganos de anatomia; embora o pensionista do estado não seja, no sentido escolastico do termo, um expressionista. Mas se os titans moventes do Monumento das Bandeiras, mas se a Soror, mas se o Cristo são uma pura estilização de formas, por assim dizer uma espiritualização simbolica de volumes, poder-se ha inculcar de ignorância anatômica quem esculpiu a Eva e o Idolo? Seria pueril dizer que sim; nem é este um dos senões de que a Europa o livrará. Um expressionista alemão que aqui vive completamente insulado e ignoto, o snr. Haarberg, dizia-me ha pouco, mostrando-me desenhos seus: — “Está vendo? os meus trabalhos expressionistas têm a minima relação possível com a natureza... “E' bem verdade que essas teorias deram em Picasso, em Boccioni, em Archipenko, em Marco Chagall!...

Mas o impressionismo, do qual me perdi, era a realidade alumbrante da primeira impressão... O supra-sumum do descritivo... E o impressionismo musical desdenha o descritivo, — em que pese ao defunto Combarieu. O trechozinho pseudo-descritivo de Kuhnau, de Scarlatti Domenico, de Couperin, de Dandrieu como a simfonia de programa berlioziana seriam repudiados pelo impressionista musical. Debussy — e nisto repousa a erronia dos que o não compreenderam — não pretende descrever coisa nenhuma, mas sugerir; e diante duma paisagem como em “Et la lune descend sur le temple qui fut”, duma personagem como os inglesissimos Puck ou S. Picwick Squire, deante duma situação como na “Sérénade interrompue” ou deante dum sentimento como na scena da cabeleira no Pelleas, pretende traduzir as suas comoções e dar maior largueza ás suas ideas e aos seus impulsos por meio de formulas sonoras. Ele procura suggestionar o ouvinte, ambienta-lo num local ou num sentimento por meio de fórmulas sonoras. E essas fórmulas sonoras são o substrato, a sintese remanescente da impressão que o comoveu. O impressionismo pictórico é a rialidade da primeira impressão;; o impressionismo musical é a intelligencia da primeira impressão. E' o intelectualismo elevado á quintessência. E' quasi o oposto do impressionismo pictórico.



O que para mim levou os criticos a qualificarem Debussy de impressionista foi simplesmente a generalização de duas qualidades do artista: o realismo quasi *fotografico* das inflexões fraseologicas dos seus trechos vocais, e certos efeitos harmonicos ou ritmicos que relembram por relatividade alguns fenomenos naturais.

Procurei, com a clareza que Deus me deu, mostrar-vos quanto esteticamente o chamado impressionismo debussiniano se afastou do impressionismo pictural. Cingir-me hei mais agora á figura que estudo, á sua estesia, á sua tecnica e á sua posição na arte.

A respeito aliás d'este ultimo ponto, bem o compreendeis, carece-me o afastamento necessário para que o julgado seja efectivo. Darei afoito a minha opinião... Não passará duma conjectura... Ao delinear mais ou menos estetica e obra de Debussy, julgo-me no dever de honrar primeiramente dois homens exquisitos: Ernesto Fanelli e Erik Satie. Este é o musico de profissão mais diletante que nunca existiu. Vive uma vida enigmatica, em busca de mistérios; e as suas composições, algumas das quais já foram executadas, trazidas por mim, nesta mesma sociedade, são positivamente curiosa. Mas a ligação d'ele e de Debussy certo influiu na orientação d'este último. O mais interessante é que a novissima escola que traz por lema o "peu de notes", tambem o reverencia como precursor. Assim esse maluco, esse homem feito de fumaça, como o Perelá do futurista Pallazeschi, vê-se derepente como fonte alpestre alimentando, em parte ao menos, dois rios de diversissimo curso: o impressionismos debussiniano e o expressionismo de Poulenc *et caterva*.

Fanelli é um italiano que muito cedo se aposentou em Paris, aí fazendo todos os seus estudos artisticos. Alguns anos antes de Debussy, compunha já obras sinfonicas, duma impressionante audácia harmonica. Mas o autor das "Estampas" não o conheceu; e as obras de Fanelli só vieram á luz muito depois, em mil novecentos e tantos, quando o pobre artista, que vivia de copiar partes para as orquestras de Paris, apresentou algumas obras suas a Gabriel Pierné, como exemplo da sua caligrafia. Pierné achou-as curiosas logo á primeira vista, examinou-as mais de assento, executou-as por fim. O êxito foi enorme.

Provo mais uma vez a minha razão de invocar as inovações de toda casta que modificavam tão profundamente a directriz das sciencias e das artes, no meio do seculo passado. Os dois musicos chegaram a resultados idênticos, embora nenhum fosse o comércio entre ambos. Resultados tais, semelhantes tendências "andavam no ar" escrevia ha pouco um historiografo...

Não quero porém, com todas estas evocações de personagens, dizer que o poeta das "Proses Lyriques" só existiu porque elas existiram. E' inegavel: todos os factos historicos apontados não conduzem fatalmente á geração dele. Fauré, seu contemporâneo, é de tendências contrarias, apesar de estar sujeito ás mesmas circunstancias... Agostinho Cameroni, em Maio



de 918, num artigo publicado por "Vita e Pensiero", que é uma das mais perfeitas e claras visões da obra debussiniana, atribuí porê, a meu ver, uma demasiada importância ao que êle chama "subjectivismo psíquico inato" do comentador de Maeterlinck. Não repudiando de todo a influência do movimento impressionista pictórico e simbolista literário diz: "sempre acreditamos que o seu inato subjectivismo psíquico o teriam levado á concepção e expressão artistica do mundo exterior que, em aberto contraste com a tendência toda representativa e figurativa do classicismo, apoiava-se inteira e naturalmente sôbre a reprodução do estado de alma interior provocado pelo reflexo dos fenômenos naturais e do impulso das paixões..."

Mas essa formação, êsse enimesmar-se visceral, êsse subjectivismo psíquico é um resultado da evolução natural do espírito humano; é uma herança adquirida no desenvolvimento da alma humana, sempre crescente, á medida que devora os séculos. Dessa cadeia de ouro e plaqué — a evolução anímica da humanidade — que Nemesis traz ao colo alvo e perverso, Debussy é uma estrêla de diamantes prês a ao elo que lhe compete e que representa uma fase do seu século. Ele é intimamente um filho do século, mais que Musset: porquê êste é o resultado duma reviravolta consciente, literária, projectada e aquêle um rebento inconciente, natural, quási fatal — si eu tivesse o destempêro de negar o livre arbitrio: "Tais tendências andavam no ar" ou antes nas almas... Seria possível o advento do impressionista musical no século XVIII, por exemplo? Não e não. Fanelli, Debussy, Mallarmé, Verlaine, Maeterlinck são estalões genuínos, quiçá geniais, dum período.

Mas a Debussy estava reservado ser o artista que melhor explicaria a alma da paisagem... O Universo é intimamente musical. E o grande músico viveu, pensou as suas musicas dentro dêle. Não tendo a envergadura de Beethoven, para como êste cantar a harmonia das esferas, cantou a sinfonia das paisagens. Transformou-se nelas. E não posso conceber o autor do "Vent dans la plaine", do "Pas sus la neige", e da "Puerta del Vino" sem recordar a criança do sublime Walt Whitman:

There was a child went forth every day,
And the first object he look'd upon, that object he became,
And that object became part of him for the day or a certain part of the day...

Assim Debussy. Todo êle era música. Os seus pensamentos, os seus gestos, a sua vida eram música. Conservou sempre uma infantilidade musical; e, como a criança que saía diariamente, êle tinha o condão de se transformar musicalmente na primeira paisagem que os seus sentidos percebiam. Por isso foi recebido no terraço de mármore róseo onde se realizam as audiências do luar, viajou terras de pagodes áureos, atravessou os jardins sob a chuva, para ir contemplar as rabanadas policrômicas dos peixes rubros nos aquários... Mas a impressão que sentia não era visual, senão auditiva. Tudo para êle eram sensações sonoras, sugestões e instintos



musicais que trasvasou em paginas indeléveis. E, mais que o de Stravinski talvez (o qual, segundo refere Marion Bauer em "Natural law: and its influence on Modern Music", ouvia sons produzidos pela vibração das águas num lago absolutamente especular) mais que o de Stravinski talvez, o seu ouvido percebeu a musica natural do universo, que estetas doutos, mas sem poesia, esforçam-se em negar. Foi por êsse instinto admirável da musicalidade da natureza que formou não só a sua estetica de hiper-sensível, mas a sua tecnica e a sua harmonização.

A decantada harmonização exacordal!... Debussy apresentava-se aliás desde o principio da vida como um inovador audaz. Inovador radical? Não. Mais pratico mesmo que teorico, pois os seus acordes investiam com o que se ensinava até então, mas de que se podiam encontrar exemplos até em João Sebastião Bach. Foi pela incompatibilidade do seu espirito, argamassado na liberdade do seu século, e nunca por apetite de destruição que escreveu uma vez: "O que de melhor se poderia desejar é a completa supressão do estudo da harmonia, *tal como é de uso praticar-se nas escolas*, e que constitúi a formula mais solenemente ridicula de agregar os sons. Sobre todos os defeitos, tem ainda o de unificar a escrita a tal ponto que todos os músicos, com raras excepções, harmonizam da mesma maneira." Todo ou quasi todo o seu sistema harmônico não era uma novidade. Debussy tambem, sob êsse ponto de vista, limitava-se a ser um elo da evolução. O seu passo adiante foi ter tomado como principio de sua harmonização o que até o seu tempo fôra praticado excepcionalmente, e pelos mais fortes. A escala de tons inteiros, as sucessões de quintas, as sétimas, as nonas sem preparação nem resolução, o renovamento das escalas sediças, os coloridos orientais, os intervalos inusitados, o cromatismo ou antes a politonalidade, formaram a base da sua harmonização. Conseguiu assim um "tessuto harmonico di rara vaghezza e di preziosità squisita", perfeitamente adaptavel á sua orientação espiritual, á vibratilidade dos seus nervos de decadente, de simbolista, de impressionista. Os detractores do seu sistema foram sem conta. Já a harmonização de Santo Cesar Franck era arrojada; empregava constantemente alterações em quasi todos os graus da escala; mas respeitava ainda a quinta, dominante da tonalidade. Os discipulos d'êlle não puderam coadunar-se com o avanço do Pan gaulês; e D'Indy emprega até a ironia, pouco adaptável á sua posição de chantre da *Schola Cantorum* para ferir o musico silvestre. Classifica, em 1912, a música debussiana de sensorial e pede para ela a adjuncção do cinematografo... Desce mesmo á particularidade de vozes honomatopaicas pouco límpas, que os dicionaristas geralmente não registam e de que os futuristas abusam... Mas quem poderá acoirar de ignaro da harmonia o aluno que perlustrou carneiramente todas as classes do Conservatorio de Paris, aí ganhando as suas distincções?

Insurgiu-se é verdade contra regras que não comportavam a orientação natural do seu espirito, nem a sensibilidade da sua alma... Si o não fizesse, que aconteceria? Repetiria o exemplo lamentável de Olavo Bilac,



que na última fase da sua vida com uma alma, uma elevação espiritual incompatíveis com o parnasianismo, quis represar a sua inspiração que era fogo dentro duma jarra helênica de marmor. Repetiram-se ainda frequentemente as scintilas fulgurantes, que bem demonstram a genialidade do grande brasileiro; mas scintilas breve apagadas, e escondidas na fôrma compacta e inteiriça do vaso que as encerrou. E apareceram as eloquências, as enumerações fastientas, os artificios que o proprio Olavo desaconselhava, mas não conseguiu evitar.

Debussy não se sujeitou aos credos existentes. Perfeitamente afeiçoado às fórmulas clássicas, delas se afastou com segurança e adquiriu uma técnica perfeitamente consentânea á sua estética. Não sei que isto seja defeito. Pois se não o foi para Palestrina, para Monteverdi, para Gluck, para Beethoven, para Wagner, porquê o seria para o músico francês? Quanto a mim, encontro justamente nêsse grito de liberdade, raciocinado e forte um dos seus maiores padrões de gloria.

A harmonização clássica baseia-se sôbre preconceitos: o costume, a usança avita, a educação da orelha, o exemplo dos maiores. E' a psicologia do ir-na-onda... Mas os contemporâneos de Hucbald achavam as intermináveis séries de quartas e de quintas perfeitamente agradáveis e um autor medieval chamava o Organum de "suave cantilena", (dulcesque cantilenas!). Depois vem o discantus, o falso-bordão; depois a "Ars Nova", admiradissima pelos homens dos tempos de Landino e de Machault... No entanto que horrores não contém ela para um ouvido educado na obra de Haydn, de Mozart!... Todos os acordes já foram preferidos e desdenhados. Se Pitágoras alargasse mais a sua tese das sinfonias, na subdivisão do monocórdio, aceitaria as terças, descobriria as triades maior e menor. Não quis, por uma fantasia injustificável; e os gregos viveram os seus séculos de grandeza só usando oitavas, quintas e inversão. Não ha nenhuma regra matemática que nos obrigue a considerar as séries de quartas errôneas e as de terças acertadas. Só porque estas são mais agradáveis? Não basta. No tempo de Scotus Erigena era o contrario. Insensatez! A harmonia clássica é uma sciência que pretende ser exacta e que repousa sôbre uma convenção arbitraria!...

— Perdoai-me os cansativos argumentos. Discutia um pouco *pro domo* e esqueci-me das conveniências... Aqui ha um problema interessantissimo que se impõe: Foi a tecnica debussiniana que determinou a estética de mestre ou foi a sua estética que lhe determinou a tecnica? A pergunta, á primeira vista, é odiosa; pois parece aviltante prender o espirito, a compreensão artística dum homem aos utênses que êle emprega. Mas não no é tanto assim. O escultor em madeira certo deverá sujeitar-se á matéria que utiliza e não criar modelos mais próprios ao bronze ou ao mármore. Imagine-se um poeta simbolista usando por princípio rimas parnasianas ou Miguel Anjelo aquarelista!.. Só se fôr num Wattman de cem metros quadrados e usando brochas de pinta-paredes em vez dos finos



pinceis de Roque Gameiro... Na música, sem voltarmos até a escola de Okeghem, originada só e unicamente da técnica quatrocentista, quem poderia negar que, em parte, se deve a decadência da música religiosa na Itália do século XVIII à técnica do bel-canto e à melodia acompanhada? Em certos andantes das sonatas de Beethoven, percebe-se claramente o simfonico andante das sonatas de Beethoven, percebe-se claramente o simfonico noutras páginas pianísticas do sublime surdo...

Ora, antes mesmo que se delineasse a sua tendência chamada impressionista, na *Demoiselle Elue*, por exemplo, já se encontram certos pormenores técnicos que Debussy utilizará durante toda a sua vida; e não me admiraria se um crítico derivasse, em parte naturalmente, a estética de músico-paisagista de certos processos a que desde muito cedo se afeioou. Todavia está bem assente hoje que ele foi sobretudo um músico profundamente sincero, sem a mínima preocupação de se fazer um escandalizador procaz, foi um artista respeitoso do passado, sob certo ponto de vista mesmo tradicional e nunca um pesquisador extravagante de minas exóticas nas califórnia da harmonia. Errou algumas vezes, talvez muitas, mas... "seuls ceux qui ne font rien ne se trompent jamais. L'erreur qui s'efforce vers la vérité vivante est plus féconde et plus sainte que la vérité morte."

A sua técnica, compreendida na sua integralidade, representa muito bem o crente da natureza livre de regras artísticas e o auscultador atento da sua própria e vibrátil sensibilidade. A sua harmonização impressionante, a negação da dissonância, os contrastes instrumentais, a geminação dos temas curtos tornaram a sua música mais viva, mais expressiva e, por assim dizer, mais da natureza. E será vilania chamar de pelotiqueiro da tonalidade, de burlão da harmonia, de prestimano da música o artista que pensou toda uma vida e que levou 10 anos escrevendo *Pelleas*.

A contemplação continuada e afectuosa da obra debussiana dá-me o direito de tal afirmar. Toda ela rescende sinceridade e não extravagância. Foi a incompreensão dela que pretendeu feri-la com tal açoite. Com todos os grandes artistas originais o mesmo se dá; e o castigo que a Norma do Presente lhes reserva, por terem a felicidade de ser livres, é o vácuo circundante e o insulamento.

Certos gênios originais, antes de começar a escalada às agulhas da Glória, tem sempre a multidão bem perto, cercando-os e aplaudindo-os. Mas principia a ascensão. No meio do caminho da vida, se o gênio olhar atrás, verá que o seguiu apenas uma centúria de mais audazes. A turba foi se deixando ficar em baixo, ou cansada de subir ou atraída pela risonha feição das vinhas do sopé. Mas o gênio continua para o Alem. Mais tarde, já no crepúsculo, se ele olhar em torno de si, verá uns tres ou dois... Mais tarde, ainda, só um! Mais tarde ainda: nenhum. E quando parar, cansado e só, sózinho contemplará de mais perto a noite das estrelas. E, por te-la contemplado, ele não descerá mais nunca e morrerá sózinho. Passarão os



anos ; e os que vierem depois alcançam um dia o lugar onde o genio parou e nesse momento, já tarde para o que morreu, compreenderão o impulso que o levou até a sua altura, só porquê novos genios, que a humanidade pretendeu seguir ainda foram alem.

Rolando Manuel aconselhava procurassemos os genios do nosso tempo, afim de os não deixar sós e de os cultuar. Mas é impossivel. Os genios originais só serão compreendidos, como homens do futuro que são, pelos homens do futuro. Mais do que palmas academicas, êsse é o preço de passagem para a immortalidade. Todo aquele que desejar para si o ouro do Reno tem de renunciar ao amor.

Na obra de Debussy ha dessas ascenções vertiginosas, embora entressachadas com descaidas. Obra desigual, túrbida ás vezes, demasiado cerebral. Não raro sente-se nela o perfume barato de Massenet. Cerca-a tambem aquela *grizaille* de quasi toda a musica francesa moderna, muito susceptível, temerosa do ridículo e das manifestações retumbantes. Os defeitos do músico são na maioria franceses, porquê êle é genuinamente nacional, até nos defeitos. “A’ indole francesa, dizia em 1917 Pedro Lasserre, convêm um modo de expressão mais temperado, que analise mais intimamente, demonstre mais cambiantes e mais ideas em cada sentimento.” O escritor da musica de scena para o *Martirio de São Sebastião* foi por inteiro um francês, e um latino — o que não será pequeno mérito deante da acabrunhadora grandeza da obra wagneriana. Mas estilizou demais a natureza, tornou-se gris como a Inglaterra que amou. Prêrafaelizou a vida, tornando-a imóvel como a pintura e versos de Dante Gabriel Rossetti que musicou. Pesa sôbre não poucas páginas suas um bafo morno de estufa. Demasiou-se na cultura de si mesmo ; e por ter escondido os calores, os impetos do seu temperamento, por francesmente temer o ridiculo, que com tanta arte descreveu nalgumas das suas páginas humoristicas, incorreu naquela critica de Roberto Greslou : “ne pas oser se montrer, c’est s’isoler, et s’isoler c’est bien vite se préférer.”

Mas deixou páginas das mais luminosas da música universal. As *Canções de Bilitis*, algumas outras sôbre versos de Verlaine, algumas das baladas antigas, quasi todas as suas peças para piano, os *Nocturnos*, *La Mer*; os interludios, a scena do anel, a scena da gruta, a scena da cabeleira, a morte de Mélisande, no *Pelleas*, são obras admiráveis, inesqueciveis, das mais altas que um artista músical escreveu.

E numa certa modalidade foi unico. “In arte musica hac inclusa sunt aliqua quasi abscondita...” Ninguem conseguiu surpreender como êle a música da natureza. A locubração fria e teorética dos egípcios desaparece deante da sua realização desassombrada e comovida da musicalidade natural das coisas. E’ o evocador supremo das modalidades tão variadas de certos seres, de certas paisagens, de certas horas; e não ha contradição alguma em dizer que ninguem melhor do que êle consegue reproduzir a idea, a sensação, o estado de consciencia é melhor, proveniente da percepção dos fenomenos exteriores e a afirmativa que mais tarde expressarei



de que as suas paisagens são quasi todas inventadas, de pura imaginação, paraizos artificiais da sua sensibilidade e fantasia. Serve-se de fenomenos existentes para criar coisas que não existem. Captou egregiamente nos seus sons a melopéa das ventanias, como o frescor dos zéfiros. Dá-nos com a máxima rialidade nos seus acordes e nas suas harmonias a policromia da luz, a cadencia das cores, o prestigio dos perfumes. A poesia de certas horas vesperais, a gloria dos luares excelsos, a esperteza da chuva, o êxtase inquieto dos repuxos, o misticismo de carrilhões lendarios são evocados com um grande poder de expressão pela sua música... Mas são acessórios tirados da natureza que congregou para a construção dos seus países fantásticos.

O artista que na tela, na escultura ou na poesia quer dar-nos a representação de coisas abstractas, não perceptíveis pelos nossos sentidos, como a Bondade, a Inveja, o Passado, serve-se de rialidade existentes, palpáveis para símbolo daquilo que o seu espirito almeja concretizar. Na pelanca visguenta do Baco pintado por Petrilli está evocado fortemente o deus, que muito provavelmente não existiu. Para Jacques D'Avray a tortura desesperante dos que anseiam vida melhor é a tartaruga, capás de se expandir em alas voejantes, se pudesse olhar o céu...

Debussy serviu-se das linhas, dos sons, das cores, dos perfumes da natureza para concretizar as suas paisagens de sonho. E, apesar disso, permiti-me rebater mais uma vez, a tecla, êle não é um descritivo. O simbolismo natural que a sua obra encerra e que a literária e mística de Verlaine, estilística de Mallarmé, sensitiva de Rimbaud representava, baseia-se na sugestão. Ao Watteau da "Isle Joyeuse" repugnam as vulgares transcrições da natureza, da vida, e da alma por meio de expressões interjectivas, onomatopaicamente corriqueiras. A música tem um poder eminente de evocação por ser a linguagem mais vaga e mais ideal. A moderna orientação de todas as artes, tendendo para uma musicalidade talvez exagerada, prova essa unânime compreensão da música. Considerando por essa face, Debussy representa bem o apogeu duma orientação e porventura a sua decadência. Serve-se da sugestão porquê muito bem compreende que todo gôso artistico é antes de mais nada subjectivo, sendo a comparação voluntária do factio artistico com as verdades adquiridas pela experiência pessoal. As suas frases melodicadas, as suas harmonias, os seus ritmos, os seus silêncios, são símbolos da natureza e por isso mesmo sugestões dela. E é talvez a total ignorância dessa verdade que induziu mesmo alguns dos admiradores seus a compreende-lo como o fiel pintor impressionista da natureza, quando ao seu espirito aristocraticamente nobre desagradava a música programatica.

Não é a fórmula de arte, a sua beleza e o seu fim, a sua justificação e as suas possibilidades que me interessam agora. Para todas elas encontramos defensores geniais que as enobrecem e justificam. Nem a música de programa que tem obras primas como Antares ou a Dansa Macabra, nem a opera italiana que as tem legítimas como Aida, Guilherme Tell,



nem o drama lírico elevado á suprema perfeição com o Parzival, nem a música pura da 5.^a sinfonia ou dos *Concerti Grossi* de Haendel podem prender-me, por agora, na sua justeza de vistas e valia. O que me atráí é a significação da obra de Debussy, a claridade, a pureza, mas a-la-par a originalidade sincera, virginal da sua alma de artista. Ele é um marco miliario na larga estrada real das artes. Nesse marco estão escritas palavras de nobreza e de conselho: "Sê tu mesmo, pensa, e gera."

O impressionismo musical terá um lugar distinto na Historia da Arte, mas esse lugar não será grande.

O seu gôsto pela quinquilharia, pelo camafeu, o prazer que sentiu pelas sonoridades acinzentadas, sem ruído, o abuso do pianissimo, no qual só de longe em longe o raro clarão dum *forte* dá-nos um pouco mais de calor e de luz; o horror pela manifestação aberta dos sentimentos, o meio-termo, o preciosismo, a preocupação do bom-gôsto francês, a intenção velada, o uso imoderado do símbolo, atrofiaram um pouco o desenvolvimento da música francesa, que se anunciara robusta e forte camponia do Isera com Berlioz, mas já emagrecera, perdera as cores, enfraquecera os musculos na imobilidade continuada do êxtase pelas naves góticas de Cesar Franck. Apresentada por Debussy no cenáculo de Mallarmé, ao convívio artificial de Gustavo Kahn, Henrique de Régnier, Verlaine, Whilster, Stuart Merrill, tornou-se a "menue petite personne" na qual o atletico João Cristovam não quizera nem dar um beijo, por medo de a sufocar. Diante da renana carnuda e simples de Bach ou de Brahms, junto da napolitana ticianesca, bela mas um pouco estúpida do bel-canto, a francesinha de salto alto, vermelhão nos labios, olhos pintados é uma figurinha cerebral, vivendo fora da vida.

E esse é o maior defeito do autor de "Masques". Estilizou tanto a vida, cerebralizou-a tão completamente, viajou tanto a terra imaginaria de Baudelaire:

Lá tout n'est qu'ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté

que criou uma vida extra-terrena, lunar e... um pouco lunática tambem. Ele examinou tanto, analizou com tal minúcia nos seus arcanos essa mosca azul que é a vida, que a mosca azul deixou a vida: e o pobre poleá, dizem que ensandeceu, vendo a sua mosca azul onde ela não existe. Quiz procrear um ser rial de carne e ôsso, mas construiu um boneco de Hoffman, maravilhoso é verdade, perfeito na beleza e na maquinaria, mas sempre boneco.

E' a contemplação incessante da obra debussiniana que me leva a estas conclusões. Obra admirável de audácia, de sinceridade, de beleza convencional, mas vaga demais, excessivamente espiritual para expressar a vida. Debussy o sabia, pois que escreveu: "A arte é a mais bela das mentiras. E por mais que se queira faze-la interprete da vida, no que esta possui de

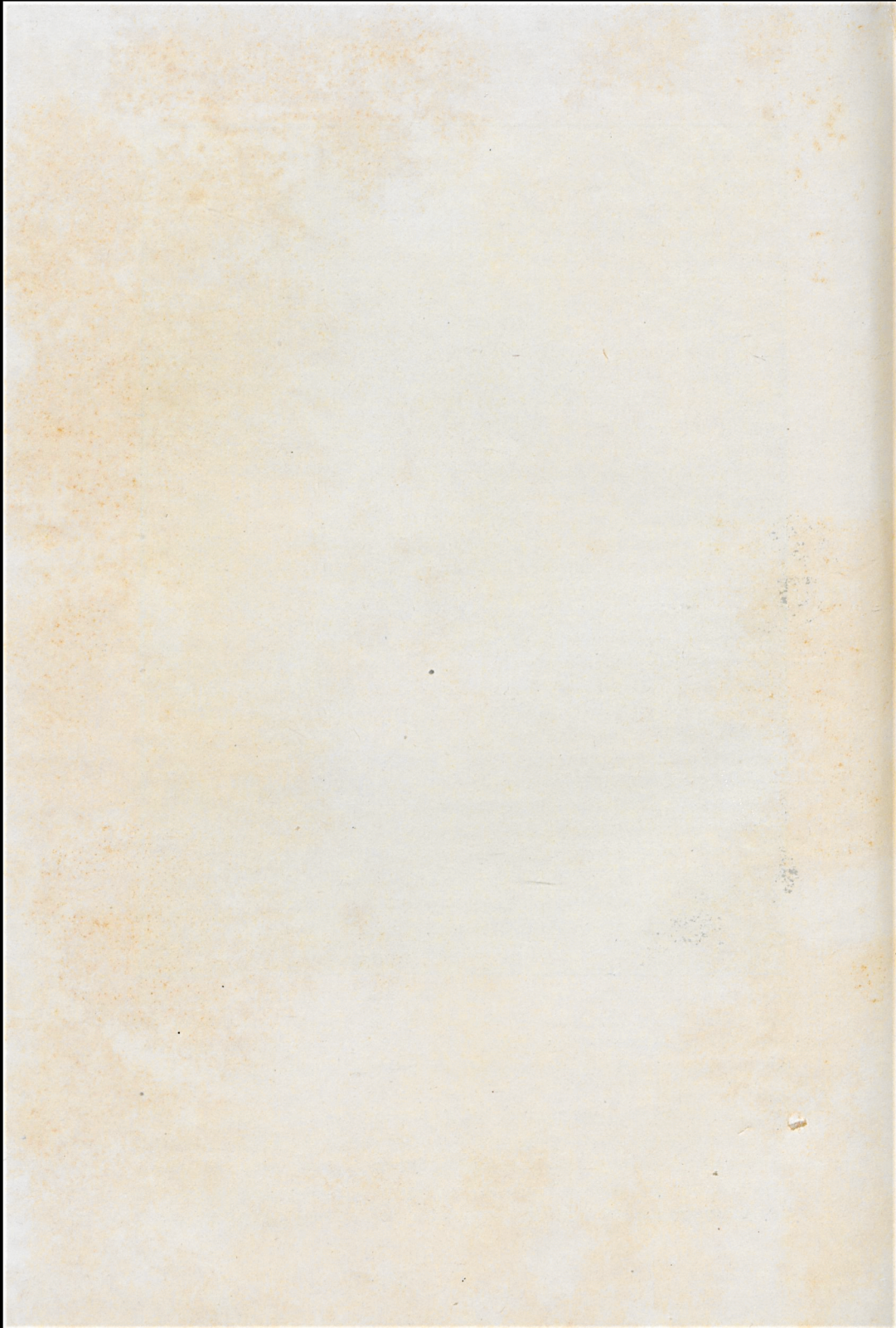


ARTE NACIONAL



C. AMAZONAS

Estudo de Paisagem



rial, é bem necessário que seja sempre a mesma mentira, sob pena de se tornar uma coisa utilitaria e triste como a realidade." O erro destas palavras!... A negação de Homero, a negação de Beethoven, o desconhecimento de Shakespeare, de Molière e de Dante!...

O impressionismo musical debussiniano viveu numa irrealidade. As Granadas que viu longe estão da Hespanha, de Zubiaurre, de Zuloaga e de Albeniz, como a sua Italia, a sua China não existem na terra — são meras abstrações. Por isso mesmo a obra-prima d'ele será sempre a figura de Mélisande — nuvem genuína dum país de nuvens.

O extraordinario encanto, a leveza rendilhada, a graça alerta, o ineditismo dessa obra dominou por um minuto o mundo inteiro, mas, pois que não quis temperar-se na sarça ardente da vida, a sua consistência é muito fragil para regoar terrenos incultos ainda. E' uma manifestação insulada, que se deve admirar, amar e respeitar de longe, porquê é infecunda.

Fez escola? Falou-se, é verdade, uns tempos em debussismo. Houve muitos músicos franceses que o pretenderam seguir; mas os que eram de real valor afastaram-se muito breve da regra da confraria, como Ravel, e os outros vegetaram, estiolaram-se numa sombra comum. O debussismo acabou. Seria melhor dizer que nunca existiu. Camille Maclair escrevia de Debussy, que "esse solitário cativante não pretendeu fazer escola e a que o imaginou tomar por mestre apenas provou a que ponto a assimilação dos processos de um criador original é insufficiente para captar o seu genio." E Cameroni acrescenta: "Não acreditamos que por muito tempo se possa renunciar áquela forma de melodia de linha bem clara, cheia de vida própria que sempre formou, por assim dizer, a coluna vertebral de todo organismo musical, áquela forma de melodia que, ou num período completo e destinada principalmente á voz como em nossa grande escola italiana, ou fragmentada e sujeita ás mais livres e variadas inflexões como na melopéa wagneriana e passando continuamente das vozes para a orquestra, constituiu sempre o meio mais forte de representação, o veículo mais directo e eficaz da comoção humana. Não acreditamos se possa prescindir por muito tempo do desenvolvimento temático, o qual, com a sua harmoniosa riqueza de arabesco deu á música a magnificência imponente da arquitectura, nem da viva e cheia orquestração que, distribuida com variedade inexaurível pela melodia e seus desenvolvimentos, concorrem para fazer da música, sem lhe alterar a essencia própria, um maravilhoso conjunto de escultura, pintura e arquitectura."

Mas, se o autor dos *Jeux* não fez escola, não é pela mesma razão pela qual o autor do *Sigfried* não a fez. Wagner foi um gigante e ao mesmo tempo um impulsivo e apresentou de cambalhada idéas fecundas e erros pesados. O que de bom — é a imensa maioria! — existe na sua obra, êle o explorou até o limite extremo; ao mesmo tempo que os seus ridiculos, as suas faltas de bom-gosto patentes e incompreensíveis para um espirito latino, diminuíram um pouco o extraordinario alcance das suas idéas. Quanto a Debussy, não fez tambem escola, mas foi pela diafaneidade e flexibi-



lidade dos exemplos que apresentou. Ninguém tem nunca a certeza de o compreender muito bem. E' a esterilidade dum segrédo mal ouvido.

Mas, se não fez escola, quem ousára negar a influência da sua obra sôbre toda a música contemporânea? E' o ponto de partida da compreensão harmônica dos nossos dias; e segundo o grande crítico musical austriaco Adler, as suas obras são as primeiras onde se irá buscar a dissolução da tonalidade e a supressão da têirania da tônica. Influiu, diríamos, sôbre toda a música europeia pela atracção e pelo encanto das suas composições e pela estranheza da sua harmonia; e são encontrados filões dessa influência em Mahler, em Strauss e até mesmo em Puccini. Na moderna música italiana, de tão lindo futuro, o seu influxo é inegável. Aparece, embora mascarado, no revolucionário Casella e principalmente em Malipiero que, embora continue radicalmente italiano, é, para mim, pelas obras que dêle tenho observado, e não poucas são, o mais genuíno debussista que ha, com mais intensidade vital porém.

Não creio que a influência do mestre se eternize, nem mesmo que perdue por mais dez annos; mas creio firmemente que a sua obra será um elo insubstituível na Historia Musical e que as adoráveis joias que produziu juvenilisaram a música franceza e enriqueceram enormemente a música universal.

No fim da vida êle dava um bellissimo exemplo de probidade artistica. Já nas suas primeiras obras se notava uma decidida aversão á pompa orquestral, á redundância, e prolixidade dos sons conjuntos. A' medida que a maturidade se acendrava, as suas músicas se tornavam cada vez mais simples, mais cristalinas e o grande artista procurava com ânsia e temor, a frase límpida, a harmonia sem complexidade, a pureza e a nudez. A aurora do expressionismo encontrou ainda vivo; e não exito mesmo em ver no autor de Canope o primeiro expressionista.

Nos derradeiros annos assaltou-o uma dúvida tremenda. Talvez por muito fugir ao tracto dos homens e de raciocinar sôbre a herança que deixava á música franceza, tenha, mais que todos os seus críticos, chegado a uma nítida compreensão dela e do seu alcance, e a achasse excessivamente frágil para servir de exemplo e demasiado irreal para uma fecundação...

Debussy duvidava!...

E que belo o fim dessa grande criança sensitiya! A êle tambem perturbava-o a terrível, esfíngica interrogação dos que pisam o limiar sem luz. Teria feito bem? As suas obras não levariam por caminho errado os que lhe vinham atrás? Talvez a simples observação do estado em que deixava a música o levasse a essas asfixiantes perguntas... O debussismo falira. E era bem que assim fosse, porquê nem o próprio Debussy era mais debussista. Êle pedia aos moços menos loucura, mais simplicidade... "Poucas notas" é o preceito dos modernísimos franceses, invocando a obra de Erik Satie; mas não o é tambem, compreendido numa significação mais larga, o preceito do Debussy da ultima fase?...



O mestre sofria os sofreres pesados de Adriano Sixte. Plasmava-se em metal frio, na câmara dos seus cuidados, a frase de Bourget: "un maître est uni à l'âme qu'il a dirigée, même s'il n'a pas voulue cette direction, même si cette âme n'a pas bien interprété l'enseignement, par une sorte de lien mystérieux, mais qui ne permet pas de jeter à certaines agonies morales le geste indifférent de Ponce Pilate."

No fim da vida, penetrado pela dúvida sobre o valor da sua religião, Laffitte horrorizava-se com a quantidade de positivistas que, adquirindo penetração do escalracho, alastravam-se no gentil solo da Galia. Laffitte então não queria mais ouvir falar de proselitismo, e achava que de positivistas... "la France en avait assez". Wagner também, no descambar das forças, no seu derradeiro opúsculo, oprimido pela dúvida, talvez horrorizado com a certeza de seus próprios exagêros, aconselhava aos jovens músicos, uma maior medida, uma simpleza mais helenica...

Debussy também, nos últimos dias, duvidava. Já lhe vinham os aplausos do mundo todo, e êle duvidava. "Pelleas e Melisande" corra, geralmente aplaudido, a scena europea, mas o artista que o creara duvidava. O seu quarteto, a sua obra sinfônica, as suas joias instrumentais, ou 24 Prelúdios — a mais sublime obra pianística aparecida depois dos estudos de Chopin, — estavam no repertório de todos os artistas moços, mas Debussy duvidava. Pouco antes do fim, escrevia: "tanto mais adiante vou, tanto mais a desordem propositada, que não é senão um sofisma artístico, e as harmonias extravagantes ou saborosas que nada mais são senão brincos de sociedade, me horrorizam..." Debussy duvidava! Sofria uma duvida legitima, sincera, comovente, mas que, embora assim, permitiu a Puccini umas observações capciosas, quasi um sarcasmo.

Debussy duvidava! Duvidava de sua obra, de si mesmo e sofria! Eu peço a consagração laudatória e comovida e silenciosa desta companhia ao impressionista musical que sentiu no fim da vida, penetrando-lhe no cérebro em todas as direções, a dúvida pela sua obra e pelo seu exemplo!

E' que a dúvida, senhores, é a corôa-de-espinhos de todos aqueles que, sem serem um Deus, em qualquer das disciplinas do espírito humano, quiseram pregar um sermão da montanha.

S. Paulo.





TIRADENTES, HEROE E SANTO

CONFERENCIA PROFERIDA NA ESCOLA NORMAL DE PIRACICABA,

A 21 DE ABRIL DE 1921, PELO PROF. JOAQUIM DA SILVEIRA SANTOS

Neste trabalho, que se pode apontar como vero modelo de conferencia didactica — pela ordem, pelo methodo, pela clareza, pela elevação, — illustrado membro do magisterio publico de S. Paulo põe em perfeito relevo a alta figura moral de Silva Xavier, um dos maiores santos da nacionalidade, em vão deprimido nalguns escriptos pouco veridicos, mal inspirados e destituídos de nobreza.

I

COMMEMORAÇÃO GERAL

O governo provisório da Republica escolar em via de organização — uma das innovações creadas pela recente reforma da instrução publica no louvavel intuito de promover pela pratica directa a educação civica dos normalistas — teve a gentileza, que agradeço muito penhorado, de convidar-me para officiante na solennidade cultural que hoje se realisa aqui. Sei que entre os meus companheiros de trabalho encontrariam aquelles moços quem com mais brilho de expressão, com mais fulgor oratorio, com mais elevação de pensamento, e mesmo com mais profundo conhecimento da historia, poderia dar a esta incumbencia honrosa um rea'ce um esplendor, uma grandeza que não podeis esperar de mim. Não me obstinei todavia, no meu primeiro, impulsivo movimento de recusa. E' que, meus senhores, me fascinou a idéa de vir commungar com os moços nesta solennidade eminentemente patriotica; de vir com elles ajoelhar-me ante o altar da Patria para prestar o culto de nosso amor e de nossa gratidão a um dos maiores vultos da historia nacional Seduziu-me a mim, que já tenho gasto mais de 6 lustros neste trabalho ingrato, obscuro, mas confortante, de trabalhar a alma das gerações que sur-

gem, seduziu-me a lembrança de vir cooperar embora como *minima pars* na obra eminentemente humanitaria, profundamente patriotica, precipuamente educativa, que é esta de commemorar os nossos grandes nomes e as nossas grantes datas.

Sim, meus senhores! Um dos maiores males do nosso conturbado presente reside na tendencia revolucionaria de tudo atacar, de tudo combater de tudo destruir. Endemia insidiosa que não respeita nem idade, nem sexo, nem classe, nem condição, ella constitue uma das mais deploraveis manifestações daquillo que Augusto Comte denominou — a molestia occidental. "Resultada da decadencia necessaria das crenças proprias á idade media, diz elle, na "oitava *Circular Annual*", ella tem como séde primitiva a região intellectual do cerebro. Mas a sua principal gravidade provem de se ter extendido espontaneamente á região affectiva, supreexcitando o orgulho e a vaidade e comprimindo a veneração e, portanto os outros dois sentimentos altruistas (o "apego e bondade)" Flagello social que caracteriza as épocas de transição; habito deleterio que viceja como as plantas daninhas nos terrenos abandonados, estas manifestações do instincto destruidor provem da descultura moral, e denunciam a ausencia de religião, que discipline as almas, que coordene os actos, que dirija, em summa, o homem e a sociedade.

O remedio radical para semelhante estado virá do predominio de uma fé universal, que restabeleça nos individuos a disciplina moral, e na sociedade o equilibrio perdido; que cimente a fraternidade, que ligue os homens, que apague dissensões e contendas, que faça, em fim, da Terra, o Paraiso, sonhado pelas grandes almas de todos os tempos. Attingirá alguma sociedade este ideal supremo? Sem duvida: é para esse alvo culminante que caminha a evolução humana; e atravez de todas as quedas, de todos os dissidios, de todas as guerras, de todas as decepções, a Humanidade vae d'elle se approximando de seculo para seculo.

Mas, senhores, essa abençoada era de paz, de repouso, de felicidade, de que hão de gosar as gerações porvindouras, exige trabalho largo e lento. Nosso esforço deve visar sempre apressar quanto couber em nós essa evolução; nossa actividade, em qualquer posição que estejamos, deve subordinar-se sempre, invariavelmente, a esse dever precipuo. Mas que poderemos no presente para attenuar a agitação revolucionaria, para minorar os efeitos da enfermidade occidental que nos tortura, que afflige a toda a sociedade?

Attendei. O altruismo que é innato no homem, e até nos animaes superiores, é apenas o funcionamento de partes bem delimitadas, de regiões bem circumscriptas do cerebro. Por isso mesmo, elle está sujeito á lei biologica segundo a qual o exercicio desenvolve o organismo, assim como a inacção o atrophia. Ora, se a tendencia á revolta, á irreverencia, á destruição, resulta de um transbordamento do orgulho e da vaidade (que tambem são funcções cerebraes); se elle indica a compressão, a inactividade dos orgãos do altruismo, que são o apego, a veneração e a bondade, actuemos sobre estes orgãos! Exercitemos a região cerebral donde elles provêm! Façamos com o sentimento o que faz com tanto ardor a mocidade de nossos dias para revigorar os musculos e as visceras: submettamol-o á mesma gymnastica continua e intensa; tonifiquemol-o!

De que forma, porém, attingiremos á camada altruista do cerebro? Como levar até a essa região privilegiada o exercicio e a actividade a que submettemos os musculos, os pulmões, as glandulas? Só ha para isso dois meios efficientes: a pratica de acções altruistas e o



culto tributado a aquelles a quem tudo devemos; o culto dos nossos bemfeitores domesticos e o culto dos grandes homens. Restabeleçamos, pois, o predominio do passado! Habitue-mos os nossos contemporaneos, os moços principalmente, a conhecer a amar, a respeitar toda a série dos grandes vultos a quem devemos os beneficios que fruimos! Falemos ao coração da mocidade. Despertemos nella a chamma innata dos sentimentos bons; ensinemo-la a amar a nossa terra no que ella tem de grande, e a nossa gente nos seus expoentes maximums! Que as almas juvenis se exaltem e se inflammem na contemplação dos vultos que fulguram nos factos da nossa historia e enaltecem a Humanidade! Institue-mos a Religião do civismo!

E, senhores, a data de hoje é das que mais se accommodam a esse objectivo cultural; uma das mais emotivas, do calendario civico instituido pela Republica. Tiradentes pertence ao numero dessas figuras eminentemente representativas que tanto têm de real como de ideal. Elle condensou as legitimas aspirações dum povo num momento decisivo de sua evolução. Foi patriota, foi corajoso; e porque se sacrificou pelo seu ideal, foi heróe, foi grande. E como, filho do povo, morreu pela aspiração commum, a alma popular apoderou-se de sua memoria, nimbou-lhe o nome de um halo de gloria e fez delle objecto de um culto particular.

A propria situação em que surgiu favoreceu a canonisação civica dos posteres. De sua individualidade varonil, a historia só consagra em traços fortes o seu apaixonado amor á Patria, o seu heroismo na desgraça, o estoicismo e a firmeza com que supportou até o fim o martyrio de uma morte affrontosa: faltam-nos dados completos e minudentes sobre pontos capitaes de sua vida domestica; delle não temos sequer uma photographia, um retrato authenticico. Por isso mesmo a idealisação popular poude se exercer livremente, completando, áquella figura real, mascula, inconfundivel, com os toques que a ternura, o carinho, a gratidão lhe inspiraram.

E sua acção subjectiva, a influencia crescente desta vida posthuma foi-se alargando com o decorrer do tempo e chegou até, mesmo no tempo da monarchia, a receber um começo de consagração official. E notae, senhores, a virtude desta influencia, porque é caracteristico. Em 1867, quando presidente da então provincia de Minas, mandou Joaquim Saldanha Marinho erigir em Ouro Preto, uma columna de pedra á memoria de Tiradentes. E tres annos depois era Saldanha Marinho a figura proeminente, um dos fundadores do nascente partido republicano!

A esta figura épica é consagrado o dia de hoje. Evoquemol-a.

II

COMMEMORAÇÃO ESPECIAL

Não vos cansarei a attenção fazendo minucioso relato do que foi a Conjuração Mineira, que vós conheceis ao menos em suas linhas fundamentaes. Direi apenas desse episodio sangrento, o que baste para realçar a figura do seu immortal chefe.

Esse movimento foi apenas uma nova manifestação da antinomia politica que se accentuava entre brasileiros e portuguezes; uma vehemente demonstração das disposições que animavam o espirito da



colônia e mais um aviso energico de que era impossivel continuar a sua união politica com a metropole. E era fatal que assim fosse.

Cerca de duas gerações depois que se iniciou a colonização systematica da America Portuguesa, começou a se formar uma população genuinamente brasileira, cujo espirito nacionalista se foi de mais em mais avigorando. Esse espirito transparece primeiro timidamente nos actos daquelles titans modernos, os bandeirantes paulistas, os quaes, na mira successiva de captivar indios e descobrir minas, foram devassando os sertões e arredando para o lado do Pacifico os limites da Colonia portugueza. Vemol-o já bem preciso em 1640, quando os mesmos paulistas acclamam, para seu rei, a Amador Bueno em vez de d. João IV. Elle se manifesta depois bem vivido em 1645, quando, contra a vontade do reino, os brasileiros natos organizaram a insurreição pernambucana, que terminou enfim com a expulsão dos hollandezes. Irrompe mais tarde esse espirito nacional na praça publica, em 1710, contra os portuguezes de Olinda, e quasi ao mesmo tempo, em Minas, nas luctas sangrentas, entre paulistas e emboabas. E mais energico, e visando directamente o predominio portuguez, elle reaparece em 1720 no movimento sedicioso chefiado por Veiga Cabral, e que teve como epilogo a execução feroz, de uma barbaridade inaudita, do cabecilha Philippe dos Santos.

Ora, perdurando por toda a parte as mesmas causas de conflicto, a saber: o desamor da Metropole pela Colonia, suas tendencias para conserval-a manietada; a arrogancia suspicaz dos reinões que tratavam os naturaes como subalternos e vencidos; o consequente encarceramento e difficuldades da vida, contrastando com a ganancia insaciavel do fisco, é natural, é logico, que continuassem vividas, crescendo continuamente, alastrando-se por toda a parte, as aspirações de independência politica, as disposições para quebrar um jugo que se tornava cada vez mais intoleravel.

Attentae para estes dados concretos que bem caracterisam a situação do Brasil no ultimo quartel do seculo XVIII. Segundo Oliveira Martins, só no governo de d. João V (1707-1750), foram mandados para a Corôa 130 milhões de cruzados; 100.000 moedas de ouro; 315 marcos de prata; 24.500 marcos de ouro; 700 arrobas de ouro em pó; 392 oitavas em peso e mais 40 milhões de cruzados de valor em diamantes. Isto fóra o monopolio de pau-brazil e dos impostos do quinto, que rendiam para o Thesouro annualmente, mais de um e meio milhão de cruzados. Como diz um historiador moderno, "o territorio de Minas Geraes, tinha as suas entranhas abertas. O ouro, o diamante e outras pedras preciosas brotavam do seu seio fecundo em proporção assombrosa. Só de 1700 a 1799, foram extrahidos em Minas Geraes 36.687 arrobas de ouro, não figurando naturalmente nesse computo o ouro desviado pelo contrabando, cuja proporção attingiria certamente igual valor".

De par com essas exigencias financeiras, vinham da Metropole as medidas draconianas, tendentes a impedir o surto industrial e a prosperidade da Colonia. A carta regia de 15 de Julho de 1776 abolira no Brasil o officio de ourives e 158 ourivesarias foram demolidas e suas forjas e instrumentos entregues aos agentes policiaes. O alvará de 5 de Janeiro de 1725 determinava a extincção de todas as fabricas, manufacturas ou teares, de galões ou bordados de ouro e prata, de seda, de algodão, de linho ou lan, exceptuando as de fazenda grossa destinada aos escravos e ás classes pobres. Mandou-se fechar uma typographia que aqui existia e prohibiu-se a entrada das obras de Rousseau, Voltaire, Spinoza, Hobbes, Byle e La Fontaine. Ora, tudo isto não



constituia um desafio perenne aos brios, á dignidade, aos sentimentos nativistas dos brasileiros?

E' natural, portanto, que o sentimento da independencia pairasse por todo o Brasil, como uma aspiração legitima que se avigorava á medida que a Colonia se desenvolvia. Mas esta aspiração devia ser mais vivaz em Minas, que se tornou, no decorrer do seculo XVIII, o centro mais intenso de actividade industrial e nacional. Foi o que aconteceu.

Formou-se entre juristas e literatos aquelle primeiro esboço de conjura que não passaria talvez de confabulações platonicas, de vagas aspirações de theoristas, se lhe tivesse faltado o concurso de um homem de acção, que se tornou a alma do movimento — Tiradentes. Foi elle realmente o centro, o eixo, o chefe, o unico homem da conspiração, unico, não só pela actividade de propagandista que desenvolveu, como pela dignidade e desassombro com que se portou perante os juizes, como pela inexcedivel grandeza moral que revelou ao soffrer o infamante castigo que lhe foi imposto. Seu vulto legendario viveu sempre na imaginação popular e foi crescendo com o decorrer dos tempos. E como esse vulto constituisse um remorso vivo, uma censura permanente irrogada á dynastia brasileira — um aulico imperial, um escriptor que privava na côrte de d. Pedro II, o sr. Joaquim Norberto de Souza e Lima, tomou a si a tarefa ingrata de amesquinhar, denegrir, deturpar a figura da heroica victima. Foi elle o primeiro escriptor que teve em mãos todas as peças do processo relativo á conjuração mineira, peças reunidas em volumosos tomos. E por esse facto as suas apreciações foram aceitas de fé pelos historiadores, a começar de Varnhagen, pelos publicistas, pelo publico letrado. Torcendo o depoimento de alguns dos inconfidentes, deformando as expressões de outros, adulterando ás vezes, commentando-as a seu geito, conseguiu apresentar do heróe a effigie com que é geralmente conhecido: um homem feio, antipathico, physionomia repellente, olhar espantado. Tentou apagar o seu prestigio dando-o como um homem leviano, tagarella, imprudente, sem nenhuma influencia pessoal, um plebeu ignorante e fanfarrão, que só serviu para comprometter os companheiros de conjuração. Tudo baldado. A verdade tem por si a força incohercível dos factos e não ha poder humano capaz de suffocal-a. E' o que se dá com Tiradentes; vamos vêr.

Nasceu Joaquim José da Silva Xavier em 1748 no sitio do Pombal, na villa de S. José d'el-Rei, Hoje cidade de Tiradentes. Eram seus paes Domingos da Silva Santos e d. Antonia da Encarnação Xavier. Tinha tres irmãos, dois dos quaes eram padres, e uma irman. Do seu irmão — o padre Domingos, recebeu a instrucção primaria, inclusivé o francez. Não fez nenhum curso academico; mas da robustez de sua intelligencia, aptidão encyclopedica e tendencias de seu espirito, dizem bem o facto de ter-se dedicado ao estudo da arte dentaria, da medicina, da mineralogia, e mesmo da engenharia. De tudo isto ha provas sufficientes. Era dentista perito, e dahi lhe veio a antonomásia com que passou á historia; como medico, realisou curas importantes até no Rio de Janeiro. Por *ter intelligencia mineralogica*, foi escolhido pelo governador da Capitania — d. Luiz da Cunha Menezes, para uma importante diligencia no sertão da Capitania, acompanhando o sargento-mór Galvão Martinho. E a prova da sua capacidade como engenheiro, elle a deu apresentando ao vice-rei d. Luiz de Vasconcellos, um projecto de fundação de trapiches na Saude e de captação dos rios Maracanã e Andarahy, no Rio de Janeiro.



Deste projecto zombaram os letrados e os entendidos do tempo; entretanto foi elle depois realizado no governo de d. João VI.

Quanto á sua posição na sociedade, basta vêr que do rol dos utensilios e roupa que lhe foram sequestrados, constam objectos finos e trajes de rigor, só usados por pessoas de trato social, naquelle tempo em que a indumentaria obedecia a regulamentação official. Ainda mais. Por uma carta ou portaria de d. Maria I, de 1782, teve Tiradentes "o encargo dos generos e mais fornecimentos precisos na guarda do Caminho Novo, para o Rio", prova de confiança que só se dava a pessoas de prestigio e responsabilidade social. Pelas tendencias de seu espirito ou por necessidade profissional, Silva Xavier percorreu os sertões de Minas, dedicando-se tambem ao commercio ambulante. Estendeu as viagens até S. Salvador da Bahia, onde se pde pôr em contacto com a situação intellectual do tempo. Lá conheceu a corrente democratica que começava a convulsionar a França; lá se pôz a par do movimento politico que nos Estados Unidos terminára com a independencia daquelle paiz.

A este conjuncto de circumstancias intellectuaes e materiaes, juntam-se as suas qualidades moraes. Tiradentes possuia uma alma ardente, apaixonada, vibratil; era sincero, leal, corajoso e dedicado. De sua dedicação aos fracos diz eloquentemente o facto de ter sido preso em Villas Novas, por ter querido impedir o castigo de um escravo.

Finalmente, em contradicção á lenda palaciana que apresenta o grande patriota com uma figura esquipatica, desengonçada e feia, ha o testemunho authentico de tres pessoas que fazem fé. Uma, d. Ignacia Simplicia de Souza, que em 1862 contava 85 annos de idade, e que o conheceu pessoalmente, declarava entre outras informações, *que Tiradentes era um homem bonito*. Outra o conego Joaquim Camillo de Brito, affirmou que o conego Rodrigues da Costa, que foi um dos conjurados, lhe disse reiteradas vezes *que o Xavier era um rapaz sympathico*. Finalmente, o capitão Antonio Dias Barbosa, prestou esta informação que foi publicada no "Correio Mercantil", de 9 de Maio de 1860: "Formára muita tropa com grande concurso de povo; ao meio-dia chegou o padecente, que elle pessoalmente conhecia, e em cujo rosto se via a resignação e a coragm: era de mediana estatura, de cabellos louros e bem parecido." (Vede José Feliciano, *Tiradentes e a educação civica*, 1907).

E agora que podemos reconstruir, embora apagadamente, a imagem do heróe e tal como ella foi na realidade, acompanhemol-o na rapida ascensão que o levou á gloria e á immortalidade.

Depois da vida afanosa que a principio tivera, Silva Xavier dedicara-se á carreira militar, subindo ao posto de alferes do 1.º regimento de Dragões. Nesse posto distinguiu-se sempre pela correcção de proceder, pela exacção no cumprimento dos deveres militares, desempenhando com presteza e galhardia, as mais arriscadas incumbencias; entretanto foi sempre victima de injustiças frequentes, sendo nas promoções preterido pelos que contavam com o favoritismo e com a protecção dos superiores. De sorte que, pelo conhecimento directo que tinha da situação da Colonia; pela oppressão de que via serem victimas os seus concidadãos; pelas extorsões de que todos se queixavam; em summa, pelos vexames a que estavam sujeitos os brasileiros, vexames que elle mesmo experimentára, não podia deixar de tomar corpo em seu cerebro a ancia collectiva de emancipação politica. Naquella alma ardente, afinada ao sopro das tormentas, não podiam deixar de sôar como um éco de clangor longinquo, as



vozes dos oprimidos e o sangue dos que tinham sido sacrificados ao ideal da liberdade.

“Tiradentes, diz um historiador contemporaneo, transfigurava-se quando falava no povo oprimido, quando falava na patria vilipendiada e violentada. Nesse momento a sua voz eloquente assumia tons emocionantes, as suas faces accendiam-se, os seus olhos fulguravam, e lagrimas ardentes saltavam em punho, dos olhos. (*A inconfidencia mineira, na Memoria Historica do bi-centenario de Ouro Preto.*)

Descontente com as injustiças que soffrera na vida militar, pediu licença e dedicou-se á mineração, em que foi mal succedido. Partiu em seguida para o Rio e apresentou então ao vice-rei os projectos de que já falámos.

Nessa occasião chegava da França o moço mineiro dr. José Alves Maciel. Era em Setembro de 1788. Tiradentes foi visital-o. O joven recém-chegado poz o grande patriota ao par da situação européa, trabalhada já intensamente pelas idéas liberaes, que deviam no anno seguinte desencadear sobre a França a tempestade terrivel, mas fatal e indispensavel, que veio renovar a face do mundo. Falou-lhe igualmente da recente independencia dos Estados Unidos, assim como dos passos que, junto de Jefferson, representante daquella Republica na França deram José Joaquim da Maia e outros estudantes brasileiros, no sentido de obter para a independencia do Brasil o apoio dos Estados Unidos. Todas estas informações cahiram como scintellas vivas na alma de Tiradentes, afervorando nelle os ideaes que o arroubavam.

De volta a Ouro Preto, intensificou a propaganda, transmittindo com o ardor de apóstolo e com a destimidez de visionario, o evangelho da redempção da Patria. Propósitos semelhantes já eram objectos das cogitações do grupo de juristas e poetas, nas palestras literarias que os reuniam frequentemente. Formou-se dahi a conjuração que cresceu em consistencia e amplitude. A ella adheriram elementos valiosos. Eram padres, eram commerciantes e mineradores, era o proprio tenente das armas, tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. Finalmente uma feliz oportunidade se apresentava para os revolucionarios. O visconde de Barbacena, recentemente chegado a Ouro Preto, trazia incumbencia de lançar a derrama para a cobrança executiva do imposto do quinto em atrazo. Esse imposto ascendia em 1778 á fabulosa somma de 539 arrobas de ouro. O povo que não podia satisfazer tão elevada exigencia, considerava-a como uma extorsão. Havia de revoltar-se: era chegado, pois o movimento revolucionario. Houve então uma reunião definitiva entre os conjurados, em que ficou inteiramente assentado o plano da revolução, e distribuido o papel de cada um no momento decisivo. A Tiradentes, como de razão, tocava a acção mais arriscada e importante. E de accôrdo com os planos assentados, partiu elle para o Rio no escopo de angariar a adhesão da capital ao movimento projectado, assim como ao padre Corrêa de Toledo, natural de Taubaté, tocava obter o apoio de S. Paulo.

A esse mesmo tempo, porém, a delação miseravel, rastejante, vil, ia, na pessoa de Joaquim Silverio dos Reis, levar ao Visconde de Barbacena, a denuncia do movimento planejado e o nome de todos os conjurados. O resto, vós o sabeis. O governador suspendeu a derrama; e os conjurados, presos e mettidos a ferros, foram levados para a capital da Colonia. Tiradentes, que se achava no Rio, procurára fugir á sanha do vice-rei occultando-se á sombra de amigos dedicados; mas foi por um acto de traição descoberto e entregue á



prisão, com grande aparato de força (10 de Abril de 1789). Abriu-se então a devassa que durou até Abril de 1891.

Cheias as prisões, começaram logo os interrogatorios, que duraram cerca de tres annos; e não preciso dizer-vos, pois que fora longo e fastidioso, o que foi essa provação dolorosa, imposta aos prisioneiros pelo crime nefando de terem sonhado com a independencia nacional. Direi sómente, e com profunda tristeza, que todos sossobraram nessa prova terrível. Foi um naufragio tremendo de caracteres, em que os réus negavam sua coparticipação no movimento, desdiziam-se, accusavam-se mutuamente, arrepellavam-se, e chegavam a rastejar aos pés dos algozes, implorando-lhes perdão. Apenas duas figuras salvaram nesse doloroso episodio a dignidade humana: o padre Corrêa de Toledo, que confessára sem rodeios a sua adhesão á conjura, e Tiradentes, que mostrou em todas as scenas, em todos os passos desta lugubre tragedia, a tempera de uma alma adamantina, a destimidez de um espartano, a impassibilidade de um estoico, a serenidade altiva de um Savanarolla. Foi submettido nesses tres longos e interminaveis annos de masmorra, a onze extensos e minudentes interrogatorios: nos tres primeiros, limitou-se a uma serena e singela negativa. Vendo porém, o procedimento de seus companheiros de prisão, expoz francamente, sem reбуços, os seus ideaes republicanos, a propaganda que fizera, a parte que tomára no conluio, mas sem incriminar ninguem, sem retaliar. Pelo contrario, chamou sobre si só toda a responsabilidade do que se houvera feito, e procurou defender os companheiros, inclusivé Gonzaga que era seu inimigo pessoal. A mesma firmeza, a mesma coragem, o mesmo estoicismo conservou até á scena capital desse drama pungente.

Na noite de 17 de Abril de 1792 foram os conjurados, em numero de 21, levados das prisões para o oratorio da cadeia publica. Os ministros da alçada, que vieram de Portugal especialmente para este julgamento, começaram a redigir o *acordam* da sentença que foi lida aos presos na madrugada do dia 19. Por essa sentença eram condemnados á morte nada menos de onze conjurados; alguns absolvidos, e outros condemnados a degredo perpetuo ou a desterro temporario nas costas da Africa.

Quando, na manhan desse dia, a terrifica noticia voou com a celeridade do raio pela cidade do Rio de Janeiro, a consternação foi geral e indescriptivel. Como não? Nunca se presencegara no Rio semelhante espectáculo; não havia na memoria dos homens lembrança de tanta effusão de sangue, de tão barbara carnificina. No dia seguinte o patibulo enorme, sinistro, de descomunal altura, começava a erguer-se, ameaçador e terrifico, nos campos de Lampadosa. Corriam as horas e a consternação publica augmentava. As execuções deviam realizar-se em breve.

Eis, porém, que uma ordem da Alçada mandava reunir novamente os sentenciados no oratorio da cadeia publica. Allí, depois da missa conventual, o juiz da Alçada leu aos conjurados uma carta regia em que D. Maria I autorizava aquelle tribunal a minorar a sorte dos accusados; e em virtude desta autorização a Alçada reformava a sua sentença para commutar em degredo perpetuo na Africa, a pena de morte de dez dos condemnados: só Tiradentes, como chefe ostensivo e reconhecido da projectada rebellião, devia soffrer a pena capital. Foi indescriptivel, no dizer de testemunhas presenciaes, a scena que se seguiu a esta declaração. Como cadaveres arrancados ao tumulto, sentindo a intensa alegria de quem retorna á vida, os condemnados davam gritos, riam-se, abraçavam-se, á medida que se lhes



retiravam os ferros. E no meio deste quadro estridente nesta atmosphera de triumpho e de tumulto, só um homem se conservava a um canto, curvado ao peso das algemas e dos grillhões. Era Tiradentes.

Como victima propiciatoria, que ia ser immolada no altar da patria, elle mostrou neste lance decisivo que era digno das bençams da posteridade e da gloria que havia de circumdar-lhe o nome. Do lugar em que se achava, acenava alegremente aos companheiros, sorria-lhes campasivamente dizendo que se sentia feliz por morrer sósinho, sem a magua de os arrastar comsigo ao cadafalso.

A nova noticia propagou-se coma mesma rapidez da primeira, e é de vêr-se o effeito que devia produzir no animo da população consternada. Um sentimento de allivio substituiu a incorporavel tortura que a todos opprimia. E nesse estado de excitação momentanea, nessa inesperada revolta de animo deu-se o que era de se esperar: o povo entregou-se a ruidosas manifestações de alegria, que a benignidade da Alçada lhe inspirava. E' certo que ainda havia uma victima; mas isso que importava, si estavam absolvidos 10 brasileiros, e o que ia morrer nem ao menos era conhecido?

Justamente a esse effeito visava o procedimento da Alçada. Ella já sabia que tinha de applicar a pena ultima a um só dos conjurados, que era o chefe, o cabeça do concluío. Mas para que este acto não suscitasse protesto, antes provocasse manifestações de applausos como convinha aos interesses da Metropole, preparou toda aquella enscenação hypocrita de calculada e mentirosa severidade. Fez as reuniões no oratorio da cadeia, funebremente decorado de negro; proferiu aquella condemnação de 11 réus, para em seguida, sacando de uma carta que tinha em mãos ha dezoito mezes, como si a recebesse naquelle momento, reduzir as execuções a uma só! E infelizmente não podemos occultar que o clero catholico daquelle tempo emprestou o concurso da religião para servir ás vistas refalsadamente machiavelicas, do governo portuguez: foram missas apparatusamente funebres para aterrorisar: sermões laudatorios para a acção official *Te-Deum* em acção de graça.

No dia seguinte, que era um sabbado, consummou-se o martyrio de Tiradentes. O governo empenhou-se em cercar de todo o aparato, em dar todas as mostras de regosijo publico, áquella execução que devia ficar como escarmento dos povos, como exemplo da sorte que aguardava a todos os que tivessem a mesma ousada pretenção.

Foi prohibida a sahida de navios; excessivo movimento de tropas percorria em todas direcções a Capital. As ruas por onde tinha de passar o condemnado foram garridamente ornamentadas, como para os grandes dias de festa publica. E a população carioca, mau grado a repulsão que suscita toda effusão de sangue, tornou-se até certo ponto connivente com as vistas do governo. E' duro de dizer-se, mas podemos extranhar, senhores, depois dos actos de calculada preparação psychologica referidas, que não tivesse a população do Rio ao menos um movimento de sympathya pelo brasileiro que ia morrer, ou um gesto de repulsa e reprovação áquella ostentação de força. Não teve; e o governo poudé assim executar a seu salvo, e com requintada dureza, o seu plano terrorista: consumir em plena praça publica, no coração da cidade, e diante de uma população estupificada, uma sentença de morte, que era costume fazer-se ás occultas, longe de olhar aterrorizado do publico.

Com effeito, naquelle sabbado festivo, á luz de um sol radiante,



sahia da cadeia publica, o prestito funebre que levava á forca o glorioso brasileiro. Com a mesma resignação heroica com a mesma firmeza espartana, sujeitava-se a todos os aprestos daquella terrificante solemnidade, pedindo unicamente que lhe apressassem a execução, que lhe encurtassem o martyrio. E para vêrdes como era attendido nesta supplica, basta dizer-vos que o prestito consumiu cerca de tres horas para fazer o percurso do caminho hoje constituído pela rua da Assembléa e a rua da Carioca. E depois que alcançou o alto do patibulo, teve ainda de supportar o sermão com que um sacerdote frei-José do Desterro, lhe prolongou o martyrio...

E assim, sereno resignado, imponente, como se desferisse o vôo para a Glória despenhou-se do alto aquella figura augusta que pelo braço ficou suspensa entre o céu e a terra.

III

EFFUSÃO

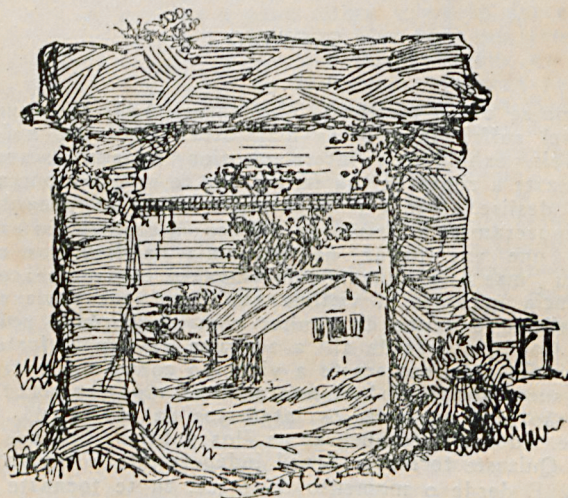
Consumou-se o teu martyrio, Tiradentes! Após tres annos de incomportavel soffrimento, pelas masmorras sombrias, após aquelles interminaveis, exhaustivos interrogatorios, aquellas acareações em que affirmaste a rijeza de tua fé, em que te não conspurcavaste com o mais leve deslize, foste enfim entregue á justiceira sanha do carasco! Expuzeram-te á irrisão do publico: a realza viu em ti, não o criminoso que vae pagar na ignominia da forca os crimes que commetteu, mas o instrumento de vingança contra as aspirações de independencia nacional, a victima expiatoria que devia pagar pelo povo brasileiro o crime de sonhar com a liberdade politica! Que importa? Começaste desde alli a ter uma existencia forte, mais intensa, mais fecunda, começaste a viver no coração e no espirito das gerações successivas! Ah! E nunca foste tão terrivel, tão revolucionario, tão perigoso para os interesses da Metropole, como dalli em diante. Tu sonhaste quebrar os élos politicos que nos ligavam a Portugal. Quizeste tornar o Brasil independente e implantar nelle a Republica. E desde o momento da forca, tu te tornaste patriarcha dos republicanos, o chefe invisivel que a todos incitava a pelear a boa peleja. Tu estiveste ao lado da phalange immortal que em 1814, isto é, apenas 25 annos depois do teu martyrio, proclamava a prematura Republica pernambucana, tão cruelmente abafada em sangue! Em 1822, eras tu quem guiava o braço do sabio do grande estadista Andrada, que realizava a primeira parte do teu programma: a separação politica do Brasil. Tu dirigias depois em 1824 a acção dos patriotas que proclamava a Republica do Equador. E era ainda o teu vulto gigantesco que exaltava os animos de Bento Gonçalves e dos legionarios da republica de Piratinim. Mas, a tua acção reduplicou, intensificou-se, cresceu, a partir de 1870, com a fundação do partido republicano. Eras a todo o momento lembrado nas reuniões e conciliabulos do partido; era o teu verbo inflammado, que pela bocca dos oradores, convulsivamente sacudia as multidões nas arengas da praça publica e fazia fremir de enthusiasmo o auditorio das conferencias.

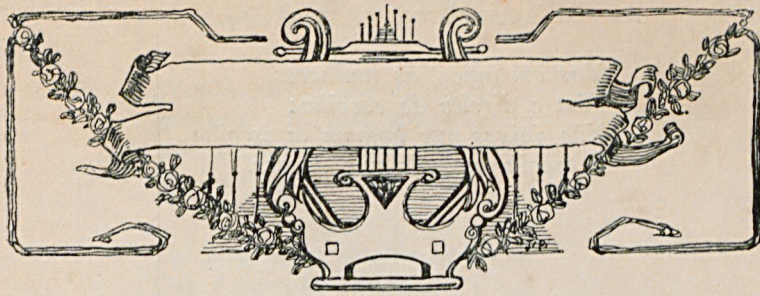
E porisso teu vulto glorioso, tua imagem rediviva, como que estremejava de jubilo na alma dos patriotas, quando ao alvorecer do dia



15 de novembro proclamava-se a Republica no Brasil. Completava-se o programma que te arroubara a alma de escol. Desde esse momento, ao teu vulto incomparavel ligaram-se para sempre as imagens de José Bonifacio e Benjamim Constant!

Salve, nume tutelar na nação brasileira!
Salve, Tiradentes!





CARTA DE GUIA DAS DONZELLAS

(Fragmentos)

POR JULIO CESAR DA SILVA

*Sê calada, sê discreta,
A avisados nem prudentes
Nunca os faças confidentes
Da tua vida secreta.*

*Muito ouvido e fala pouca,
Para que nunca te queixes:
Lembra-te sempre dos peixes,
Que morrem por sua bocca.*

*

*Porque és mulher, não te importes
Se só te cabem deveres;
Os direitos e poderes
Têm os homens, que são fortes.*



*Mas em amor, as mulheres
Têm o direito da escolha:
Não deixes que homem te escolha
E escolhe aquelle que queres.*

*

*Escravisa um coração
Que o tenhas sempre ao teu mando:
Mais que dois passaros voando
Vale um passaro na mão.*

*Esta regra, que é commum,
Medita bem e decora;
Se os dois se forem embora,
Lá ficarás sem nenhum.*

*

*A caso, se teu amado
E' frio ou tal te parece,
Ao teu amor elle aquece
O seu coração gelado.*

*Derretidos esses gelos,
Os teus grandes sentimentos
Não mais elle atira aos ventos
Com receio de perdê-los.*

*

*Essa fonte, que murmura,
Correndo sobre o seu leito,
E' tão transparente e pura
Como crystal liquefeito.*



*Se não queres que esverdeça
Misturada ao limo immundo,
Não mexas com mão travessa
No lodo que está no fundo.*

*Tal esse amor, de que és presa,
Que é puro na superficie;
Mas, posta á prova a pureza,
Lá vem á tona a immundicie.*

*

*M*ostra, através da existencia,
Teu lado melhor ao mundo;
Se não és casta no fundo,
Finge sel-o na apparencia.

*Não te exhibas. Mais prudente
E' esconder-te pelos cantos
Que fazer dos teus encantos
Exposição bermanente.*

*

*S*e dizer tudo não ousas
Quanto quizeras ter dito,
Escreve, que, por escripto,
Se dizem muito mais cousas.

*Quantas cousas infinitas
Ha nas cartas das amadas!
Mais que ternuras faladas
Valem ternuras escriptas.*

*



*Não tenhas por mal ou bem
Ser desta fôrma ou daquella:
A mulher é feia ou bella
Conforme os olhos que a vêem.*

*Quem tem sincera affeição
Nessas coisas não repara;
Não vê com os olhos da cara,
Mas com os olhos da illusão.*

*

*De ti bem sei que receias,
Que a cada passo m'ò dizes;
Ha certas horas felizes
Em que são bellas as feias.*

*Nunca, no dia, te apresses
Por chegar a essa hora exacta;
E' inutil andar á cata
De coisa que não conheces.*

*São horas raras. Entre ellas,
Por seu destino arbitrario
Outras ha em que, ao contrario,
São quasi feias as bellas.*

*

*Passo não dêsem arrimo,
Sê frágil, sê delicada
Como creança mimada
Que exige excessos de mimo.*

*Frágil, a todos persuade
De que te sirvam de esteio
E que vivam no reccio
Da tua fragilidade.*

*



*Casa-te pela razão;
Não queiras para marido
Aquelle cujo partido
E' o mesmo do coração.*

*Estuda os passos que dás;
Coração, ao fim de contas,
Até no amor anda ás tontas
E razão sabe o que faz.*

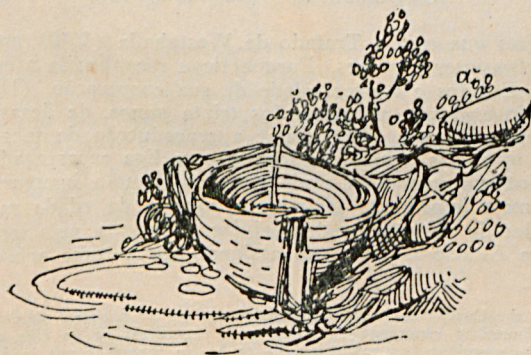
*

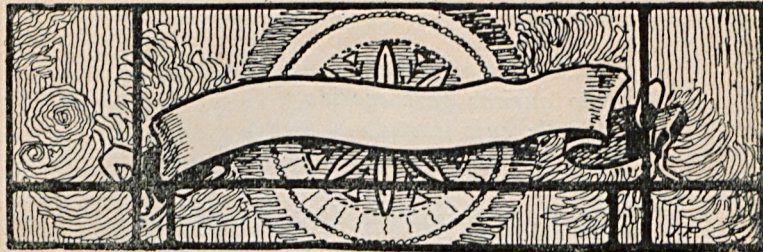
*As faltas de uma mulher
Cada passo praticadas,
São facilmente perdoadas,
Pelo bem que se lhe quer.*

*Pratica a falta que for,
Que embalde te sobresaltas,
Contanto que as tuas faltas
Não sejam faltas de amor.*

*Tão terriveis ellas são,
Que todo amante as condemna;
Falta em amor, por pequena,
Nunca merece perdão.*

S. Paulo.





A SOCIEDADE DAS NAÇÕES

POR HELIO LOBO

(da Academia Brasileira, secretario geral da Delegação
do Brasil á Conferencia da Paz)

Todos temos que aprender nestas paginas, baseadas numa informação exacta e minuciosa, acerca dos antecedentes da projectada sociedade internacional, especialmente da parte que a diplomacia brasileira tem tido em todos os grandes movimentos em prol do regimen da paz e do direito.

I

ANTES DA GUERRA

Os antecedentes da Sociedade das Nações estão na marcha mesma da humanidade. A Sociedade das Nações busca melhorar a cooperação internacional pela conservação da paz e o afastamento da guerra. Outro não é o fim da humanidade na sua longa estrada de esperanças e soffrimentos.

O tratado de Westphalia, 1648

Póde-se dizer que com o Tratado de Westphalia (1648) nova éra surge para as relações internacionaes. Porque ficou reconhecida a entidade internacional dos Estados e a necessidade de sua cooperação. (1)

Esse tratado encerrou a guerra dos trinta annos, de desastrosas consequencias para a Europa. Para evitar a reproducção de taes calamidades, cuidaram as potencias victoriosas formar uma liga encarregada de resolver as rixas e intervir quando o equilibrio, desde então inaugurado, se rompesse. "A mais importante guerra do começo da edade moderna pelos seus resultados de devastação, de prejuizos humanos, pelo tempo de duração, escreveu Estacio Coimbra ao assignar seu parecer sobre a Liga das

(1) "From the thirty year's war emerged a system of national states, in which each state was presumed to represent a nation, — to be, regardless of its size or influence, to be absolutely independent and sovereign, — to be, in theory if not in fact, quite equal to every other state": Carlton J. A. Hayes *The League of Nations*, The Atlantic monthly press, Boston, 1919, pag. 24.
The Historical Background, in Duggan.



Nações (Camara dos Deputados do Brasil, 21 de setembro de 1919), havia despertado no espirito dos chefes de governo a necessidade de evitar, ou, pelo menos, difficultar uma nova calamidade social. Era o primeiro passo para a Liga das Nações”.

Hugo de Grotius, 1583-1645

Foi ao tempo desses terriveis successos que viveu o chamado Pae do Direito das Gentes. Hugo de Grotius escreveu, sob a inspiração delles, o seu *De Jure Belli ac Pacis* (1625), e o exito da obra foi tal que impressionou a opinião. Conta Martens que Gustavo Adolpho da Suecia o sobraçava com o Evangelho, ao troar das batalhas. Compendiando com humanidade os preceitos da guerra, esse livro teve influencia predominante na evolução do direito internacional.

Emeric Crucé ou o “Nouveau Cynée”, 1623

O furacão das guerras ia inspirar tambem outro grande espirito. Assim vemos a Emeric Crucé procurando dar paz ao mundo com o seu *Nouveau Cynée ou discours, Etat représentant les occasions et moyens d'établir une paix générale et la liberté du commerce partout le monde dédié aux monarches et princes souverains de ce temps* (1623).

A seu juizo, todas as questões e disputas internacionaes deviam ser resolvidas por um conselho constituido pelos representantes dos monarchas e principes soberanos. Esses delegados jurariam considerar lei o que fosse decidido pela maioria, coagindo pela força os Estados recalcitrantes. Veneza seria a séde do conselho, que obraria pela persuasão, e, caso preciso, pela força (2)

No seu profundo amor da humanidade, Crucé confessa que a paz universal não é uma utopia como a Republica de Platão, e préga o combate aos exercitos permanentes. Segundo seu conceito, a concordia deve apoiar-se no commercio. Do Conselho escreve Crucé estas palavras: “Cette compagnie donc jugerait les débats qui surviendraient tant par la présence que pour autre chose, maintiendrait les uns avec les autres en bonne intelligence, irait au devant des mecontentements, et les apaiserait par la voie de douceur, si faire se pouvait, ou, en cas de nécessité, par la force.”

Para levar a cabo seu intento, não escondia Emeric Crucé “qu'il fallait qu'un puissant prince exhortât tous les autres a suivre le réglemeut susdit”.

Henrique IV e o Duque de Sully. 1634

Onze annos depois, conhece-se em Paris o *Grande Designio*, com que, segundo se attribue, Henrique IV, vencida a Austria, queria reconstituir a Europa. O projecto é attribuido ao soberano pelo seu grande ministro Sully, e, segundo seu teor, quinze paizes do continente deviam formar-se em republica christã, governada por um conselho de deputados, escolhidos de tres em tres annos, á razão de dois por paiz.

Tinha o conselho competencia para “juger souverainement de tous les différends qui pourraient intervenir entre elles, mais principalement touchant les religions, les limites d'entre les dominations voisines, les contribu-

(2) Ver, para pormenores, a magnifica traducção de Thomas Willing Balch, Philadelphia, 1909. — Tambem C. G. Drossinis, *Un précurseur français de la Société des Nations*, no *Journal de Geneve* de 29 de Setembro de 1919. Drossinis julga ter-se inspirado o presidente Wilson na traducção de Balch.

tions pour l'entretien continuel des armées tres chrétiennes et les distributions de terres et seigneuries qui se conquerront: les décisions desquelles devaient être tenues de tant infallible observations que le premier qui eût fait la moindre démonstration d'y vouloir manquer, tous les autres quatorze potentats se fussent bandés contre lui". (3)

William Penn e seu projecto. 1693

Não ficou, porém, ahí o ensaio de pacificação geral do mundo. Raivando a guerra que separou de um lado a Grã-Bretanha, a Hollanda, a Austria e a Hespanha, e de outro a França, (1688-1697), outro espirito liberal buscou remedio aos males desencadeados pela formação de uma *League of Nations*. Pela primeira vez a expressão surge, e a emprega William Penn no seu projecto de paz geral (1693).

"Most wars, escreveu elle, are due to wrong received or to right refused. Hence Justice is the best means of preventives wars, both at home and abroad". Tal justiça se obteria pelo intermedio de um parlamento internacional, denominado *The Sovereign, Imperial, Dyet, Parliament or State of Europe*, constituído de representantes dos paizes europeus, segundo a importancia de cada um, medida essa importancia segundo os recursos de importação e exportação, as rendas e os impostos. Tomar-se-ia o voto por estado e por dois terços de maioria; e si algum membro da liga se recusasse a aceitar a decisão geralmente tomada, ou a apresentar sua pendencia a julgamento, ou ainda procurasse o remedio nas armas, "all the other sovereignties, united as one strength, shall compell the submission and performance of the sentence, with damages to the sustaining party, and charges to the sovereignties that oblige their submission".

Como se vê, vai-se accentuando a evolução do organismo. O projecto, entre outras medidas, procura determinar tambem a redução dos armamentos. (4)

O abbade Saint Pierre. 1713

Com o Tratado de Utrecht findou a guerra de successão de Hespanha. Secretario do plenipotenciario francez, procurou o Abbade Saint Pierre organisar a concordia do continente pela acceitação, por parte das nações nelle existentes, de "cinco artigos fundamentaes de uma alliança absolutamente necessaria para haver paz duravel" (1713)

Preceituava o artigo primeiro que os soberanos assignariam uma alliança perpetua "pour se procurer mutuellement, durant tous les siècles a venir, entière sûreté contre les malheurs des guerres étrangères et des guerres civiles et la conservations en entier de leurs Etats"; estatuiu o segundo

(3) Confere: *La Prochaine Société des Nations, na Paix des Peuples*, L, n. 2, pag. 277.

(4) Ver *William Penn's Plan for a League of Nations*, by William L. Hull, Philadelphia, 1919. — Essa memoria, deveras interessante como precursora das idéas actuaes, foi publicada em Londres, pela primeira vez, anonymamente, em 1693, e, pela segunda, com o nome do autor, em 1694. Advoga nella William Penn a causa da paz rebatendo alguns dos argumentos que hoje communmente se têm nestes assumptos, dentre os quaes cumpre relevar a perda da soberania para os Estados confederados. "But this is also a mistake, escreve elle, for they would remsin as sovereign at home as ever they were; neither their power over their people, not the usual revenue they receive would diminished". Faz resaltar o annotador a actualidade dos argumentos então alinhados por Penn em defesa da sua *League of Nations*, comparando-os aos resultados das Conferencias de Haya e do Pacto de Versalhes. Penn diz, por exemplo, sobre a egualdade da representação, que "the stronger and richest sovereignty is not stronger and richer than all the rest" e cada nação deve ter somente "a small force, such as it is capable or accustomed to maintain."

que cada Estado concorreria "a proportion a la sûreté et aux depenses communes" da grande alliança; exprimia o terceiro que os grandes aliados, para solução de todas suas questões renunciavam "pour jamais, pour eux et leurs successeurs, a la voie des armes et conviennent de prendre, dorénavant la voie de conciliation par la médiation du reste des grandes alliés, dans le lieu de l'assemblée générale"; dispunha o quarto que se algum membro da alliança recusasse executar o julgamento proferido negociasse tratados ou fizesse preparativos de guerra, "la grande alliance armera et agira contre lui, offensivement, jusque ce qu'il ait executé les dits jugements ou réglemens, ou donné sûreté de réparer les torts causés par les hostilités et de rembourser les frais de guerre"; finalmente, o quinto artigo exarava que os aliados, por maioria de votos, "regleront, dans leur assemblée perpétuelle, tous les articles qui seront jugés nécessaires et importants pour procurer a la grande alliance plus de solidité, plus de sûreté, et tous les autres avantages possibles mais l'on ne pourra jamais rien changer si ces cinq articles fondamentaux que du consentement unanime des alliés".

O projecto do abbade Saint Pierre institue, em consequencia, um *senado da paz*, composto de 24 deputados, de mais de 40 annos, mantidos na *cidade da paz* pelos aliados, durante todo o anno, com os vencimentos totaes de 72.000 libras. Esse senado, esclarece o escriptor, "ne forme pas seulement un tribunal judiciaire, mais un corp politique, placé au dessus de tous les Etats et dispose de pouvoirs considérables et même de désigner les successeurs des souverains mourants sans héritier. Le sénat déliberem tantôt en assemblée générale, et tantôt en bureau." (5)

Bentham e Kant. 1789 e 1795

Como é de prever, todos esses bem intencionados ensaios pré-gavam, por assim dizer, no deserto. De tempos a tempos, a gurra raivava de novo, com todo seu sequito de calamidades e soffrimentos. Era de homens, estava no seu sangue. Isso, aliás, não impedia que a melhoria das relações internacionaes se buscasse não somente pela obra dos pensadores, como pela acção dos proprios Estados.

Duas revoluções politicas e uma industrial, rebentando com impeto, deram então novo rumo á civilização. Com a revolução franceza integrava-se o homem nos seus direitos essenciaes; por obra da americana de independencia reconhecia-se aos povos o direito de livre disposição; a revolução industrial apressou a marcha das cousas e das idéas com a applicação do vapor ás manufacturas e ao commercio. Começavam a travar-se as questões politicas e economicas. Que rumo seguiram os ideais humanitarios?

Dois pensadores lidam, entretanto, pela realização delles no campo das relações internacionaes: Jeremias Bentham, inglez, e Emmanuel Kant, allemão.

Partindo do ponto de vista de uma *entente* entre a Grã-Bretanha e a França, Bentham propõe a pacificação geral da Europa (1789) por esses dois paizes, mediante um tratado de desarmamento, o estabelecimento de uma côrte commum de justiça, sem meios, aliás, de coercção, a abolição da diplomacia secreta, e o abandono do systema colonial.

Kant, por seu turno, procura na sua *Paz Perpetua* (1795) o socego mundial pelo intermedio da constituição de uma *federação de Estados livres*

(5) Ver, para pormenores, Abbé de Saint Pierre, *Paix Perpetuelle*, 1713. — Tambem Carlton J. A. Hayes, *The Historical Background*, cit. pag. 25.



e o reconhecimento do direito á hospitalidade universal. O projecto de Kant offerece esta particularidade: ao contrario dos anteriores, elle não institue ligas de governos ou principes, e, ao contrario, ensaia apoiar-se na communhão social, fonte de todo poder official. São quatro as condições, segundo o philosopho de Koenisberg, para uma paz universal duravel: representação popular no Governo, federação internacional de Estados livres, cidadania universal, não intervenção de um Estado na constituição e administração interna de outro.

A Santa Alliança. 1815

A Santa Alliança ligou as potencias colligadas contra Napoleão para a defesa do legitimismo. Codigo do absolutismo, como o denominaram, elle não podia, porém, perdurar porque feria de frente a evolução dos acontecimentos politicos.

Quatro congressos, como se sabe, procuraram concertar a acção dos imperantes contra a insurreição generalisada: Aix la Chapelle (1818), Tropeau (1820), Laybach (1821) e Verona (1822). Mas viu-se logo que seria trabalho vão. A coligação logo se dissolveu, e foi a Grã-Bretanha quem deu o exemplo, inspirado não somente nas suas tradições liberaes mas também nas necessidades do seu commercio ultramarino.

Tem o compromisso da Santa Alliança um appello á religião, á paz, á justiça. Mas nem por isso deixou de ser um instrumento de dominação, posto em pratica, aliás, em breve periodo, pelos chefes de governo.

Não procede, portanto, o paralelo que, aqui e acolá, se buscou traçar entre elle e o pacto da sociedade das nações. Emquanto o primeiro não passava de uma liga de soberanos com menospreço das prerogativas populares, o segundo procura ser uma associação das nações livres, cuja perenne inspiração reside no auscultamento da vontade internacional.

Este é o texto do artigo primeiro da Santa Alliança (14-26 Setembro 1815):

“Conformably to the words of the Holy Scriptures which command all men to consider each other as brethren, the contracting monarchs will remain united by the bonds of a true and indissoluble fraternity, and, considering each other as fellow-countrymen, they will, on all occasions and in all places, lend each aid and assistance; and, regarding themselves toward their subjects and armies, as fathers of families, they will lead them, in the same spirit of fraternity with which they are animated, to protect religion, peace and justice.”

A Independencia sul-americana. 1810-1824

Emquanto a Santa Alliança ia intervindo no contingente europeu, afim de repôr e garantir nos seus tronos os reis e imperantes, deixou-a obrar a Grã-Bretanha. Desde que ensaiou, porém, estender sua acção além dos mares, com o fito de dominar as colonias hespanholas em via de emancipação, o acto do gabinete de S. James foi immediato. Os mercados americanos iam pertencer ao mais habil.

George Canning dirigia, a esse tempo, os destinos britannicos. Jorge Monroe os dos americanos do norte. Da iniciativa do segundo, ou, melhor, do seu secretario Adams, combinada com os propositos do primeiro, surgiu a doutrina que, em 1825, declarou expressamente estar o continente americano a coberto das intervenções europeias, quer para lhe imporem a forma de governo, quer para o sujeitarem á colonisação.

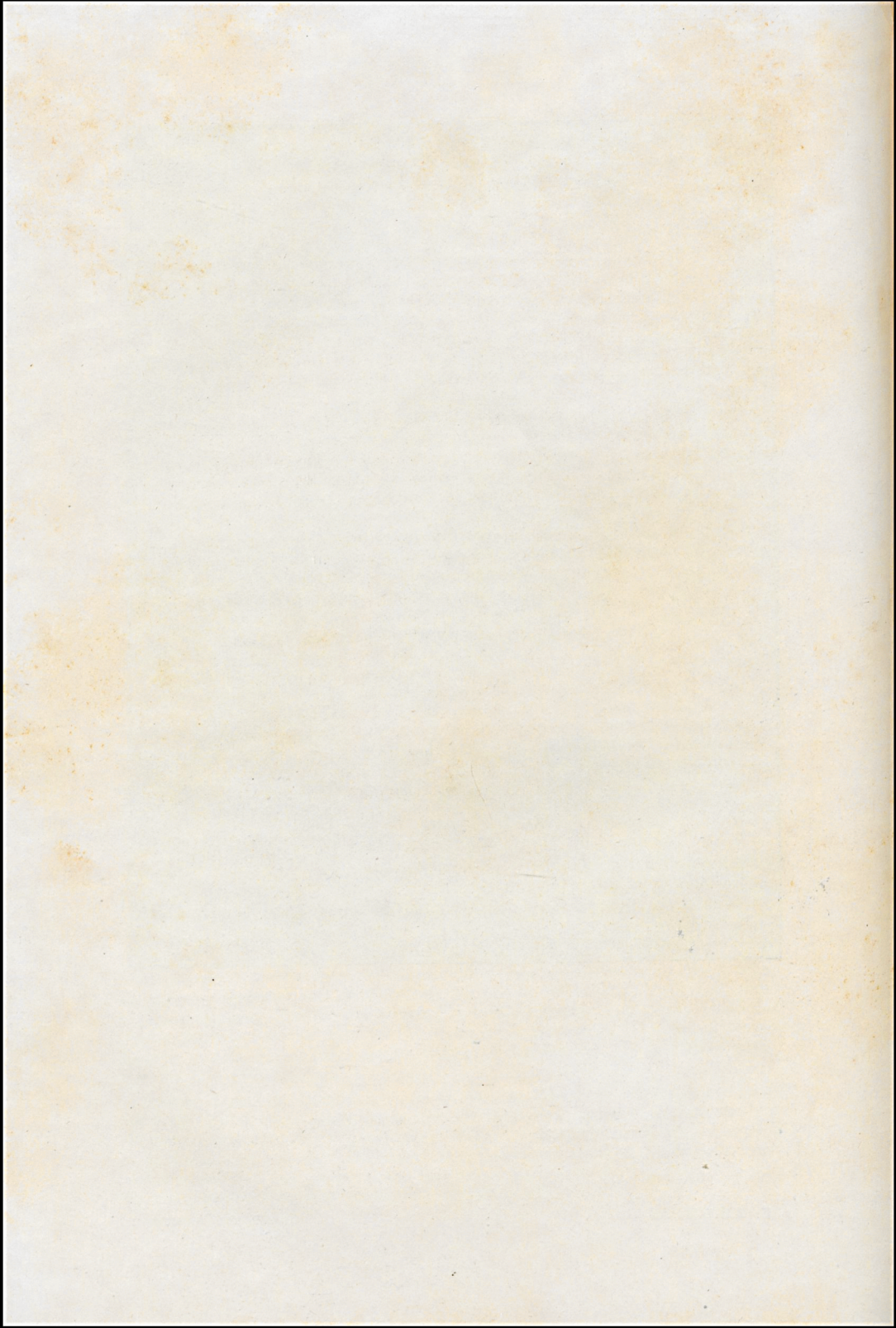


ARTE NACIONAL



C. AMAZONAS

Estudo de Paisagem



Muito se escreveu e discutiu sobre essa doutrina, mas é claro que não responde ella pelas interpretações que, por varias vezes e maneiras, se procurou estabelecer. "Nenhum paiz poderá aqui impôr formas de governo em nome da Europa, nem tampouco poderá a Europa ensaiar a colonisação nestas terras", tal foi a essencia da doutrina, a cuja protecção devemos todos não nos tocar a sorte da Asia e da Africa.

Presuppunha a enunciação da doutrina do quinto presidente um concerto de defesa contra a acção de ultramar. E assim se fez. Monroe resumiu numa mensagem feliz o pensamento que o continente não sabia enunciar, mas que procurou, de accôrdo com elle, praticar. (6).

A independencia sul americana foi factor relevante no desenrolar dos acontecimentos internacionaes. A theoria das nacionalidades, nascendo a medo na Europa, desabrochava com todo seu viço no novo mundo. A America começava a pesar na balança dos ventos universaes.

A convenção de Philadelphia. 1787

Se a America seguia já bom rumo nos assumptos internacionaes (como os relativos á guerra maritima, por exemplo), ella podia demonstrar, no seu tope, como de elementos heterogeneos se podia erigir uma federação exemplar. (7)

Escreveu um auctor a este respeito: "Whith the exception of possessing a common language and common literary traditions, the American colonies of the eighteenth century were more disparate in political, social, economic, and religions conditions, and more remote physically from one another, than are the chief nations of the world at the present time." (8)

Se o conceito é, de certa fôrma, exagerado, elle serve, entretanto, para mostrar que as treze colonias americanas, ao se federarem, realizaram uma maravilha politica tal, que, de direito, lhes cabe a primazia pratica na tentativa de formação de uma sociedade das nações.

Teve occasião de o demonstrar James Brown Scott ha pouco, num interessante livro. E de facto, como alli se expõe e prova, nada mais difficil que conciliar os interesses tão fundamentalmente oppostos das colonias. A *tarefa colossal*, como elle a denomina, da Assembleia de Philadelphia (1787), exigindo, no dizer de um dos seus maiores collaboradores, Madison, o esforço de quasi deuses, deparou taes tropeços e tão poucas probabilidades que com difficuldade se acreditava num resultado satisfatorio. Venceram os convencionaes todas as barreiras, chegando, por um alto espirito de transacção e mutuo sacrificio, a levantar os alicerces sobre os quaes se ergueu a União Americana. Chocavam os interesses regionaes com os da nação a tal ponto que as negociações por vezes estiveram a pique de naufragar; e entre elles excusa lembrar os da escravidão. Poder legislativo, poder executivo, poder judiciario, relações do Governo Federal com os Estados e destes entre si, egualdade de representação entre grandes e pequenos, tudo isso se levou a cabo não sem graves embaraços com admiravel tenacidade e seguro resultado. "Ils se rencontrèrent, escreve Scott, dos constituintes, des le seuil de la conférence même, le conflict entre les grands et les petits états, et ils le réglerent dans les derniers jours de la

(6) Ver um estudo completo sobre a essencia da doutrina e o papel de cada um dos collaboradores na promulgação della no meu livro *De Monroe a Rio-Branco*, capitulo I a este.

(7) Ver Helio Lobo, *Cousas Diplomaticas*, Leite Ribeiro e Murillo, Rio de Janeiro, 1918, capitulo: "A guerra maritima e as tradições internacionaes do Brasil".

(8) Carlton J. H. Hayes, *The Historical Background* cit., pag. 30.



convention, a la satisfaction des arties opposées. Ils n'eurent pas, il est vrai, toutes les difficultés de langage, de race et de religion ou de tradition que rencontrent les conférences internationales plus importantes, mais on parlait alors, et on parle actuellement encore, plus d'une langue sur le rivage de l'Atlantique, et les colons, venus de bien des contrées étaient de race bien différentes..."

O compromisso, de que resultou a federação americana é bem a demonstração da possibilidade de formação de uma sociedade das nações. Previu-o Franklin áquelle tempo, ao remetter para a Europa um exemplar da nova constituição. "Je vous envoie ci-inclus la nouvelle constitution fédérale, projectée par ces états, escrevia elle, a Grant, em 22 de Outubro de 1787. J'ai été occupé quatre mois du dernier été a la convention qui la redigea. Elle ets maintenant envoyé et par le Congrès aux différents états pour qu'ils l'approuvent. Si cela réussit, je ne vois pas pourquoi vous ne pourriez pas en Europe réaliser le project du bon Henri IV, en formant une union fédérale et une grande république de tous ces divers états et royaumes par les moyens d'une semblable convention, car nous eumes bien des intérêts a concilier." (9)

Outro auctor, não menos recentemente, sublinha essa colaboração americana na construção efectiva da Sociedade das Nações. É Charles Sarolea no seu *Europe and the League of Nations* (10). As colonias estavam divididas, afirma elle, por factores physicos, politicos e espirituaes, — a distancia, o clima, os interesses economicos, as divergencias da organização social, a escravidão, a desigualdade de territorios e de importancia politica. E tudo isso não impediu que constituissem o modelo das federações. "When the American Commonwealth was established, escreve Sarolea, the three larger states-Virginis, Massachussetts and Pensylvania — demanded the same predominance which the Big Powers are demanding to-day. The smaller states refused to accept such predominance and they imposed their will. Under the American constitution the small states of the Union have the same voting power as the large states in the Senate, which, in international affairs, fulfils the same functions as the League of Nations. The state of Nevada sends the same number of representatives to the American Senate as the states of New York and Pensylvania, which have a population a hundred times larger."

O Congresso de Panamá. Os Congressos Pan-Americanos, 1826-1910

Mas não era só na sabedoria politica do seu paiz mais septentrional que a America indicava aos homens a via pratica da communhão internacional. Era tambem por um continuado esforço em approximar e unir os paizes que a formavam.

Nem por ser geralmente ignorada, a iniciativa de Panamá deve passar sem relevo. Ao orador sul-americano que, obscuramente entre os formidaveis acontecimentos daquella hora, falou pela Republica do isthmo, na sessão de 28 de abril de 1919, deviam ir todas as homenagens da Sociedade

(9) James Brown Scott, *Notes de James Madison sur les débats de la Convention Fédérale de 1787, et leur relation a une plus parfaite Société des Nations*, Paris, Bossard, 1919. — É curioso acompanhar o autor não somente no paralelo que faz entre a convenção, as conferencias internacionais e os projectos de uma sociedade de nações, como tambem na exposição do que foi preciso vencer para se formar o que chama "a unica, grande, feliz e duravel união de estados que se pode encontrar nos annaes da historia."

(10) Charles Sarolea, *Europe and the League of Nations*, London, G. Bell and Sons, 1919, pags. 65 e 305.



das Nações, então recém-fundada. Porque Tacubaya tem a primazia internacional sobre Philadelphia.

Sabe-se, com effeito, que em 1826 planejou Simão Bolívar a reunião da America em conferencia, sob as bases de uma federação. Esse plano teve na cidade de Tacubaya, isthmo de Panamá, certo ensaio de realização, fracassado por motivos hoje conhecidos. Era complemento do disposto nos tratados que, em 1822, 1823 e 1825, uniram a Colombia ao Perú, Mexico, o Chile e America Central, e por força dos quaes, esses paizes, sem quebra de suas respectivas soberanias, deviam reunir-se em congresso solemne, composto dos representantes de todos elles com o encargo de "cimentar de um modo estavel suas relações, servir de conselheiro nos grandes conflictos, de ponto de contacto nos perigos communs, de fiel interprete de seus tratados publicos e de juiz arbitral e conciliador em suas querellas e pendencias".

Reforçando esses designios, a circular convocadora (7 de dezembro de 1826) adduz argumentos para provar que só uma assembléa geral da America, com esses intuitos, poderia manter "por sua influencia os principios da politica exterior do continente e enfrear as agitações prejudiciaes". "O dia da troca de poderes entre nossos plenipotenciarios, concluiu Simão Bolívar, formará epoca memoravel na historia diplomatica americana. Quando, decorridos seculos, a posteridade indagar de nossas instituições politicas e voltar as vistas para o pacto que houver consolidado nosso destino, consultará com veneração os protocollos do isthmo. Nelles descobrirá a base das primeiras allianças, que deverão regular nosso desenvolvimento com o universo."

Fracassasse o congresso, pelo só comparecimento da Colombia, America Central, Mexico e Perú, não deixou elle de ser um precursor, inspirando, ao mesmo tempo, outras conferencias na America.

E' certo que tiveram ellas, na sua primeira phase, feição mais defensiva que politica. Não havia passado o perigo de reconquista pela metropole e cumpria concertar a defesa em commum. Foram as tentativas mexicanas de 1833, 1838 e 1840: o tratado de união dos estados americanos, assignado em Santiago do Chile em 1836; e as conferencias de Lima, de 1847 e 1864. Mas sem embargo dos seus fins mediatos, tomaram essas reuniões algumas medidas de relevo, em beneficio da melhoria das relações internacionaes, á testa das quaes cumpre apontar a abolição do corso, e garantia da propriedade maritima em tempo de guerra, a necessidade do bloqueio effectivo, etc. (11).

Pan-Americanismo ou, melhor, Inter-Americanismo. 1889-1920

Pan-americanismo começou a chamar-se, então, o conjuncto de elos que dia a dia mais apertavam a existencia dos paizes do novo mundo entre si. Era a America o continente da democracia; ignorava a luta das raças; não conhecia as rixas de hegemonia; furtara-se desde cedo aos principios de colonisação de outras terras; e seus annaes internacionaes enchiam-se

(11) Ver, para pormenores, meus livros: *De Monroe a R'o-Branco* cit., capitulos: "A Primeira Conferencia de Lima", "A Assembleia do Isthmo" e "Tentativas de uma codificação". *Brasil, Terra Chava*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913, capitulo: "A lição panamericana". E' curioso comparar os intentos do Congresso do Panamá, ali analysados, com os ideais modernos de uma Sociedade das Nações. Já surgiam então as objecções relativas á restricção da soberania e ao perigo das allianças externas. Nos Estados Unidos, por exemplo, a custo conseguiu Adams, então presidente, obter a adhesão ao Congresso e o momento, no seu dizer, já era diverso, quanto á realização dessas allianças, do tempo de Washington.

de boas praticas quanto á mitigação dos horrores da guerra. Alguns dos seus aspectos, no concerto mundial, eram tão *sui-generis*, que se cuidou de crear, ou antes reconhecer, a *existencia de um direito internacional americano*, quando a denominação mais acertada seria a de *problemas e situações americanas no direito internacional*. (12)

Para realização dos ideais pan-americanos (melhor seria a denominação inter-americanos) varias conferencias se realizaram na America: em Washington (1888), no Mexico (1902), no Rio de Janeiro (1907) e em Buenos Aires (1910). Ao rebentar da guerra, estava a quinta convocada para Santiago do Chile (1915).

Tiveram esses comicios exito crescente e, além de certas medidas de caracter financeiro, commercial e economico, taes como a uniformisação dos documentos consulares e de alfandega, a regularisação do exercicio das profissões liberaes, a codificação da legislação sobre patentes de invenção e marcas de fabrica, e a construcção de um ferro carril panamericano, as conferencias foram excellente meio de approximação continental e conhecimento mutuo entre os paizes da America. Foi por decisão de uma dellas que se inaugurou no Rio de Janeiro o trabalho de codificação do direito internacional na America, tarefa interrompida pelo advento da guerra; e tambem em virtude de suas decisões foi que se instituiram as conferencias sanitarias e financeiras de todo o continente. A ultima destes acaba de ter sua assentada em Washington.

Entre outros traços relevantes de taes assembleias, cumpre lembrar a declaração do Secretario de Estado Root, no Rio de Janeiro, perante a terceira conferencia: "Não desejamos victorias senão as da paz; territorio senão o nosso; soberania alguma a não ser a soberania sobre nós mesmos". E como Secretario da Delegação do Brasil á IV, reunida na capital da Nação Argentina, posso dar testemunho dos altos intuitos, que a dictaram.

Os tratados Bryan, 1914

Não ficou, porem, em declaração platonica o continente americano. Porque accedeu ao convite dos Estados Unidos da America para assignar os tratados que se chamaram Bryan. O convite era, aliás, para toda a civilisação.

Era intuito dos tratados Bryan resolver pacificamente as questões internacionaes por meio de uma commissão de inquerito, a que seriam sujeitas, dentro de determinado prazo. Entregando á commissão de inquerito a questão que as dividia, deviam as nações comprometter-se em não declararem entre si a guerra nem commeterem o menor acto hostil. Alguns desses tratados prohibiam o augmento de armamentos durante os trabalhos da commissão de inquerito.

Foi o Brasil o quarto paiz a adherir ao convite da Casa Branca, precedido apenas pela Italia, a Grã-Bretanha e a França. Foram 33 as adhesões ao tempo da abertura da guerra mundial e 26 as ratificações. A data do tratado brasileiro-americano é a de 24 de Julho de 1914, e, em virtude do artigo 1.º, "as duas altas partes contractantes assentam em submeter á investigação de uma commissão permanente, que sobre ellas dará parecer, todas as difficuldades de caracter internacional que surjam entre ellas e não possam ser directamente resolvidas por via diplomatica nem caibam

(12) Consulte-se sobre essa questão: Alvarez, *Le droit international américain*, Paris, 1910. Sá Vianna, *Non existence d'un droit international américain*, Rio de Janeiro, 1911...

nos termos da convenção de arbitramento vigente entre ambas; e accordam em não declarar guerra uma á outra nem começar hostilidades emquanto não fôr apresentado o resultado dessa investigação." E' de um anno, segundo o artigo 3.º, esse prazo.

O fim dos tratados Bryan é amortecer o primeiro impulso que, na politica internacional, precipita sempre os acontecimentos, tornando a guerra irreparavel. Interposto largo periodo de tempo desde as primeiras desintelligencias até a declaração da guerra ou o inicio das hostilidades, — o *cooling off period* dos tratadistas americanos, — muito ganham os interesses da paz. E' o que se chama a *moratoria* nos livros britannicos. Esta circumstancia é relevante, pois teve exito preponderante na promulgação do Pacto da Sociedade das Nações. (13)

A cooperação internacional na Europa Política de equilibrio e Conferencias de Haya, 1870-1914

Seguia, entretanto, seu rumo e politica de aproximação dos paizes europeus. Se falhava o principio do arbitramento na maioria dos casos, algumas vezes elle se impoz com evidente vantagem para a paz universal. Entre todos os outros, o caso do *Alabama* deu-lhe prestigio e notoriedade.

Por outro lado, multiplicaram-se, no campo das exigencias praticas, os elementos de aproximação internacional. Trinta nações constituem em 1875 a União Telegraphica Universal; vinte e tres acceitam no mesmo anno a convenção que adoptou o systema decimal de pesos e medidas; sessenta adherem, em 1878, á União Postal Internacional; dezenove ratificam a convenção internacional de Berna, de 1883, para a regulamentação das patentes de invenção; vinte seis comparecem á Primeira Conferencia da Haya e quarenta e cinco á segunda.

São conhecidas as circumstancias nas quaes foram convocadas essas duas assentadas internacionaes. Vivia a Europa desde 1878 sob a atmospha pesada das competições militares. O Congresso de Berlim, em vez de sanar a borrasca, mais a provocou. Potencia de primeira classe, a Alemanha emprehendeu a realisação de tres guerras, para consolidação do seu poderio. Espoliada a Dinamarca, abatida a Austria, mutilada a França, ella ia preparar-se para a conquista do mundo.

Onze guerras se desencadearam entre 1870 e 1914, por nenhuma das quaes foi a Alemanha especialmente responsavel: a Russo-Turca de 1877, a Chileno-Peruana, a Serbo-Bulgara, a Turco-Grega, a Sino Japoneza, a Hispano-Americana, a Anglo-Trasvaliana, a guerra dos Boxers, a Russo-Japoneza de 1905 e as duas Balkanicas de 1912-1913. Dizem os cinco dolorosos annos da guerra, hontem encerrada, como a Alemanha preparou-se para ella, a procurou, e nella viu sua hegemonia sobre o mundo. Sobre tardia, a lição era tremenda pue por acaso, prevenil-a a lição do direito, ensaiando a custo levantar-se na Haya?

Não podia a assembleia de 1907, completando a iniciativa de 1899, sobrestar a catastrophe. Politica de equilibrio, atmospha de desconfianças, luta do capitalismo desenfreado com o proletariado, tudo presagiava irremediavelmente o desfecho de 1914. Mas nem por isso foi menos benefica a obra das duas conferencias. A primeira tem no seu activo a applicação da convenção de Geneve á guerra maritima, a instituição do tribunal de arbitramento, mais tarde melhorada. A segunda pode orgulhar-se, entre

(13) Ver o *Relatorio do Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil* de 1915, I, pag. 140.

outras cousas, da decretação do arbitramento obrigatorio, da criação do tribunal permanente de arbitragem e da convenção regulando os deveres e direitos dos neutros. Léon Bourgeois pioneiro da Sociedade das Nações em França, deixou dito, num formoso livro, dos resultados das duas reuniões diplomaticas. (14)

Nesse interim, a Conferencia Naval de Londres (1908-1909) tornava possivel, além de outros resultados apreciaveis, o funcionamento da Côte Internacional de Prezas, estabelecida pela Conferencia da Haya de 1907. E a União Interparlamentar procura approximar, de paiz a paiz, os homens de boa vontade, num esforço meritorio em bem da paz universal.

A contribuição do Brasil. 1822-1914

Foi o idealismo brasileiro nossa melhor credencial no convívio das nações. Tivemos no cumprimento de uma severa moral internacional, nossa mais pura fonte de orgulho. Se a solução não foi, ás vezes, a que mais consultava os interesses materiaes do paiz, nunca deixou de ser a que reclamou a honra do Brasil no seu culto da justiça e da paz.

Em quatro ou cinco livros puz em revista alguns dos antecedentes historicos e diplomaticos brasileiros. Diante quatro universidades estrangeiras, em tres paizes amigos, falei de nossos titulos de nobreza no trato das nações. E tive ensejo de declarar que jamais me cahiu sob os olhos papel ou acto que destoasse de uma severa pauta internacional. Que melhores antecedentes para a Sociedade das Nações?

“A todos quantos, argentinos amigos, — tive a honra de falar perante a Universidade de Buenos Aires, a 27 de Junho de 1918 — passastes pelo Rio de Janeiro, tem ido buscar nossa hospitalidade para os extremos em que se apraz. De bordo dos transatlanticos ao passeio pelas alamedas em flor, fizestes muitas vezes poiso na velha casa modelar, onde, entre *aubussons* de custo e o gosto das tradições, se vela pela nossa situação exterior. Não vos é extranho o nome, aqui já o pronunciei eu, está nos livros, na linguagem dos jornaes, no conhecimento do mundo. E’ o Itamaraty. A serenidade do ambiente vos terá commovido, tão pausada allí é a lição das cousas, tão segura a pratica do serviço, tão discreta a attitude dos homens. Velhos e moços só tem um fito, o de que o Brasil não desmereça de tradição internacional em que nasceu, e viveu, — honrado, sereno e justo.

“Vai para muitos annos, candidato ao socego fecundo daquella casa, eu tambem allí penetrei para a meditação e o estudo. Era uma dessas manhãs de sol, que são o orgulho da mocidade e compõem a mais doce recordação da idade madura. Eu sonhava ter a mancheias, sob os dedos curiosos, os archivos imperiaes, taes nol-os indicava a imaginação, com seus segredos secu ares, sua linguagem em cifra, sua alma e sua significação. Eram cincoenta annos de um reinado, que reviveriam assim, com todo seu encantamento, para meus olhos extasiados. E o que então vi, o que desde então me puz a verificar dia a dia, num trabalho de benedictino, eu poria em livros sem conta, traria para a gazeta, a tribuna, desfraldaria como uma bandeira gloriosa ao sol tropical, faria resoar pela America, a Europa, o mundo inteiro, como as mais bellas credenciaes de uma raça. Que nobre e formosa lição aquella... Reviviam os homens para minha admiração, renasciam as edades da papelada informe, sem o mais leve deslize na linha directiva, sem o mais pequeno recuo na significação generosa. Erros casuaes podia haver, tão naturaes nas sociedades em formação. Impruden-

(14) Léon Bourgeois, *Por la Société des Nations*, Paris, George Cuyes, 1914.



cias, acaso, existiam, tão communs nas democracias inexperimentadas. Mas pensamento não vi, que se não pudesse publicar, papel não topei, que nos fizesse corar, instrucção não surprehendi cujo conteudo nos não ennobrecesse."

Nosso intuito foi sempre tornar mais intima a cooperação internacional, sob a base dos mais liberaes principios.

Assim, em assumptos de guerra maritima, não somente adherimos com effusão ás declarações do Congresso de Paris, de 1854, como tambem pedimos que se juntasse, corollario natural, a garantia da propriedade particular sobre agua, tão a peito defendida cincoenta e tres annos mais tarde, na Haya, pelo embaixador do Brasil. Foi, então, de Paranhos a palavra de que "toda propriedade particular inoffensiva, sem excepção dos navios mercantes, deve ficar ao abrigo do direito maritimo contra os ataques dos cruzadores de guerra." Já tinhamos de facto abolido o corso (1822), e a exigencia da effectividade do bloqueio, para sua validez, era já commum, desde 1825, em nossa tradição. Quanto a permanencia de navios neutraes belligerantes em aguas neutraes, deu-nos a guerra de successão americana tal notoriedade, que nossa lição constituiu exemplo.

O assumpto do arbitramento, — esse demandaria larga explanação, tal a pratica que delle temos. O Brasil não só procurou praticar o arbitramento como o enxertou na sua constituição como recurso obrigatorio antes da declaração da guerra. Apenas independente, entregava o Brasil ao julgamento de commissões arbitraes a decisão de questões que o separavam da metropole e de outros paizes, como a Grã-Bretanha e a França. Em 1856, com nossa alludida adhesão aos resultados do Congresso de Paris, foi o voto de que "nas dissensões internacionaes, sempre que as circumstancias o permittissem, antes de lançar mão das armas, se recorresse aos bons officios de uma nação amiga". Em 1863 decidiu o arbitramento a questão da fragata *Forte*, com a Grã-Bretanha; e em 1870 o caso de um brigue naufragado na costa brasileira, com os Estados Unidos: e, tanto aqui como alli, pareceu periclitár, não por intenções nossas, a paz. Em 1889 accetamos em Washington, reunida a Primeira Conferencia Internacional Americana, o principio do arbitramento obrigatorio como em 1907 votamos pelo obrigatorio sem reserva de nenhuma especie. Tinhamos assignado, naquella anno de 1889, com a Nação Argentina, o compromisso que resolveu, sem nenhum abalo, a secular questão de limites entre ambos. Em 1895 entrega o Brasil ao presidente dos Estados Unidos da America a solução do caso dos protocollos italianos, como em 1874 lhe confiara a questão chamada do Chaco paraguayo. Em 1897 o compromisso arbitral franco-brasileiro liquida pacificamente a questão da Guyana, da mesma forma que em 1901 o anglo-brasileiro põe termo á das terras ao norte do Amazonas. Perdendo ou ganhando (e ora nos deu razão, ora nol-a tirou a decisão judicial) foi nosso empenho invariavel acatar a sentença dirimidora. Trinta e dois tratados de arbitramento tinha o Brasil assignado ao estalar a grande guerra.

Cumprê notar, ainda neste assumpto do arbitramento, que como juiz tomou o Brasil parte em casos de alta relevancia. No de *Alabama* deu elle arbitro, entre os cinco que compunham o Tribunal, na pessoa do Visconde de Itajubá. No de 1880, entre a França e a Grã-Bretanha, para liquidação das questões relativas á guerra de successão, o Barão de Arinos foi o presidente do Tribunal; e por duas se lhe pediu o renovamento do concurso, quando prolongados os trabalhos. E, finalmente, nos de Santiago do Chile, instituidos para julgar, de 1884 a 1888, as mais serias questões de direito internacional com a Suissa, a Grã-Bretanha, a França, a Allemanha, a Italia, foi a personalidades brasileiras, os conselheiros La-



fayette Rodrigues Pereira e Lopes Neto, e Barão Aguiar de Andrada, que coube a direcção dos trabalhos.

Estava o Brasil, portanto, de accordo com suas tradições mais caras, quando, perante a Segunda Conferencia Internacional da Paz, em 1907, se fez campeão do principio da egualdade politica das nações. Talvez fosse outra a lição da hora actual se o arbitramento se tivesse acceito e as nações se não medissem somente pelos seus recursos militares e navaes.

Era nosso prazer essa norma, pois que tambem prohibimos, na letra da Constituição Federal, as guerras de conquista. A abstenção de appetites de hegemonia militar ou de anexação foi, em nosso territorio, regra invariavel. Paiz de enorme extensão territorial, capaz de todos os climas e de todas as culturas, o Brasil fadava-se para o trabalho pacifico e fecundo. Mostrou o tempo quão infundada era, ao occorrer a guerra do Paraguay, a accusação de que nos moviamos á cata de zonas menos tropicaes. E no nosso passado politico uma declaração official deu logo, apenas nos ensaiavamos para a vida autonoma, a norma do paiz no seu trato com os visinhos, ao pretender a provincia boliviana de Chiquitos, em revolta contra o Governo Central, annexar-se á provincia brasileira de Matto-Grosso. Esse acto, no juizo expresso do Rio de Janeiro, foi considerado "inteiramente contrario aos principios de direito publico, reconhecidos por todas as nações civilisadas", pois o governo do Brasil "era invariavelmente guiado pelos dictames mais sãos da justiça e da politica, procurando o maior bem da nação que dirige sem quebra dos direitos dos outros." (15)

Londres.

(15) Ver, sobre a contribuição do Brasil, Clovis Bevilacqua, *Direito Internacional Publico*, Rio de Janeiro, 1910, Alves. — Tambem meus livros *O Brasil e seus principios de Neutralidade*, Rio de Janeiro, 1915, Imprensa Nacional; *Cousas Diplomaticas* cit., e as conferencias que realizei perante as Universidades de Montevideo e Buenos Aires, em 1918, todas reunidas no volume *Aos Estudantes do Rio da Prata*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1918, e tambem publicadas, em castelhano, nos annaes de 1918 das duas universidades.





RABISCOS CAMONIANOS

PELO PROF. OTHONIEL MOTTA

(do Gymnasio de Campinas)

O Autor é um estudioso que se tem especializado, como philologo, em estudos sobre Camões. As notas que abaixo seguem são, pois, como não podiam deixar de ser, interessante e valiosa contribuição á exegese do grande poema.

O Dr. José Maria Rodrigues, uma das maiores autoridades em pesquisas camonianas, oppoz alguns reparos ao magistral commentario aos "Lusiadas" feitos pelo saudoso Epiphanio, a quem chamei "o meu Vergilio", quando escrevi o meu despretençioso commentario para uso das escolas brasileiras.

O trabalho do erudito lusitano "Algumas observações a uma edição commentada dos Lusiadas" só ha pouco me veio ás mãos, graças a uma gentileza do seu autor.

Este trabalho suggeriu-me certas observações, das quaes destaquei duas ou tres para estes "rabiscos".

Todo o mais

No commentario feito ao Canto I, art. 91, Epiphanio estranhou a expressão "todo o mais", suppondo que fosse erro typographico por "tudo o mais".

A mim me causou especie, como ao Dr. José Maria, essa maneira de ver em um homem como Epiphanio, tão conhecedor de nosso idioma.

O Dr. José Maria corrige Epiphanio, mostrando que essa expressão era correcta e corrente nos dias de Camões, e acrescenta, á pag.

36: "Só depois do século XVI é que "todo" passou a usar-se exclusivamente como adjectivo, deixando assim de fazer concorrência á forma "tudo."

Em que pese a tão conspicua autoridade, quero observar que nesses dizeres, se não estou errado, anda apenas meia verdade, ou antes a verdade pelo meio.

Deve dizer-se que primitivamente só existia a forma "todo", quer como adjectivo quer como pronome indefinido.

A forma "tudo" é relativamente moderna e nasceu de uma apophonia determinada pela necessidade de clareza, distinguindo-se assim a forma pronominal da forma adjectiva.

Estudei este facto em "O meu Idioma", juntamente com outros factos semelhantes.

Assim, as formas "isto", "isso", "aquillo" são também modernas e determinadas pela mesmíssima razão.

As formas primitivas eram "esto", "esso", "aquello", que facilmente se confundiam com "este", "esse", "aquelle". D'ahi a apophonia.

Uma obra em que facilmente se palpa o apparecimento vacillante das formas actuaes são as "Ordenações do Reino".

Um documento recente que comprova ainda esta asserção de modo incontrastavel é a "Regra de S. Bento", publicada por J. Nunes na "Revista Lusitana", n.º 21, 1918.

Lemos ali: "... e estes taes, em "todo" e per "todo", são peores. etc." P. 98.

"... que tomes pera "esto" armas muy claras, etc." P. 94.

"... ouçamos "aquello" que nos amoesta, etc". P. 95.

"E por "esso" pertence do mestre." P. 105.

E' escusado proseguir; faça-o o leitor, se acaso duvidar.

A syntaxe de "errar"

A respeito do verbo "errar" em sua construcção archaica, diz o mais que douto commentador:

"Os contemporaneos do poeta empregavam o verbo "errar" umas vezes sem complemento (cf. "Lusiadas", II, 6, 3; III, 9, 6; etc.), outras com o complemento directo, na significação de "não encontrar, não acerçar com", e outras ainda com o indirecto, equivalendo a "commetter erro, commetter falta contra."

Ha aqui um engano, em que eu também incorri quando tive de estudar esse verbo nos meus commentarios, engano que, como outros, os zoilos estrabicos deixaram lá onde se acha, porque os zoilos só enxergam o que outros lhes apontam, ou as bagatelas que não têm o minimo valor. (Mesmo assim, hemditos sejam os zoilos pelo pouco serviço que nos prestam).

O engano, que já corrigi em aula com os meus alumnos, está em afirmar que "errar" com a significação de "committer falta contra alguém, offender", só se emprega com objecto "indirecto. Esta é a construcção "normal", porém não "exclusiva".

Normal era tambem no hespanhol, como se vê em Gil Vicente:

"Porque "á él" tambien "erramos"...

III, p. 93.

"Que con gran querer profundo

"Te erró."

III, p. 227.

A construcção com o dativo ("errar-lhe)" é sem duvida a predominante em Camões e seus contemporaneos; mas já em Camões se lê:

Já amor fez leis. sem ter comigo alguma;
 Já se tornou de cego razoado,
 Só por usar comigo semrazões.
 E se em alguma cousa "o tenho errado",
 Com siso grande dor não vi nenhuma.

Canç. II., v. 20.

Esta syntaxe remonta mesmo aos dias primeiros de nosso idioma. pois já nos cancioneros se lêem coisas destas:

Uma pastor bem talhada
 Cuidava em seu amigo
 (e) estava, bem vus digo,
 per quant' eu vi mui coitada
 e diss': "Oi mais não é nada
 de fiar per namorado
 nunca mulher namorada,
 pois que MI o meu á (ha) errado.

A canção é de D. Diniz, lá pela 2.^a metade do seculo XIII. Ahi temos o dativo "mi", sem duvida nenhuma. Mas na oitava immediata encontramos isto:

Ella tragia na mão
 Um papagai mui fremoso
 Cantando mui saboroso
 Ca entrava o verão,
 e disse: "Amigo loução,
 que faria por amores,
 pois ME errastes tão em vão?"
 E caeu antre umas flores.

Se o texto não está errado, ahi se nos depara o accusativo, me.

Um passo obscuro

Camões escreveu:

Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

III, 61.

Epiphanio achou que Camões tomou a liberdade de dar por sujeito a "lava" o substantivo "tom", quando se esperava que o verbo fosse "lavam" e o sujeito "aguas".

Contradicta-o o Dr. José Maria, allegando que a liberdade tomada por Camões foi outra, a de dar a um sujeito plural, "aguas", um verbo no singular, "lava".

Desde logo se nos afigura violenta essa hypothese, venha ella embora de tão sabio commentador. O que, porém, a torna suspeita em excesso é que os contemporaneos de Camões jamais a engendraram e não viram no referido passo difficuldade alguma, antes receberam a expressão, tal como fez Epiphanio, sem a menor repugnancia.

Faria e Sousa apenas diz:

Para dezir, que murmuram las aguas, dixo primero, providamente, que corriam por entre piedras.

D'ahi se conclue que para elle não havia no texto uma syllepse tão violenta como a que propõe o Dr. José Maria sem outro exemplo camoniano que a torne verosimil, embora appellando para casos esparsos e pouco concludentes de outros escriptores.

Parece-me quasi impossivel que Faria e Sousa não commentasse esse exemplo "unico" em toda a obra camoniana de uma construcção tão abstrusa.

Mas ha factos mais decisivos contra a supposição do preclaro philologo lusitano; e é que a expressão parece corrente nos dias de Camões, o que explica o silencio de Faria e Sousa.

Quevedo, no poema "Affonso Africano", Canto VI, est. 29, diz:

Assim fomos caíndo a hum valle ameno,
Por onde huma Ribeira cristalina,
Regando vai o florido terreno,
E alvas areas brandamente inclina:
Tam manso leva o curso, e tam sereno,
Que mal para onde vai se determina,
E o TOM saudoso d'agoa, que corria,
Motivo era de amor, e de alegria.

A mesma ambiguidade de expressão que se nota no passo camo-

niano. A quem pertence a clausula relativa "que corria"? a "tom" ou a "agua"? O dr. José Maria dirá logo que pertence a "agua".

Pois bem, vejamos agora o que diz Quevedo no Canto II, est. 67:

E posto sobre a ripa allí pendente,
Correr tão carregada e tristemente,
Que outra cousa, e não agoa parecia:
Que a profundeza grande da corrente
O murmurar de modo confundia,
Que claramente não se divisava
De que era aquelle TOM, que ali soava.

Aqui não pode haver a menor duvida. Quevedo interpretaria Camões justamente como o fez o eminente Epiphanio.

As "peras pyramidaes"

E já que estou com a mão na massa, tratarei ainda de uma controvertida estancia do epico immortal. No canto IX, est. 59, escreveu Camões:

E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que cos bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

Faria e Sousa, em longa tirada, entendeu que andava ali ironia, e que o imperativo **entregai-vos** é prohibitivo, como quando dizemos a uma criança peralta:—"Suba ali naquella pedra!"—para significarmos que a castigaremos se o fizer.

Epiphanio impugnou a exegese forçada de Faria e Sousa e interpreta assim: "Camões quer dizer que as pereiras estavam tão enormemente carregadas de fructo (repare-se no epitheto "fecunda"), que era necessario sacrificarem-se alguns pomos para os restantes poderem medrar." E cita Plinio em abono do seu modo de interpretar: "hace autem omnia poma intervelli melius est, ut, quae relictæ sint, grandescant".

O illustrado Dr. José Maria deixou em silencio este passo do commentario, o que leva a crer que acceitou a opinião de Epiphanio. Embora, pois, tendo contra mim duas summidades dessa estofa, aventure-me a discordar ainda uma vez.

A recommendação de Plinio, invocada por Epiphanio, não colhe, uma vez que ella se applica a todas as arvores excessivamente carregadas, o que aliás se deprehende da propria expressão "hace omnia poma", do claro naturalista latino. Por que cargas d'agua reservaria Camões ás peras o que se pode dizer de "omnia poma?"

Isso que Plinio recommenda é o que praticam nossos jardineiros

até com relação ás roseiras e craveiros, quando se apresentam extraordinariamente peçados de botões.

No processo indicado pelo naturalista romano sacrificam-se uns fructos para que outros augmentem de volume, "ut grandescant"; no caso de Camões são os fructos damnificados que permanecem ou vivem em suas arvores. Marcial, no livro I, epigramma 43, recrimina Mancino por não lhe haver dado, em um jantar, uvas tardias, nem maçãs rivaes dos favos na doçura, nem "pira quae longa pendent religata genesta."

O texto francez da edição Garnier — diz: "que l'on suspend au plancher avec du genêt flexible."(!)

Não é isso. O facto é explanado do seguinte modo em um erudito commentario.

"Faziam-se cordas de giesta, com as quaes se suspendiam as peras, que se apanhavam antes da maturação com o fim de provocar um amadurecimento vagaroso; taes peras tornavam-se mui doces." Este facto, commum na antiguidade — e que de certo era conhecido de Camões—continua a ser a praxe na colheita das peras em nossos dias.

Na Europa, como na America do Norte, alguns dias antes do amadurecimento, quando as peras estão "de vez" (como diz o nosso povo com relação a algumas de nossas fructas que são tratadas do mesmo modo) colhem-se ellas para amadurecerem á sombra.

A razão disso não é porque as peras, deixadas nas arvores, caissem antes de completa maturação. Semelhante coisa não se menciona em nenhum dos tratados que consultei em francez ou em inglez. O processo explica-se pela razão de que certas fructas, amadurecidas lentamente á sombra, tornam-se "mais doces".

Nada disto, porém, tem que fazer com o passo camoniano. Lá se suppõe a pera já amadurecida na arvore, pois do contrario Camões não diria que as aves as damnificam, uma vez que as aves sómente bicam as fructas já maduras.

Esta observação, mau grado a saída de Epiphanio, de que Camões não estava escrevendo um tratado scientifico, guarda a sua força, porque o admiravel observador da natureza não diria uma impropriedade que poderia ser contradicta pelo mais bronco dos labregos. Peras bicadas são peras maduras.

Portanto o passo em discussão só tem duas soluções.

1.ª As peras maduras, uma vez bicadas, conservam-se por mais tempo nas arvores do que aquellas que não soffreram a acção "dos passaros inicos".

Tratei de verificar isto, mas não me foi possível, sendo, porém, levado a concluir pelo que cheguei a obter que a hypothese não é disparatada, porque a pera bicada pelos passaros perde uma boa parte do peso, que provocaria a sua queda mais cedo.



Mas a difficuldade está em que, se isso é o que o grande "epico desejou expressar, porque se limitou á pera? Não se dá o mesmo com os outros fructos? Assim sendo, busquemos uma segunda explicação.

E' como se o Camões dissesse: "E quanto a vós, especialmente, peras, sois tão avidamente procuradas que, para alguma ser deixada em sua arvore, é mister que os bicos das aves a tornem imprestavel".

Resta agora explicar o adjectivo "pyramidaes", que o poeta collou ás peras.

Será que havia uma qualidade de peras assim chamadas? Nenhum tratado, ao considerar as varias especies de peras, menciona as suppostas "pyramidaes." Esta pseudo-especie é pura fantasia, adrede criada para resolver a difficuldade do texto, eis a minha convicção depois de consciencioso estudo.

Epiphanio explica assim: "Dando a "peras" o legitimo epitheto de ornamento "pyramidaes", Cam. suppõe phantasticamente — como acontece com a palavra "amoras" comparada com "amores" na est. precedente, — que a palavra latina "pirum", a qual tambem se encontra escripta "pyrum", é affim do vocabulo greco-latino "pyramis."

Esta explicação, em que pese ao valor da fonte donde emana, parece-me rebuscada e desnecessaria.

Creio que o adjectivo "pyramidaes" não se empregou para indicar uma qualidade especial de peras, nem por influencia do vocabulo "pyramis", mas simplesmente para indicar o formato geral das peras.

Camões diz "peras pyramidaes" como nós dizemos "palmeiras esguias", "mangueiras copadas", "pecegos avelludados", etc. E' inutil ir além.

Com o mesmo direito, e sem provocar celeuma, Gonçaves Dias escreveu:

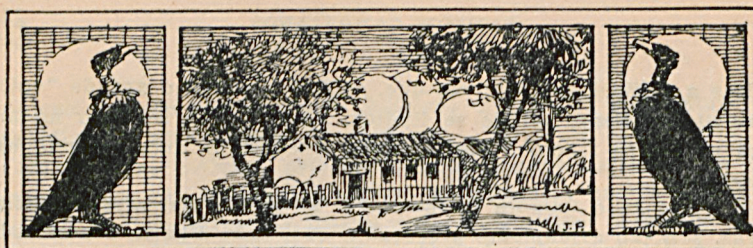
No horror da noite, sibilando os ventos,
Linguas "pyramidaes" do atroz incendio,
Fumosas pelas ruas estalando,
Tingem da côr do inferno a côr da noite.

E ainda isto:

Dorme! — não serei eu quem te desperte,
Meus versos... não serão:—palmas sem graça,
Ou pobre rama d'arvore funerea,
"Pyramidal" cypreste.

Campinas.





A LITERATURA EM 1920

POR TRISTÃO DE ATHAYDE (*)

V

O primeiro symptoma que attrahe a atenção de qualquer observador summario de nossa literatura, é a sua falta de ordem. A nossa vida literaria é essencialmente individualista e portanto anarchica. Somos avessos, em geral, ao instincto de associação e dahi provem a ausencia de escolas literarias firmes e mesmo de generos definidos. Nossos poetas, tanto são lyricos como parnaiasnos, tanto se valem do symbolo como da visão mais directa e simples das coisas. Nossos romances exprimem quasi sempre o temperamento do autor, com a ficção toda mesclada de realidade.

Nossos contos assumem o caracter de romances. Livros de memorias se enchem de fantasias, como livros de novellas contem impressões pessoas do autor. E se sairmos da literatura de ficção para o movimento estrictamente de idéas, ainda será maior a falta de unidade que encontraremos na maioria dos volumes publicados, resabadas excepções, por vezes das mais notaveis.

Se nos espantar demais essa desordem, basta considerarmos summariamente a literatura de outros quaesquer paizes, para sentirmos que o phenomeno não é nosso senão universal. Differem apenas os motivos. Nos paizes de evolução adeantada, reveste-se a literatura de um requinte de progresso, entre nós de um progresso incompleto e mórmente de um desequilibrio funcional. Em todos porem, aqui como alhures, se está dando, como sempre, a repercussão da sociedade sobre a literatura. Ainda sem abusar de taes factores, é innegavel essa influencia e os exemplos se

(*) Conclusão. — Ver a *Revista* de Abril e Maio.

estendem a nossos olhos. Será immortal a observação do — “Zeit, Volke, Umgekung” de Hegel, depois generalizada e applicada por Taine, com a — “race, milieu, moment”. Apenas se abusou da formula e dahi o seu apparente descredito. Para prova do contrario basta o cotejo summario dos nossos principaes carecteres ethnicos, encabeçados pelo sentimento, com os generos literarios. A poesia foi em 1920, como sempre tem sido, e o mesmo se verifica este anno com os concursos da Academia, o genero mais cultivado. E trata-se accaso da poesia epica ou mesma dramatica? E não suppõe justamente o lyrismo predominancia das facultades affectivas sobre as outras? E essa preferencia pela poesia não é facilmente explicavel não tanto pela opulencia de nossa imaginação, senão pela nossa repugnancia aos generos literarios em que a technica supera a inspiração? Não devemos, de qualquer fórmula, abusar dessa observação para tirar consequencias sobre o caracter da nossa literatura. Tenho presente tres estatisticas de volumes apparecidos em 1920 na França, na Italia e na Inglaterra e em todos os tres paizes a poesia encabêça a lista. A abundancia de livros de versos é um phenomeno generalizado e provem, em toda parte, dessa candida illusão humana, de que o nosso caso pessoal é sempre interessante e digno de memoria. Alem do mais, todos que fazem versos se julgam poetas, e é tão facil fazer versos como é raro ser poeta.

E’ patente tambem entre os nossos caracteres ethnicos a dicacidade ou o dithyrambo pelo que é nacional, pelo que é propriamente nosso. Pois bem, verificamos acima que no nosso movimento de ideias era a sociologia talvez o ramo mais desdenhado ou mais superficialmente tratado. Como se trata, porem, de uma qualidade facilmente modificavel pela educação, já vemos patente nossa profunda transformação na materia, transformação que é dos symptomas mais animadores da nossa vitalidade literaria.

Não admira, portanto, que a observação primordial sobre o movimento literario de 1920, seja essa desordem de producção, que provem de improvisação literaria tão a gosto do nosso desejo de publicidade facil e ampla. Uma imagem vulgar e evidente dessa desordem, é o aspecto de uma estante de livros em que se reuna a producção literaria de um anno, como a tenho presente a meus olhos. A literatura, está para a sociedade como a feição typographica dos livros para o seu conteúdo. Não é possível imaginar maior variedade de typos, de capas, de formatos, de cores. Póde-se mesmo, dizer que não ha dois identicos e cada autor procura dar ao aspecto externo de sua obra o cunho do seu gosto ou do contrario... E’ a imagem da nossa producção intellectual e imagem aliás animadora. Esse individualismo póde significar falta de



solidez e estabilidade na vida literaria, mas indica um seguro desejo de independencia e portando de creação. E' do gosto anarchico de innovação que provêm as obras originaes e fortes, symbolicas das epocas de vitalidade. Aliás, essa anarchia de nossa producção literaria não é sómente um symptoma de independencia. Mais uma vez, para comprehendel-a, devemos recorrer á nossa formação geral. Ha um phenomeno, entre nós, que affecta toda a nossa vida mental: o autodidactismo. Clamam todos contra o nosso ensino primario. Pois é o mais bem organizado, relativamente ao secundario ou superior e onde se encontra quem melhor saiba ensinar. Ao nosso ensino secundario e superior falta sobretudo a consciencia de sua missão, que é menos distribuir sciencia que preparar intelligencias. Os cursos não tem essa disciplina solida e harmoniosa e esse rigor do verdadeiro ensino, que visa clarificar os espirito e prepara-lhe como que os fundamentos e o arcabouço da cultura.

Acontece que todos sahimos de collegios e escolas sem o preparo adequado ás nossas tendencias e já com grandes lacunas, não só no proprio espirito como nos conhecimentos. E procurarmos superar por nós mesmos em epoca tardia e sem a hierarchia e o vagar necessarios, o que deveriamos ter recebido em momento opportuno e com a lentidão requerida para todo trabalho efficaz.

O resultado é o desequilibrio do nosso preparo, o grande esforço pessoal desperdiçado, certas falhas surprehendentes e, ora uma grande e esteril insatisfacção intima, ora uma candida vaidade. Assim acontece com grande parte da nossa elite intellectual e todos devem a si mesmo o que são. E' um motivo talvez de orgulho pessoal, mas um grande mal collectivo. A producção literaria não podia deixar de ser affectada por esse character fundamental de todas as nossas intelligencias e dahi o seu individualismo.

Além desse individualismo, que é de toda a nossa literatura, dois caracteres podem ser observados no movimento literario de 1920: a retracção da poesia e o desenvolvimento da satira. Evitei deliberadamente falar em *decadencia* da poesia, pois não ha propria mente uma queda do nivel poetico, incompativel mesmo com a nossa situação de ascensão literaria. Ha como que um recolhimento da poesia, talvez uma concentração para uma nova phase de vitalidade. E' certo que não temos em actividade nenhuma dessas grandes vozes que reúnem a admiração collectiva.

Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira parecem calados. Entre os proprios moços, que formam, em geral, a parte viva do movimento poetico, a poesia não parece expandir-se com aquella abundancia e naturalidade de outras epocas. Em alguns mesmo outras actividades, mais consentaneas com a nossa mentalidade



moderna, parecem desviar o sentimento poetico. Tivemos, como se viu, algumas boas estreias em 1920 e varias promissoras de futuras messes. Mas tudo intimo, pequeno, em meia voz, ou collectanea de actividade de annos anteriores. Não houve sobretudo uma orientação esthetica nova, e puramente poetica, que exprimisse novas necessidades de expansão. Houve justamente, como notamos, uma approximação do sentimento poetico de outras actividades literarias que exprimem sobretudo uma solidez intellectual mais accentuada, maior requinte de imaginação e um senso mais agudo da realidade.

Em tudo isso, o que se deu foi o desenvolvimento da poesia no sentido da profundidade e dahi provem essa falta de repercussão que notamos na poesia moderna e especialmente na de 1920. O pensamento poetico é mais agudo, o sentimento mais subtil, os processos mais firmes, a expressão mais simples, mas falta aquella opulencia e aquella retumbancia que faz a grande poesia: a "alta poesia" que no dizer de Dante partia de tres motivos essenciaes — "a guerra, o amor, a virtude". Os poetas vêm mais nitidamente talvez, mas não vêm grande. A poesia é inquieta e fragmentaria.

O momento, aliás, não é desses que permittam e suscitem uma grande poesia. Ha no ambiente uma expectativa que deixa perplexas as inspirações, e as torna mais vulgares ou bizarras, que profundas e ricas.

Nos temperamentos avessos ao refugio poetico e á preocupação scientifica ou activa, resolve-se essa expectativa no desenvolvimento, do espirito satirico. E' o que se nota em grande parte de nossa producção literaria de 1920.

Já Hegel observava que a satira é o genero literario por excellencia das epochas de transição. Nós nos encontramos, a meu ver, como acima notei, na passagem do espirito didactico para o espirito critico. E se attendermos mais de perto a questão, podemos observar tambem uma transição do espirito de duvida, de incerteza, de timidez para o espirito de fé, de certeza, de audacia. Será talvez prematuro descobrir orientações collectivas onde haverá tendencias individuaes. E nunca devemos perder de vista, em todos os nossos movimentos de ideias, o individualismo fundamental de todos elles. Mas o certo é que nos escriptos da mocidade de hoje não vemos a resignação ou a apathia mas a reacção e a actividade. E o resultado pratico são essas obras de maturidade publicadas quasi na adolescencia, como é o caso dos srs. Ronald de Carvalho ou Oliveira Vianna. Em muitos, porem, na maioria mesmo, perduram ainda as tendencias anteriores, e a inadaptação mesclada de lucidez resolve-se na satira. Explica-se, alem disso, a satira pela transformação brusca e excessiva dos costumes, nos



grandes centros envenenados de cosmopolitismo mal dosado, pela fermentação de revoltas e velleidades sociaes, pelo desequilibrio entre a visão aguda de certos espiritos e a evolução lenta ou vertiginosa das coisas e sobretudo pela inquietação moderna.

A satira é um meio termo entre a resignação e a revolta. E' a dissidencia que não passa á acção directa.

E a literatura de 1920 esteve impregnada desse espirito. Se estendermos, aliás, os olhos pelo mundo, veremos que o movimento nos é peculiar e que a grande agitação, provocada ou antes apressada pela guerra, se traduzio em quasi toda a parte extravagancia da criação e pela satira do commentario. O espirito satirico não é certamente um espirito fecundo, mas exprime uma agudeza maior de engenho e uma coragem de attitude precursora de acção e criação.

Reflectiu-se ainda nesse anno literario a antiga dissidencia do nativismo e do cosmopolitismo, que é seguramente um dos aspectos fundamentaes da nossa literatura. Não se póde dizer que haja um movimento concentrado e deliberado de nacionalismo creador. Mas inconscientemente, pela propria evolução literaria no sentido de uma diferenciação maior, vae-se notando uma influencia crescente do meio e do espirito da terra. Não creio que se deva chegar ao extremo de apenas considerar valioso, em nosso movimento literario, tudo que representar puramente o caracter local. Seria contrariar a maior e mais evidente e fecunda das nossas tendencias contemporaneas — a assimilação de cultura.

Não é o momento, nem tenho vagar para discutir o problema, mas o que se deve notar é que um dos caracteres distinctivos do nosso movimento literario é a coexistencia de todas essas tendencias locais e humanas, ora isoladas ora combinadas.

E da interpenetração effectiva e continua das duas tendencias é que podemos esperar os maiores beneficios para a independencia cada vez mais effectiva do espirito e dos meios de nossa literatura.

A materia nacional é muito rica e nella tem um campo admiravel de acção todos os espiritos superiores. Para formar esses espiritos, porém, com as qualidades necessarias de assimilação, irradiação e synthese, é indispensavel a acção clarificadora da cultura.

Porque a verdadeira cultura não é aquella que impõe uma personalidade artificial, ao individuo ou a um povo (o que é talvez impossivel), mas a que suscita a ecclosão da personalidade natural, ás vezes escondida e exigindo apenas quem a revele.

Alem daquelles dois caracteres de retracção da poesia e predomínio do espirito satirico, dois outros podemos descobrir no mo-



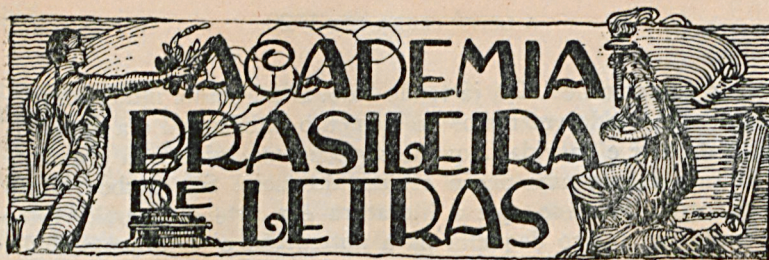
vimento literario de 1920, já tendo sido, aliás, acima indicados: — a introdução cada vez maior do elemento intellectual e a aproximação da arte e da vida. Aquelle supõe uma influencia crescente da cultura e este uma acção efficaz do meio. São ambos muito animadores. Sente-se que a literatura e a arte em geral, estão perdendo um pouco daquella pura abstracção e sentimentalidade, que indica um estagio ainda ingenuo e primitivo de evolução. A arte é uma actividade sugerida e mais profundamente enraigada em todo ser civilisado. A' consideração spenceriana, bebida aliás em Schiller, de arte como simples recreio tende cada vez mais a substituir-se a concepção croceana moderna de que a esthetica é uma fórmula de conhecimento, e portanto a arte, como expressão dessa actividade, perde o seu character de devaneio para adquirir uma dignidade maior, como manifestação essencial de uma comprehensão intuitiva do mundo. Praticamente, o que vemos entre nós é que ha na literatura uma vitalidade maior, uma visão mais aguda das nossas coisas, uma verdade psychologica muito mais profunda, uma capacidade superior de pensamento, uma originalidade crescente de imaginação. Não é de hoje essa evolução, mas acaba de confirmar-se em 1920, por uma serie de livros de ficção onde ha pensamento, que indicam uma força creadora já consideravel.

Qualquer movimento literario se conta por epocas e não por annos e por isso, e pela aproximação dos acontecimentos, é uma illusão querer indicar a contribuição effectiva do anno de 1920 á evolução da nossa literatura. Notamos já as principaes correntes mentaes que nelle se manifestaram, alem dos autores e volumes de mais evidente relevo. Com os annos, virá a revisão dos processos e das ideias.

Contentemo-nos, por óra, com a certeza de uma incontestavel, se não excepcional, vitalidade literaria. E' uma das fórmulas mais justas e efficazes de nacionalismo intelligente.

Rio.





POR ARTHUR MOTTA

MARTINS JUNIOR

Successor de Francisco de Castro na cadeira n.º 13. Nasceu em Recife (Estado de Pernambuco) a 24 de Novembro de 1860 e falleceu na Capital Federal, a 22 de Agosto de 1904. Os seus restos mortaes foram removidos para o cemiterio de Santo Amaro, de Recife.

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 VIGILIAS LITTERARIAS — em coll. com Clovis Bevilaqua. 80 pags. — Recife, Typ. Industrial — 1879. A sua parte abrange os versos, sob o titulo de "Estilhaços", de pag. 41 a 80.
- 2 O CRIME DA VICTORIA, versos — Recife — 1880.
- 3 DISCURSO pronunciado na sessão magna do Gabinete Portuguez de Leitura de Recife.
- 4 A PROPOSITO DA CONVERSÃO DE LITRE' versos — Recife — 1881.
- 5 O SCALPELLO — em coll. com Clovis Bevilaqua, estudo critico de politica, letras e costumes — 3 fasciculos — Recife — 1881.
- * 6 VISÕES DE HOJE, versos — 1.ª edição — 113 pags. — 1881. Possui a 2.ª edição augmentada da "Synthese artistica" — 140 pags. — Pernambuco, Typ. Apollo — 1886.
- 7 O STEREOGRAPHO — estudo de critica genetica, em coll. com Clovis Bevilaqua — 34 pags. — Recife — 1882.
- 8 A POESIA SCIENTIFICA — escoreço de um livro futuro — 83 pags. — Recife — 1883.
- * 9 RETALHOS, versos — 51 pags. — Recife, Typ. Industrial — 1884.
- * 10 ESTILHAÇOS — edição definitiva — versos VIII — 160 pags. — Recife, Typ. Industrial — 1885.
- 11 JESUS E OS EVANGELHOS — traducção da obra de Jules Soury, em coll. com Clovis Bevilaqua — 1886.
- * 12 THESES E DISSERTAÇÃO — concurso de Outubro de 1887 na Faculdade de Direito de Recife — Direito Criminal — V — 25 pags. — Recife, Typ. Industrial — 1887.
- * 13 DISSERTAÇÃO E THESES — concurso de Maio de 1888 na Faculdade de Direito de Recife — Direito Romano — 32 pags. — Recife, Typ. Industrial — 1888.
- * 14 DISSERTAÇÃO E THESES — concurso de Agosto de 1888 na F. de Direito de Recife — Direito Romano — 23 pags. — Recife, Typ. Industrial — 1888.
- * 15 FRAGMENTOS JURIDICO-PHILOSOPHICOS — Abrangem cinco dissertações anteriormente publicadas — 174 — V pags. — Recife, Typ. Apollo — 1891.
- * 16 RELATORIOS da Faculdade de Direito de Recife — 33 — 15 pags. — 1892-1893.



- * 17 TELAS POLYCHROMAS — poesias — 134 pags. — Rio, Cia. Ty. do Brasil — 1893.
- 18 A MOÇÃO do dia 18 de Junho de 1892.
- 19 UM CAPITULO DE HISTORIA POLITICA.
- * 20 HISTORIA DO DIREITO NACIONAL — 290 pags. — Rio, Typ. da Empresa Democratica Editora — 1895.
- 21 COMPENDIO DA HISTORIA GERAL DO DIREITO — 1898.
- * 22 SOBERANIA E ACRE—18 pgs.—Rio, Typ. da Cia. Lyto-typographica — 1903
- 23 DISCURSOS pronunciados na Camara Federal.
- * 24 INTRODUCCÃO á Philocritica de Arthur Orlando.

Deixou inédito um ensaio realista, "Celina", segundo constou a Sacramento Blake, e pretendia enfeixar em volume — "Brados e golpes" — os artigos de critica litteraria esparso nos jornaes em que collaborou.

Escreveu nos seguintes jornaes e revistas:

"O Progresso" (1875-77); "Idéa Nova" (1880) com Clovis Bevilacqua e João Alfredo de Freitas; na polyanthéa *Pernambuco a Camões*; "A Folha do Norte" (1883-84); "Revista do Norte" (1887), com Arthur Orlando, Adelino Filho e Pardal Mallet; "A Republica" (1888); revista litteraria "Homens e Letras", com Tobias Barreto, Arthur Orlando e outros; "O Norte" (1889); "Jornal do Recife"; "Gazeta da Tarde", do Recife; "Revista Contemporanea"; "Jornal do Commercio", do Rio; "A Cidade do Recife"; "A Concentração"; "Revista Brasileira" (3.^a phase): "A Philogenia juridica e suas leis"; "Annaes do Congresso Juridico Sul-Americano" (1900).

A reprodução do seu retrato existe em "Martins Junior", de Rangel Moreira; "Littérature brésilienne", de V. Orban; "Biographia" de Theotonio Freire, em avulso, e no Almanach Garnier (1905).

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 SOUZA BANDEIRA — Discurso, em o n.º 3 da "Revista da Academia", e nas "Paginas Literarias".
- " " — "Evocações". "Outros estudos", pag. 159.
- 2 SYLVIO ROMERO — "O livro do Centenario", "Vista synthetica da litteratura brasileira", "Quadro synthetico da evolução dos generos".
- " " — "Novos estudos de litteratura contemporanea".
- SYLVI OROMERO E JOÃO RIBEIRO — "Compendio de historia da litteratura brasileira".
- 3 ARARIPE JUNIOR — "Movimento literario de 1893", pag. 163.
- 4 ARTHUR ORLANDO — "Philocritica", pags. 67 e 83.
- 5 JOSE' VERISSIMO — "Historia da Litteratura Brasileira", pag. 370.
- 6 GRAÇA ARANHA — "Revista Brasileira", tomo VI, pag. 175.
- 7 RANGEL MOREIRA — "Martins Junior".
- 8 THEOTONIO FREIRE — "Martins Junior".
- 9 ARTHUR AZEVEDO — "O Paiz", de 30-8-1904.
- 10 TEIXEIRA BASTOS — "Poetas brasileiros".
- 11 SACRAMENTO BLAKE — "Dicionario bibliographico".
- 12 VICTOR ORBAN — "Littérature brésilienne".
- 13 EUGENIO WERNECK — "Anthologia brasileira".
- 14 PEREIRA DE CARVALHO — "Os membros da Academia em 1915".
- 15 ALFREDO DE CARVALHO — "Annaes da Imprensa periodica pernambucana".
- 16 CULTURA ACADEMICA — n.º de 28-9-1904, consagrado á memoria de Martins Junior.
- 17 DR. HENRIQUE MARTINS — "In memoriam" — Recife, 1904 (polyanthéa).



NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO
CRITICO

A vida e a obra de Martins Junior definem perfeitamente o seu temperamento. Seria um agitador de ideias, um revolucionario, se não fôram o meio em que viveu e a sua cultura juridica. Não obstante os elementos correctivos, a influencia mesologica em destaque, era um propagandista nervoso, de fibra retesada e sangue calido, a sonhar o advento dos mais alcandorados ideaes e a nutrir o cerebro de esperanças chimericas, o olhar arguto, collimando da atalaia o alvo longinquo, a perder-se no limbo indeciso do horizonte da possibilidade. E quando despertava o sonhador, surgia o espirito combativo, sentia-se a envergadura de luctador. Nesses transe complicados da campanha revolucionaria desfraldava a bandeira de republicano, erguia o emblema de abolicionista e ostentava as insignias de livre pensador.

Nasceu José Isidoro Martins Junior na cidade de Recife, a 24 de Novembro de 1860, quando echoavam os primeiros brados da reforma, no dominio das sciencias e das artes. Era o momento do triumpho da denominada escola de Recife, quando derrocaram o dogmatismo ferrenho do ensino official e apregoavam os meritos dos philosophos modernos.

Os seus paes, José Isidoro Martins e D. Francisca Martins, confiaram a educação primaria ao seu avô, o austero professor Victorino Martins.

Fez elle o curso de humanidades no collegio do Dr. Jesuino Lopes de Miranda, onde de 1875 a 77 escreveu no periodico "O Progresso"; matriculou-se na Faculdade de Direito com 19 annos de idade, iniciando brilhantemente o seu curso juridico.

Durante a phase academica escreveu os versos dos "Estilhaços" (contidos nas "Vigilias literarias"), do "Crime da Victoria", "A proposito da Conversão de Littré" e das "Visões de hoje"; os artigos de critica do "Scalpello" e do "Stereographo", o ensaio sobre "A poesia scientifica", além da collaboração na "Idéa Nova" e na "Folha do Norte".

Era o estudante affeito aos principios geraes da philosophia positiva de Augusto Comte e apresentava cultura apreciavel, no tocante á iniciação literaria, scientifica e philosophica.

Dotado de caracter de rija tempera, talento de escól e de prodigiosa actividade intellectual, facil tornou-se-lhe a conquista das primeiras victorias, na arena das questões politicas e sociaes, em defesa de idéas liberaes e adiantadas. E desenvolvia o plano de combate, manejando a palavra escripta nos livros e jornaes, até nas poesias, e divulgando o seu modo de pensar, com persuasão e eloquencia, por



cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 8 9 10 11 12 13 14 15

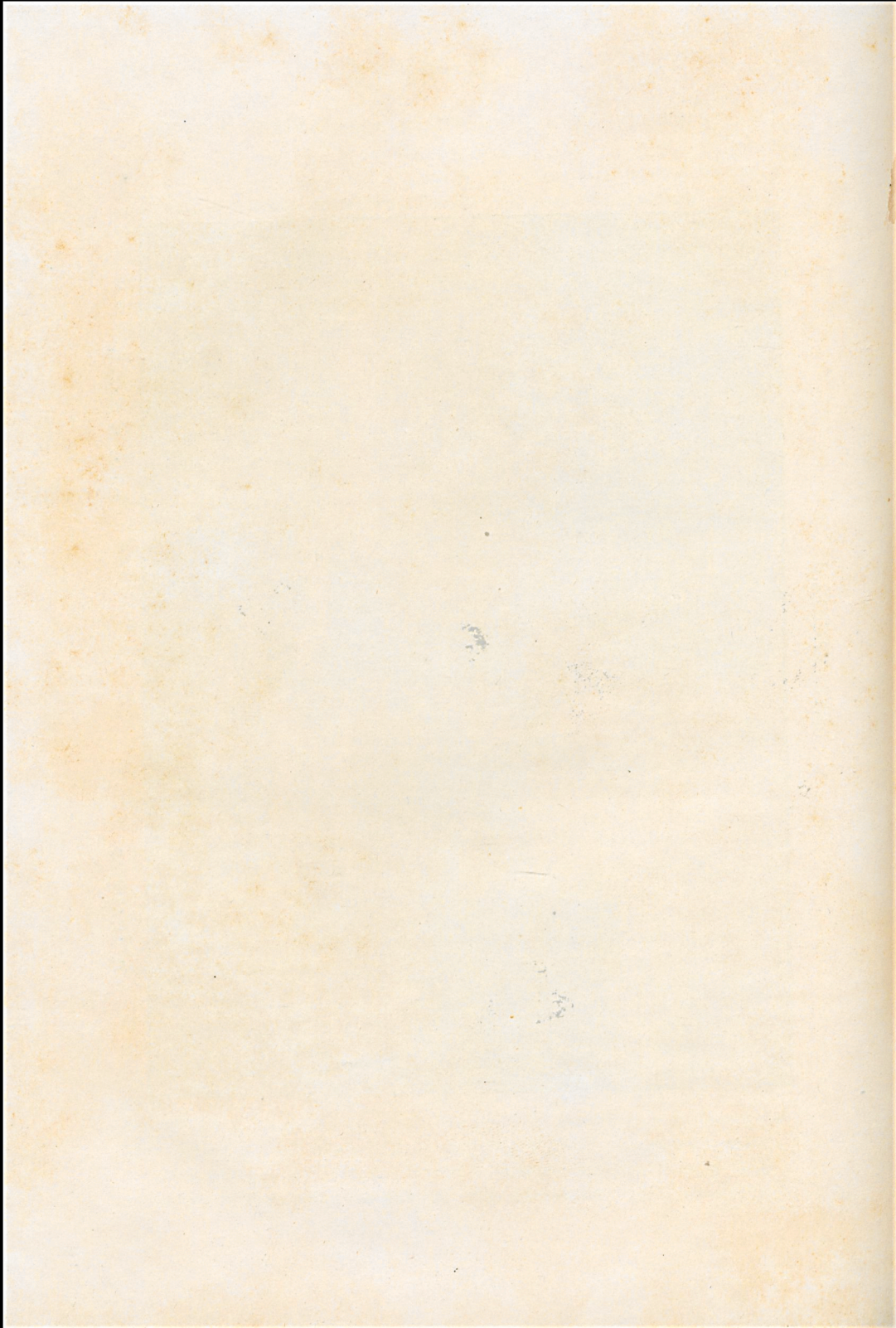


C. AMAZONAS

ARTE NACIONAL



Estudo de Paisagem



meio da arte oratoria, com o verbo fluente e sonoro, tropos elegantes e imagens de bello effecto.

Ao sahir da Academia já era tido como inspirado poeta, arrojado nos pensamentos e correcto na forma; considerado um jornalista de pulso forte e penna inquebrantavel; festejado na qualidade de orador vehemente, castigo e de amplos recursos de eloquencia; acatado como critico erudito. imparcial e destemido; admirado pela vasta cultura do seu rutilante espirito e respeitado pelos principios moraes, oriundos de um caracter adamantino.

Para não merecer favores dos governos a que movia opposição sem treguas, dedicou-se ao magisterio particular, até concorrer a uma vaga de professor da Faculdade de Direito do Recife, em 1887. Obteve a classificação em segundo lugar, com a dissertação sobre direito criminal, subordinada ao thema: "Ha crime na offensa á memoria dos mortos?" Em Maio de 1888, submetteu-se ás provas de outro concurso e publicou segundo trabalho cuja dissertação versou sobre o seguinte ponto: "Pode-se admittir uma dupla intuição romana e germanica da luta juridica. ou do processo?" no caso affirmativo quaes os caracteristicos de uma e outra?" Apesar de classificado em 1.º lugar, não logrou a nomeação esperada; mas não desanimou, pois concorreu pela terceira vez, em Agosto do mesmo anno, a outra vaga, com a these: "O conceito da "æquitas" foi sempre o mesmo nos differentes periodos da historia do Direito Romano?" Ainda não conseguiu a nomeação almejada e amparada pelos principios de justiça, a despeito de ser o unico classificado, porquanto o ministro do imperio mandou completar a lista e escolheu o collocado em 3.º lugar.

A reparação da grave injustiça commettida, só se praticou, depois de proclamada a Republica.

Retemperou-se na refrega da campanha jornalística, desancando o espinhaço da monarchia a golpes tremendos da clava demolidora, que diariamente deixava os traços indelevelis nas columnas d'"O Norte".

Parecia que o advento da Republica lhe trouxesse compensações e modificasse a sua orientação; mas tal não succedeu, attendendo ao temperamento de Martins Junior e principalmente á sua intransigencia.

Divergiu do general José Simeão de Oliveira, insurgiu-se contra o barão de Lucena e moveu desapiedada opposição ao governo de Barbosa Lima.

A sua defesa de politico republicano está contida nos opusculos: "Um capitulo de historia politica" e "A moção de 1802"; nos artigos da imprensa pernambucana e nos discursos insertos nos annaes do parlamento do Estado de Pernambuco (1892-93).



Em 1894 foi eleito deputado federal e distinguiu-se como um dos melhores oradores da Camara, durante duas legislaturas.

Volveu ás lides de professor na Faculdade de Direito do Recife, escreveu a "Historia do Direito Nacional" e "Compendio de historia geral do direito", transferindo residencia para o Rio, depois de posto em disponibilidade, por haver sido supprimida a cadeira que leccionava.

Na Capital Federal exerceu a profissão de advogado, leccionou na Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, exerceu o cargo de Secretario do Estado do Rio de Janeiro, no governo de Quintino Bocayuva, tomou parte no Congresso Juridico Sul-Americano e escreveu "Soberania e Acre", a proposito da controversia suscitada pela questão de limites entre o Brasil e a Bolivia.

Falleceu, numa pequena casa da rua do Riachuelo, a 22 de Agosto de 1904, sendo os restos mortaes trasladados para Pernambuco, onde jazem no cemiterio de Santo Amaro.

O melhor estudo da individualidade de Martins Junior é, indubitavelmente, a monographia que lhe dedicou Rangel Moreira.

A intransigencia, a coragem, o desinteresse e a abnegação, foram os traços fundamentaes do seu character.

Casou-se em 1887, em primeiras nupcias, com D. Elisa Quinteiro, e em 1894, em segundas nupcias, com D. Claudina Nogueira, de cujo consorcio deixou uma filha, de nome Celina.

O poeta dos primeiros tempos, dos 17 aos 22 annos, é pamphletario, incorrecto na forma, descuidado na linguagem, isento de esthetica. Inspirou-se em Victor Hugo e Guerra Junqueiro e divergiu dos condoreiros, para ensaiar a denominada poesia social como meio de propaganda de seus ideaes de republicano e abolicionista. Está a sua producção desse tempo colleccionada no volume "Estilhaços", cuja edição definitiva, a segunda, data de 1885.

As "Visões de hoje" assignalam sensível progresso de forma, concepção, estro, esthetica e metrificação. Subordinam-se mais á verdadeira poesia social a que se devotaram grandes poetas de todos os tempos: André Chenier e Goethe, Delille e Victor Hugo, Castro Alves e Sully Prud'homme.

O autor, consoante a sua profissão de fé divulgada em um ensaio de critica, denomina-a poesia scientifica, á maneira de Berthezene e Lefèvre. Insurge-se, porém, contra a feição didactica ou a vulgarização de principios de sciencias, sob uma formação subalterna e arida, como succedeu aos poetas didactas da Grecia e de Roma, no periodo da decadencia; ao autor das "cynegeticas, halieuticas e ixeuticas"; a Nemesio, entre outros.

O volume abrange, além da introduccão, quatro syntheses, ao todo cinco poemetos. As syntheses referem-se á sciencia, á politica, á re-



ligião e á arte. O prefacio define o credo do autor em materia de poesia, que deve, nos tempos modernos, transmittir emoções de ordem abstracta, traduzindo os sentimentos philosophicos em voga e buscando as fontes de inspiração nas sciencias ou nos phenomenos sociaes.

A poesia nos seus primordios esteve a serviço das necessidades praticas do homem, no periodo da vida nomade, quando o homem se alimentava dos productos da caça e da pesca. Evoluiu na vida pastoril, na phase guerreira e votou-se depois ao amor em todas as suas modalidades. Do instincto da conservação do individuo passou ao instincto de conservação da especie, para mais tarde defender o espirito de casta, de nacionalidade, de raça, de ideias e religião. Era inevitavel, portanto, que elle se occupasse com as conquistas da sciencia, com os progressos do espirito humano, os systemas philosophicos e as organizações sociaes.

Em "Retalhos" o vate perdeu o feittio primitivo e veio abeberar a inspiração no lyrismo, nas manifestações multiplas do amor, até se aperfeiçoar em "Tela polychroma", livro dedicado á memoria da primeira esposa.

Martins Junior, como poeta, pertence ao grupo de Sylvio Romero, Generino dos Santos, Teixeira de Souza, Mucio Teixeira, Lucio de Mendonça, Augusto de Lima, de que foram precursores Castro Alves e Tobias Barreto. Hoje o representante mais assiduo da poesia social é Reis Carvalho.

Nada posso dizer do critico, por desconhecer as suas obras: "O Scalpello", "O Stereographo" e "A poesia scientifica".

O conceito sobre o jornalista já foi esboçado. Escriptor nervoso, incisivo, de coragem sobrenatural, verdadeiro arrojo, sempre fiel aos seus principios e dogmas, revelou muita intransigencia e convicção. Merece ser colleccionada a contribuição jornalística que deixou quasi toda nos jornaes de Recife.

O politico definiu-se em dois opusculos, na campanha da imprensa e nos discursos pronunciados nas camaras estadual e federal.

Martins Junior era sobretudo jornalista e orador. Ouvi-o varias vezes no Congresso, onde era considerado como um dos melhores oradores parlamentares da Republica, e no Theatro Lyrico, em uma solemnidade em homenagem á memoria de Carlos Gomes. A palavra lhe era facil; tinha eloquencia aprimorada e muito calor nas orações, capacidade de argumentação e dialectica robusta. Figura sympathica, voz bem timbrada, erudição e illustração, imagens poeticas, muita logica, era dotado de todos os attributos do bom orador.

O jurista, além das lições professadas em duas escolas, escreveu as "Theses e dissertações", reunidas a dois outros ensaios, no volume "Fragmentos juridico-philosophicos"; a "Historia do Direito Na-



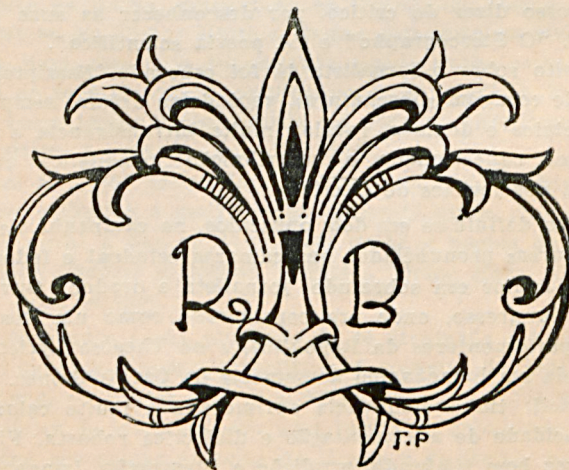
cional”, primeiro trabalho no genero; “Compendio da historia geral do direito”; “Soberania e Acre”, trabalho de direito publico em que defende o acto do Barão do Rio Branco, de resolver a questão de limites entre as duas nações visinhas, sem consultar as opiniões dos estados interessaados — Matto Grosso e Amazonas.

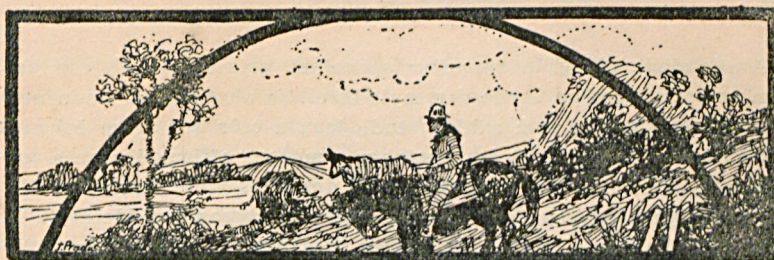
A cultura philosophica de Martins Junior foi a principio influenciada por Augusto Comte, atravez da divulgação de Littré. Faltavalle, porém, a base para adoptar, na integra, as ideias do fundador do positivismo e transviou-se á cata de cultura juridica, em livros de varias doutrinas e systemas philosophicos.

A sua curiosa individualidade desperta viva sympathia a quem lhe dedica attenção, “maximé” a quem procura conhecer a biographia desse illustre brasileiro que soube honrar a Patria e traçou á mocidade um paradigma de desinteresse, honestidade, abnegação e heroismo.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Origem obscura — Como se forja um heroe — O meio e o movimento — Na Faculdade do Recife — O republicano-abolicionista — Campanha jornalística — Cultura juridica e philosophica do professor — A poesia scientifica — O poeta lyrico — A critica elevada — O orador — O politico intransigente — Fibra de luctador — Vida exemplar.





AOS INTELLECTUAES E ESTUDANTES AMERICANOS

MENSAGEM DE ANATOLE FRANCE E HENRI BARBUSSE

O eminente polygrapho argentino sr. JOSE' INGENIEROS, director da "Revista de Filosofia", enviou-nos, com pedido de inserção, a que gostosamente attendemos, esta eloquente mensagem de Anatole France e Henri Barbusse

Com fervorosa esperança nos dirigimos á magnifica phalange de escriptores, artistas e estudantes que anhelam renovar os valores moraes, sociologicos e estheticos da America Latina. Ao mesmo tempo que lhes enviamos a nossa saudação fraternal, como trabalhadores do pensamento, queremos exprimir-lhes o que delles esperamos, para servir melhor, conjunctamente, á obra de estimular uma revolução nos espiritos, conforme os ideaes que já alvorecem na nova phase da humanidade.

O cataclysmo colossal que acaba de assolar o velho continente, derramando sobre o mundo inteiro as desgraças que são suas consequências lentas e chronicas, provocou a meditação de muitos homens sobre a tragedia da vida social. Em presença de tantos massacres e ruínas, os que se consagram ás obras da imaginação e do raciocinio comprehenderam que é necessario misturar ás suas preoccupações intellectuaes o anhelos de serem uteis á humanidade, vibrando em uniseno as suas mais legitimas aspirações de justiça e cooperando em todos os esforços collectivos que exprimam uma saudavel vontade de renovação.

A realidade obriga a repudiar os velhos principios que conduziram as sociedades ao bordo dos mais terriveis abysmos, creando uma situação que parece sem sahida; tudo leva a crêr que eram injustas e artificiosas as verdades intellectuaes e moraes affirmadas para justificar as instituições que serviam á lei dos mais violentos, permittindo que alguns homens ociosos explorassem massas consideraveis de seus semelhantes e que certos paizes opprimissem outros com o escarneo dos seus direitos autonomos. Esse desequilibrio social que governantes sem escrupulos pretendem chamar ordem, é na realidade cabotica desordem, em que o trabalho do braço e do cerebro é objecto da exploração abusiva por parte de especuladores indignos. Essa formula é monstruosa em si mesma. Na engrenagem social contemporanea, o dinheiro, que deveria representar o trabalho, se converteu numa potencia magica e devoradora, que vive de vida propria, conduz e torce o Estado, se infla a expensas de todos e contra todos prospera. O bem estar dos individuos e a vida dos povos estão a mercê desse regimen monstruoso; todas as miserias, todos os soffrimentos, todos os despojos, todas as guerras, têm suas raizes nas voracidades que derivam da injustiça economica.

Não nos devemos contentar com reconhecer a iniquidade desse estado de cousas: o nosso dever de intellectuaes e de artistas é fazel-o comprehender a todos. Tambem nesses dominios deve-se amar a verdade e mostral-a sinceramente: os que, com sua ignorancia ou com sua indifferença, permittem a fructificação do mal, devem comprehender que a sua passividade é tão nefasta como a propria culpa. Não basta affirmar que o remedio aos soffrimentos voluntarios dos homens está no advento de uma ordem social em que reinem universalmente a cooperação e a justiça; convem fazer compartilhar dessa crença aos demais, porque é preciosa e bemfeitora. As idéas são os expedientes invisiveis dos actos humanos; ensinando a pensar preparamos bem a acção rectilinea.

Para esta obra de renovação intellectual e moral convidamos os homens habituados a trabalhar nos dominios mais nobres da acção consciente e reflexiva. Fundamos o Grupo Claridade! com o objectivo de diffundir, como uma religião experimental, o amor pelas doutrinas que ponham a nu' os males passados e mostrem quaes são os principios de justiça, de verdade e de belleza que nos alentem em buscar-lhes remedios.

Nosso movimento não tem os limites que entravam os partidos politicos, as academias preceptoras, as capellas artisticas. Toda inquietude de renovação e toda esperança de justiça convergem para a nossa obra. Por isso encontramos éco sympathico em todas as partes do mundo; manifestaram-se boas vontades onde quer que seja, cheias de fé no nosso esforço.



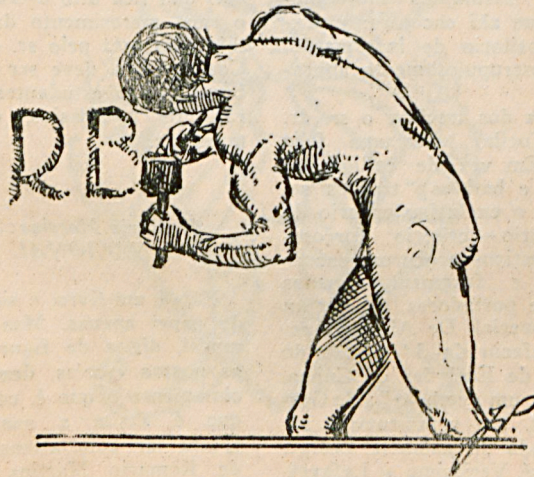
Anhelamos ter na America Latina um magnifico pugillo de amigos activos, que sejam dignos della e do nosso grande objectivo. Estamos seguros de que esse appello será ouvido por uma minoria selecta e clarividente, pelo melhor da juventude que estuda e sonha, por que confiam na possibilidade de melhorar a sociedade humana, sem esquecer que essa obra reclama muita energia e vontade, forte adhesão e disciplina.

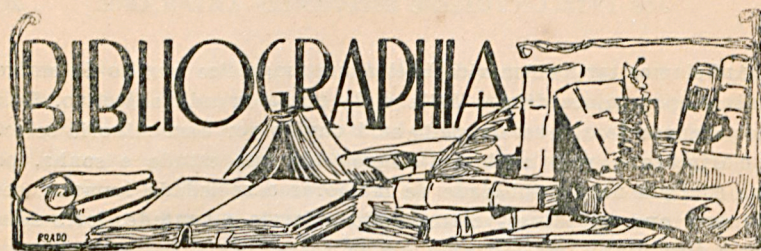
Os que nos honram attribuindo algum valor e alguma efficacia aos nossos trabalhos, ponham-se resolutamente em contacto com-nosco, enviem-nos seus nomes e suas adhesões. Necessitamos conhecermo-nos e communicarmo-nos para orientar sua acção.

Em todas as cidades dessa America convem crear secções locais, confederadas na ordem nacional, continental e internacional, para que a inspiração e a solidariedade reciprocas multipliquem os resultados de cada um e façam convergir todos os esforços para os ideaes communs.

A experiencia do Grupo Claridade no velho continente, desde um anno, nos permittiu crear um aparelho prestigioso e pratico, mediante revisões e aperfeçoamentos successivos; elle nos induz a offerecer nossa cooperação para reflectir na vossa America o novo espirito que está renovando a humanidade e procurar os meios de o diffundir entre os homens capazes de pôr sua intelligencia ao serviço dos ideaes desinteressados.

Livres camaradas americanos, vinde a nós!





Henrique Coelho: CHRESTOMATHIA BRASILEIRA. Editores, Weiszflog Irmãos, São Paulo, 1920.

O A. prestou bom serviço às letras com a organização desta interessante collectanea, sem duvida um dos trabalhos mais conscienciosos e mais bem feitos, apparecidos ultimamente, neste genero.

A obra abrange "páginas e escriptos de prosadores e oradores nacionaes do seculo XIX". Diz o A., modestamente: "Não passa de acanhada tentativa; ainda assim, poderão os mais idoneos utilizal-a, para trabalho melhor." De facto, muita utilidade terá o livro aos estudiosos de assumptos bio-bibliographicos, que ahi encontrarão excellente repositorio de informação, paciente e escrupulosamente apurada.

Na escolha dos trechos, o sr. dr. Henrique Coelho teve uma feliz inspiração. Em vez de colligir os costumados e batidos "trechos selectos", sob o exclusivo criterio do valor literario—criterio forçosamente subjectivo—procurou encontrar peças e fragmentos menos conhecidos e portadores de algum attractivo especial. De Aluizio Azevedo, o prefacio da 3.^a edição do "Mulato"; de Euclides da Cunha, "O valor de um symbolo"; de Gaspar Martins, um commentario sobre "A queda do gabinete Cotegipe"; de José Verissimo e Lafayette, fragmentos sobre a lingua portugueza no Brasil; emfim—accentuada preferencia pelos assumptos

patrios. Muitas das peças ou excerptos constituem apreciações de autores nacionaes, alguns delles incluídos na collectanea: de Raul Pompeia, por Araripe Junior; de Manoel Victorino, por Arthur Azevedo; de Torres Homem, por Taunay; de Fagundes Varella, por Ferreira de Menezes e por Franklin Tavora; de Odorico Mendes, por João Lisboa; de Joaquim Caetano, por Macedo; de Pereira da Silva, Couto de Magalhães e João Mendes, por J. Nabuco; de Bernardo de Vasconcellos, por Justiniano da Rocha; de Joaquim Serra, Araripe Junior, Verissimo, Octaviano e Pompeia, por Machado de Assis; e assim por deante.

O que fica dito deixa evidenciado o raro merecimento da chrestomathia composta pelo sr. dr. Henrique Coelho. Ella deve ser preciosa, sobretudo, aos estudantes de litteratura, nos gymnasios, escolas normaes etc.

A.

Romario Martins: A BANDEIRA NACIONAL — Paraná.

Não é um livro, e sim uma folha de papel apenas. Mas nessa folha mural, digna de figurar em todas as nossas escolas, descreve-se succintamente o que é, como é e porque é assim a nossa bandeira. Quem ler com attenção o estudo de Romario Martins sempre que vir fluctuar o nosso pendão lerá nelle toda uma symbolica para a qual cooperaram desde as estrel-

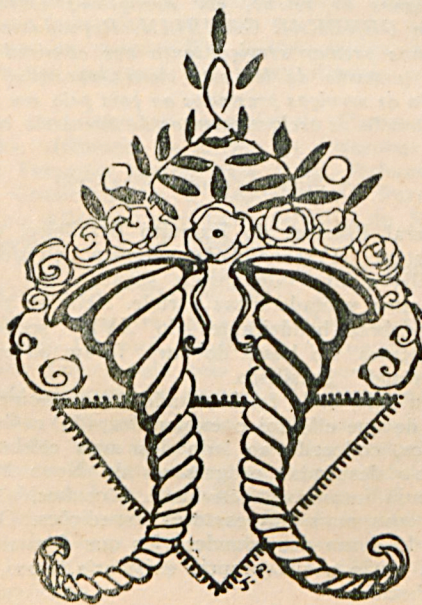
ias do Cruzeiro até o lemma duma religião recente. E louvará o publicista inteligente que soube inocular-lhe tantas noções por uma forma tão segura, sobria e incisiva.

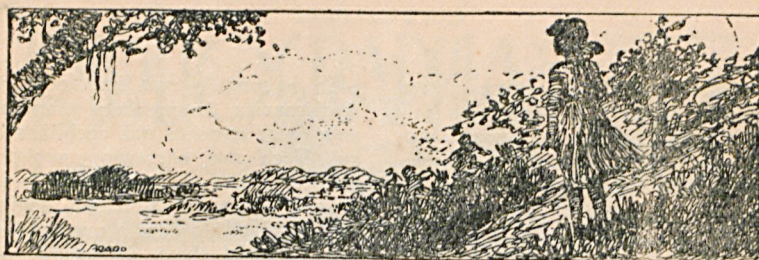
Canto e Mello: RELIQUIAS DA MEMORIA. Typ. "O Pensamento", S. Paulo, 1920.

O Autor, já bem conhecido do nosso publico por varios livros anteriores, um dos quaes, *Alma em delirio*, figura na plana dos melhores romances produzidos em S. Paulo, é rio-grandense. Mas veio do sul muito novo ainda, estando desde então sempre fóra do ambiente natal. E como dobrou o morro da vida, olha para traz, recorda o pas-

sado e compõe um livro com reminiscencias da meninice transcorrida entre gauchos nas cochilhas do sul. Tece uma narração empolgante, dessas que arrastam o leitor insensivelmente até á ultima pagina, ora deliciando-o com a evocação de um scenario cheio de poesia, ora arrepiando-o com lances violentamente tragicos. O curioso do livro é o tom de sonho de que está impregnado. Sente-se que entre o autor e as scenas que eile descreve boia uma neblina, uma *sfumatura* que não encontramos em nenhum livro nosso. E' que elle copiou do natural, mas dum natural que dormiu longos annos em sua memoria, e ganhou a tonalidade saudosa da icnjura...

L.





DEBATES E PESQUIZAS

GEOGRAPHIA

UM EXPLORADOR BRASILEIRO

O nosso eminente compatriota general Rondon vai tendo o seu extraordinario merito reconhecido em toda a sua extensão, realçado em todos os seus pontos dignos de relevo, por escriptores estrangeiros da alta competencia de um GENERAL GAMELIN. Reproduzindo o artigo que se segue, acreditamos prestar serviço tanto aos admiradores do explorador brasileiro que gostarão de lêr esta clara exposição, quanto aos que, ignorando ainda os serviços prestados ao paiz pelo seu notavel filho, aqui encontrarão os esclarecimentos de que estão carecendo.

I — Mato Grosso e Rondonia

A obra do General Rondon, do Exercito Brasileiro, é uma das mais fecundas que existem. Personalidade energica, physionomia aberta e sympathica, elle allia a uma intelligencia sagaz, e tão commum nos homens da sua raça, uma vontade tenaz e rude. Nelle se percebe a herança atavia daquelles celebres bandeirantes do XVIII seculo que, partindo de S. Paulo e de Minas, em busca do ouro, foram os primeiros conquistadores do "hinterland" brasileiro.

Admirado em seu paiz, onde foi baptizado com o nome de "Rondonia" a immensa região de que elle foi o explorador (1) o General Rondon é, em toda a America, collocado ao lado dos mais celebres pioneiros que têm trabalhado pelo desvendar progressivo do Novo Mundo. O Presidente Roosevelt, cuja incansavel actividade é conhecida, foi seu companheiro numa das suas mais interessantes expedições. O nome de "Rio Roosevelt" foi dado a um dos grandes rios que formam o Amazonas e cujo curso inteiro, senão a sua propria existencia, eram, até então, completamente desconhecidos.

Para se fazer uma idéa da obra realizada pelo General Rondon, basta

(1) Esta denominação é devida ao Dr. Edgard de Roquette Pinto, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

lançar-se um golpe de vista sobre o mappa e decalque (n. 3), levantados por seus assíduos collaboradores.

Ahi se vê a transformação profunda introduzida pelos trabalhos de Rondon no conhecimento geographico de uma vasta zona, que se estende entre o 3° e 22° grãos de latitude Sul e o 7° e 22° grãos de longitude, a oeste do meridiano do Rio de Janeiro. A região assim explorada corresponde a mais de uma quinta parte da superficie total do Brasil, a qual, por sua vez, é dezeseite vezes a da França.

A parte dessa região onde nunca haviam penetrado os civilizados pôde ser calculada em 150.000 kilometros quadrados.

Quem nunca tenha sahido da nossa Europa não pôde imaginar, senão difficilmente, taes espaços, e hesitará em crer que no começo do nosso XX seculo ainda jazessem ignorados. Estamos habituados a vêr a menor particula de terra aproveitavel, fecundada pelo assiduo labor do homem e, no decurso de uma guerra em que se jogava a sorte da humanidade, o menor campo, o mais insignificante bosque ser objecto de longas e encarniçadas lutas.

Aqui, são grandes rios ainda hontem desconhecidos; a selva tropical onde não penetraram, senão de longe em longe, por sendas estreitas, os *seringueiros*, em busca da borracha; extensões enormes de chapadões com frequencia cobertas de uma vegetação semelhante aos matos corsos, mais ou menos den a, mais ou menos alta, e donde avultam, aqui e allí, a haste e o pennacho de uma palmeira ou então alguns nós orographicos, destacando-se como serras desnudas, de fórmãs arredondadas; escarpas abruptas bordando terras altas; emfim, vastas regiões alagadiças chamadas *pantanaes* e habitadas por uma das faunas aquaticas mais ricas que existir possam no mundo. Tal é essa região, habitada ainda, em parte, por populações indigenas que nunca tiveram contacto algum com a civilização.

Nella é que se confundem as nascentes do Paraguay e do Paraná de um lado, e as dos affluentes da direita do Amazonas do outro.

O Paraná e o Paraguay correm para o sul, fechando o Estado brasileiro de Matto Grosso depois a Republica do Paraguay, para virem desaguar afinal no Atlantico pelo vasto estuario do Rio da Prata, entre a Republica Argentina e a do Uruguay.

Os affluentes da direita do Amazonas, de que Rondon contribuiu especialmente a determinar o traçado, são:

O Madeira, com os seus tres grandes affluentes da direita — o Marmoré, avolumado pelo Guaporé, Gy-Paraná e Roosevelt; o Tapajoz, formado pelo Juruena (engrossado pelo Arinos) e o Telles Pires;

O Xingú, grande affluente da esquerda do Tocantins.

Todos esses rios (porque se trata, realmente, pela extensão do seu curso e o volume das suas aguas, de verdadeiros rios), correm de sul a norte e vão engrossar as aguas do Amazonas; emfim este ultimo, dirigindo-se de Oeste para Leste, vem desaguar no Atlantico, sensivelmente sob o equador. Elles têm sua origem no Estado brasileiro de Mato Grosso e na parte Oeste de Goyaz, terminando o seu curso ora no Amazonas, ora no Pará, os dous Estados do Brasil que partilham do curso do grande rio equatorial americano.

De um modo geral, um largo sulco liga as duas grandes bacias fluviaes da America meridional, a do Amazonas e a do Rio da Prata, formando como que uma depressão central e axial do continente.

Elle serve de traço de união entre duas regiões muito accentuadamente caracterizadas e diferenciadas.



A Leste, é o bloco dos terrenos primarios constituindo a parte principal e mais povoada do Brasil: seu prolongamento occidental, vai terminar na região de Goyaz. A Oeste, é a surrecção Norte-Sul dos Andes, que orlam o fosso do Pacifico e de que um desdobraimento envolve, quasi que sob a mesma latitude do espigão granitico de Goyaz, os altos chapadões da Bolivia.

O Estado de Mato-Grosso (2), para uma superficie de, approximadamente, 1.500.000 kilometros quadrados, quasi tres vezes a da França, conta apenas 500.000 habitantes, segundo os ultimos dados.

Candido Mariano da Silva Rondon ahi nasceu, em 1865, nas cercanias de Cuyabá (3). Quasi ao sahir das Escoltas Militares, como official-engenheiro, fez ahi as suas primeiras armas, a chamado do Coronel Gomes Carneiro, encarregado do lançamento da linha telegraphica em direcção á Cuyabá. Foi ahi que, durante trinta annos annos, de estadia quasi que ininterrupta, no sertão (nós, antigos officiaes da Africa, diriamos — no *Bled*), de 1890 a 1919, incançavelmente, reaizou elle a sua obra militar e administrativa, seus estudos geographicos e scientificos, cujo alcance economico e humanitario mais importantes se tornamra, á medida que foram sendo melhor conhecidos.

Quatro mil e quinhentos kilometros de linhas telegraphicas servem cinquenta e cinco estações; cada uma dessas linhas corresponde a uma pista de 5 a 10 metros de comprimento, aberta, frequentemente, em plena floresta tropical, no meio de difficuldades sem conta, accrescida mesmo, ás vezes, de estradas, praticaveis, para automoveis. Uma série de nucleos de populações indigenas, onde o indio começa a se fixar, e já se debuxa um esforço agricola, á cujo contacto vêem se prover as tribus ainda in-submissas. Numerosas cartas ou roteiros, uma quinzena de volumes já publicados, seja como relatorios, seja com o fim de vulgarizar novos resultados adquiridos nos dominios da botanica, da zoologia, da ethnographia, da minerologia e da geologia. Curiosas e ricas colleccões, que hoje ornarn as vitrines do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Desde a descoberta de um novo mamifero, o Kurusú, e o estudo de sessenta variedades de abelhas, até á analyse chimica de varias fontes de agua mineral, tudo constitue uma obra abundante e coordenada. Sente-se ahi a vontade de um chefe que se soube impôr aos seus colaboradores, communicando-lhes, com o seu poder de trabalho, sua fé no exito da tarefa emprehendida, a sua inabalavel confiança no fundo da sua terra natal.

II — *As etapas de uma exploração*

Foi, de facto, em torno da construcção de linhas telegraphicas, de que Rondon fôra encarregado na qualidade de official engenheiro militar, que se crystalizaram seus differentes trabalhos: el'a fôrma a sua assatura essencial.

Progressivamente, as autoridades do Estado de Mato-Grosso, primeiro,

(2) "Matto", textualmente: terreno inculto, coberto de vegetação. O adjectivo "Grosso" indica a idéa de vegetação compacta e poderosa. Estes caracteristicos não podem, entretanto, applicar-se senão a uma parte da região, como foi exposto mais acima.

(3) Cuyabá, capital do Estado brasileiro de Matto Grosso, 30.000 habitantes. A segunda cidade, porém, a mais moderna como construcção é Corumbá (20.000 habitantes). Quanto a Matto Grosso, antiga capital historica, é uma cidade decahida que não conta mais de 3.500 habitantes.



e mais tarde as autoridades federaes, se compenetraram do esforço realizado pelo joven e sabio official e dos multiplos resultados que dahi se podiam esperar. Desde então, deram-se-lhe, pouco a pouco, os meios necessarios para o alargamento do seu campo de acção. Sob a denominação de "Commissão Rondon" pôde elle reunir em redor de si todo um grupo, civil e militar, de collaboradores de escol.

As successivas etapas percorridas podem ser assim resumidas:

De 1890 a 1898, construção da linha telegraphica de Goyaz a Cuyabá (capital de Mato-Grosso), primeiro sob uma fórmula summaria, depois a título definitivo. Era a primeira vez que o telegrapho penetrava numa região cujas communicações mais rapidas com a mãe-patria se faziam ainda pela via fluvial do Paraguay e maritima, de Buenos Aires ao Rio de Janeiro.

De 1900 a 1904, construção da linha telegraphica de Cuyabá a Corumbá, com rmaificações para Coimbra. Tratava-se ahí de um trabalho de realização particularmente difficil, através de brejaes, onde o impudismo atacava violentamente o pessoal. Para leval-o a bom termo, teve Rondon de utilizar-se de varias turmas de indios Bororós, até então em estado selvagem;

De 1905 a 1906, lançou-se toda uma rede de linhas no sul do Estado, ao longo da fronteira da Bolivia e do Paraguay, sem contar uma outra linha partindo Cuyabá em demanda de Cáceres e de Mato-Grosso;

De 1907 a 1915, finalmente, a criação da linha telegraphica do Noroeste do Brasil, ligando Cuyabá a Santo Antonio do Madeira, no Estado do Amazonas.

Foi o periodo da maior actividade da Comissão Rondon aquelle que, na ordem dos descobrimentos geographicos, terá os mais fecundos resultados. De facto, ella exigia uma série de explorações preliminares ou complementares, com o fim de encontrar-se o melhor caminho para ligar a bacia do Paraguay com os estabelecimentos existentes sobre os affluentes do Amazonas. A ém disso, Rondon foi, desde essa época, encarregado de lançar as bases de uma carta geral de Mato-Grosso, isso accrescido da incumbencia de fazer innumerous estudos scientificos.

O início desse periodo se caracterizou por tres expedições principaes de exploração, em terreno completamente desconhecido, enquanto paralelamente proseguia o avanço da linha telegraphica.

Em 1907, de Cuyabá ao rio Juruena: 1.800 kilometros de percurso total;

Em 1908, do Juruena á Serra do Norte: 1.700 kilometros percorridos em sentidos diversos;

Em 1909, da Serra do Norte ao Rio Madureira; 2.200 kilometros percorridos;

A partir de 1909, o horizonte ainda se dilatou. Os colaboradores de Rondon nives em sobre todos os rios, tendo nascente no divisor das aguas entre as pancias do Amazonas e do Rio da Prata. Seria muito longo citar-lhes aqui os nomes, apesar do desejo muito legitimo do General Rondon de ver lembrados os seus principaes auxiliares, que são tambem seus amigos.

Foi nesse periodo que se deu a exploração scientifica Roosevelt-Rondon, a qual o antigo Presidente dos Estados Unidos tornou ainda attrahente com algumas das caçadas que constituem o seu passa-tempo favorito.

Partindo em fins de 1913, do Alto Mato-Grosso, Roosevelt e Rondon ganharam successivamente o Juruena e o José Bonifacio, sobre o eixo da linha telegraphica do Noroeste, tentando em seguida a descida do rio



chamado, então, da "Duvida", determinando assim a existencia do rio até ahí desconhecida e que tomou o nome de "Rio Roosevelt".

A 26 de Agosto de 1914 chegaram elles á confluencia do Roosevelt com Aripuana, dando-se ahí o encontro com um official do exercito brasileiro que partira de Manáos numa lancha a vapor. Por outro lado, collaboradores de Rondon, destacando-se successivamente da expedição, reconheciam, um, o rio Papagaio, affluente de Juruena, o outro, o Gy-Paraná.

Finalmente, de 1915 a 1919, Rondon, permanecendo no Alto Mato-Grosso, depois na Amazonia, termina a sua obra geographica, reunindo e completando a documentação, de toda a especie, que lhe era necessaria. Feito, actualmente, general de brigada e Director do Corpo de Engenharia do Exercito brasileiro, não cessa elle de preparar progressivamente os montes de documentos reunidos no decurso dos seus trinta annos passados no sertão. Mas não perde nunca nenhuma oportunidade descrever o seu caro Mato-Grosso. E isto lhe é agora facil, pois uma estrada de ferro, partindo de S. Paulo, vai ter a Porto Esperança, sobre o rio Paraguay, um pouco abaixo de Corumbá. Ella permite ir-se do Rio de Janeiro a Corumbá em seis dias, mais ou menos.

Por toda a parte onde Rondon passou procurou sempre realizar, por meios pecificos, o contacto com as populações indigenas, até conseguir a sua utilização progressiva para os fins que elle tinha em mente. Seu methodo invariavel, coroado sempre de exito, foi de nunca replicar com violencias inúteis aos seus ataques, aliás geralmente (4) impotentes, pois que as suas armas eram ainda o arco e as flechas. Alguns presentes desses, sempre epreciados pelos selvagens, como machados facas e missangas, conseguiam logo domesticar-os e, actualmente, a mór parte das tribus se transformaram em guardião das linhas telegraphicas audaciosamente traçadas nas suas antigas terras de caçadas e excursões. Os telegraphistas das estações perdidas na immensidade dos sertões se tornaram os seus educadores.

Um dos capitulos mais interessantes da obra de Rondon é, entretanto, toda a documentação obtida sobre a ethnographia e os costumes das populações aborigenas, das quaes algumas não conheciam sequer o uso do ferro, servindo-se exclusivamente do machado de pedra. E como era necessario que a incansavel curiosidade do publico moderno não perdesse os seus direitos, Rondon chegou mesmo a trazer, das suas ultimas expedições, toda uma série de "films" relativos aos costumes dos indios. Têm elles grande successo nos cinemas do Rio, não sem offensa ao pudor das moças, cujas mãis ahí asconduzem.

Os grandes inimigos de Rondon, no decorrer das suas emprezas, foram a natureza e as febres. A natureza tropical, poderosa e indomada, com as cataractas dos seus rios, o poder da sua vegetação emmaranhada, a profusão dos animaes nocivos (reptis e sobretudo insectos), accumulos de obstaculos diante do explorador, não lhe consentindo nem o repouso, nem o somno. Quanto á febre, sob esse clima quente e humido, na vizinhança de interminaveis brejaes de florestas que exhalam penetrantes cheiros de mófo, nenhum branco escapa.

Um dia, a quasi totalidade dos companheiros sentindo-se abatidos pelas doenças, tendo o proprio General Rondon mais de 10 grãos de temperatura, medico da expedição o intimou a voltar immediatamente. Mas elle respondeu "que e'le era o unico a não ter esse direito; que se estudassem os meios necessarios, caso possivel, para que se fossem embora os doentes

(4) Houve, entretanto, varios feridos por flechas, entre os quaes o proprio Rondon.



mais graves, mas que elle ficaria". E, no dia seguinte, elle percorria, a pé, mais de trinta kilometros.

Numa outra circumstancia, quando quasi ao termo da viagem, o grupo da sua escolta ficara, pouco a pouco, reduzido aos mais energicos, todos tremendo de febre, esbarraram com um riacho, de curso torrencioso. Os homens, desesperados, deitaram-se por terra. Então Rondon, improvisando com um couro de boi uma fragil embarcação, obrigou um dos menos doentes a nelle tomar lugar, atirou-se a nado, guiando o esquife usado, onde se acamara o companheiro. O exemplo estava dado; outros o imitaram.

Numerosos factos desse genero teceram em torno do homem uma legenda, creando-lhe a aureola de chefe. Elles explicam a popularidade de Rondon entre alguns dos jovens brasileiros que sonham com aventuras e espaço.

III — *A obra e o futuro*

A obra do General Rondon não tem sómente um interesse militar e administrativo para o seu paiz, mas um valor indiscutivel para a humanidade inteira, avida de não deixar desconhecido, inexplorado e desaproveitado nenhum recanto do globo. Percorrendo em todos os sentidos essa vasta região, que separa as aguas do Amazonas da do Prata, buscando as facilidades ou as difficuldades de percurso que offercem as serras e platôs, a possibilidade de utilizar os grandes rios, Rondon, visa um feito de alta importancia para o Brasil.

Elle consiste, primeiro, em abrir progressivamente á exploração um territorio prestando-se especialmente á criação em larga escala de gado, nas grandes zonas salubres em que a altitude tempéra os rigores do clima; facilitar o estudo das riquezas mineraes que ahi se vislumbra; preparar para o futuro a utilização das suas inexgotaveis florestas.

Ainda mais. A audacia dos conquistadores portuguezes da primeira hora assegurou para o Brasil a posse desses immensos territorios que são, de um lado, a bacia principal da Amazonas, do outro o alto Parana e o alto Paraguay, os quaes poderiam ter cahido em poder dos Hespanhóis vindos da costa do Pacifico ou do Rio da Prata. Mas essas duas grandes regiões naturaes ficaram sem contacto entre si, sem ligações curtas e directas com os centros de forças brasileiras que, de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, orlam a costa atlantica e a parte E'ste do massico granitico.

Como eu disse mais acima, a via mais curta de Cuyabá ou de Corumbá ao Rio, foi durante muito tempo a de descer o rio Paraguay pe'os territorios do Paraguay e da Argentina para, em seguida, remontar pelas orias maritimas do Uruguay e do Brasil meridional.

Todos os inconvenientes dessa situação ficaram patentes, especialmente durante a guerra com o Paraguay, quando a mãe-patria se vio impotente para proteger contra a invasão o distante Mato-Grosso. O tratado de paz havendo garantido a liberdade do trafico flvial, a tendencia foi dormir-se sobre os resultados obtidos.

Do Mamoré ao Rio de Janeiro, o caminho é, ainda hoje, o do trecho da estrada de ferro conhecida sob a denominação de Madeira a Mamoré, que permite transpôr-se uma serie de corredeiras, depois a via fluvial Madeira-Amazonas, finalmente todo o littoral do Norte do Brasil.

Ligar entre elles o Amazonas e Mato Grosso não era uma novidade. Disso já a gente se preocupava no tempo nas explorações de Francis de



Castelnau (5) ou dos trabalhos de Leverger (6). E um seculo antes, em 1742, Manoel de Lima, com cinco companheiros, partindo da pequena cidade de Mato Grosso, descia em canôa até o oceano pelo Guaporé e o Madeira. Seria longa a lista a enumerar dos que se deixaram tentar pelo problema. Como no que concerne à abertura de boas communicações directas entre os confins orientaes do paiz e a região dos potos ou dos grandes centros urbanos, trata-se para o Brasil de um "interesse imperial".

Mas um povo que, como o do Brasil, possui, por si só, quasi a metade da população da America meridional e da sua superficie, deve fitar as mais longinquas ambições.

Como disse, uma via-ferrea partindo de São Paulo termina perto de Corumbá. Uma outra deve alcançar Goyaz, de onde se projecta leval-a até Cuyabá. Convém proseguir nesse tentamen e que esses ramaes, entroncamentos de caminhos de ferro transcontinentaes sejam prolongados, não sómente em direcção ao valle do Madeira, mas até á Bolivia e depois ao Perú e ao Chile septentrional, emquanto que, mais para o Sul, São Paulo deverá ser ligado á Asunción pela região das celebres quédas do Ignassú. (7)

Certamente, as cargas pesadas serão sempre de preferencia despachadas pe'as vias fluviaes e maritimas; mas as mercadorias de valor ou de luxo e, sobretudo, os viajantes, se utilizarão, em grande parte, do trajecto mais rapido. Se o Brasil souber apparellhar-se de uma réde de estradas de ferro, de grande rendimento, ligando seus grandes portos e suas grandes cidades, como Pernambuco, Bahia, S. Paulo, Curitiba e Porto Alegre, de onde se poderá alcançar Montevideó, é fóra de duvida que elle se tornará um dia, o ponto obrigado ou preferido de toda a corrente, indo ou vindo da Europa em demanda dos centros vitaes da America do Sul.

Para as gerações futuras, o General Rondon será tido como o pioneiro infatigavel que mais contribuiu para traçar a róta, attingindo esse porvir cheio de promessas novas.

MEDICINA

NOVAS SUGGESTÕES PARA O TRATAMENTO DO CANCRO

São do dr. BETTENCOURT RODRIGUES e foram publicadas no "Estado de S. Paulo" estas opportunas informações e commentarios sobre a sempre debatida questão do tratamento do cancro:

Depois de um excellente artigo sobre a curabilidade do cancro publicado pelo dr. Romme (ha quantos annos? ha mais

de vinte...) na "Presse Médicale", de Pariz, quantos tratamentos não têm sido muito esperançosamente ensaiados, mas, infelizmente, sem que tenham até hoje confirmado as prevsões optimistas desse illustre clinico francez!

São agora, mais uma vez, as secreções internas, ou a acção das chamadas glandulas endocrinicas, que voltam de novo a occupar terreno para o tratamento do cancro.

E' o que pelo menos se deduz de uma recente communicação feita á Academia de Medicina, de Pariz, pelo dr. Reynés, de Marselha, e que, sendo das mais impressionantes e suggestivas, bem merece um especial registro.

(5) Francis de la Porte de Castelnau, naturalista e viajante francez, nascido em 1812. Fallecido em 1880 em Melbourne, onde era Consul da França.

(6) Auguste Leverger, Barão de Melgaço, (1802-1880), nascido em França, foi para o Brasil, onde ficou ao serviço da Marinha. Foi encarregado de numerosas commissões em Matto Grosso.

(7) Affluente da esquerda do rio Paraná, cujas quédas são mais poderosas ainda que as do Niagara.



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA
CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:
BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTONICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desapparecimento completo das dôres de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das forças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas convalescências de todas as molestias que produzem debilidadade geral.



O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor

DR. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de ob-
servar que ha, em geral, re-
sultados vantajosos. Partieu-
larmente, mais proficuo se me
tem afigurado o seu uso quan-
do ha accentuada denutrição
e occorrem manifestações ner-
vosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Se-
ntembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo

Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
tamente em minha clinica o
Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais furtar
à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica Medi-
ca da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado com
os maiores resultados na cli-
nica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico da
clinica neurologica da Facul-
dade de Medicina do Rio de
Janeiro.

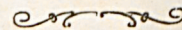
Palavras do eminente
cientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes
meus e sempre que lhe acho
indicação therapeutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C.^{IA} - S. Paulo



Nella se relata o interessantissimo caso de uma doente soffrendo de um cancro inoperavel do seio, mas na qual, depois de sujeita a uma ovariectomia, se operou uma completa cicatrização das ulceras cancerosas, concomitante diminuição do tumor e tão consideraveis melhoras no seu estado geral que os medicos já a consideram em boa via de cura.

Simple coincidência? ou estreita relação de causa a effeito?

Deus me livre de formular, perante este isolado facto, qualquer prematura e arrojada conclusão, mas sabendo-se, como todos os medicos sabem, quanto as secreções do ovario influem sobre o desenvolvimento dos seios, eu creio, como pretendo o dr. Reynés, que se não deve considerar como inadmissivel a hypothese de que uma alteração qualitativa ou simplesmente quantitativa dessas mesmas secreções possa, em organismos predispostos, desviar para uma formação maligna o desenvolvimento celular sobre o qual exercem uma bem manifesta acção.

Já num meu anterior artigo — "Vicissitudes therapeuticas" — eu dei noticia de experiencias ultimamente empreendidas no Instituto Pasteur, de Paris, pelo dr. Korentchewky é que parecem demonstrar que entre as formações cancerosas e a acção de determinadas glandulas de secreção interna, como a thyroide e as orchiticas, existe de facto um certa correlação, que a therapeutica poderá talvez um dia aproveitar.

Em animaes portadores de neoplasmas notou o dr. Korentchewsky que a ablação da thyroide ou das glandulas orchiticas provocava, na grande maioria dos casos, um consideravel augmento do tumor, e que, ao contrario, injectando-se-lhes o succo fresco dessas mesmas glandulas, já esses tumores se não desenvolviam.

Como se vê, tanto das experiencias de Korentchewsky, como da recente observação de Reynés, um mesmo importante facto se destaca, que é o de não ser de todo estranha ao augmento ou decrescimento, isto é, á evolução ou involução do tumor maligno a acção de algumas glandulas de secreção interna, como sejam, nos casos de que nos occupamos, a thyroide, a orchitica, ou a ovarica.

Mas como é (e é esta a objecção que a todos naturalmente acode), como é que em alguns doentes a suppressão da glandula favorece e em outros, ao contrario, impede o desenvolvimento do tumor?

Poderá talvez responder-se dizendo que a contradicção é mais apparente que real. E, de facto, desde que as glandulas de secreção interna activamente influem sobre o metabolismo celular e de certo modo garantem o equilibrio funcional do organismo, comprehende-se que tanto o excesso como a falta de secreção glandular possam, destruindo esse equilibrio, conduzir aos mesmos resultados. E que assim deve ser demonstra-o o facto já apontado por Korentchewsky, e é que, nos

animaes portadores de tumores cancerosos e aos quaes se fez a extirpação da thyroide, é com injecções, não de "grandes", mas de "pequenas" doses de succo thyroideo que nelles se conseguirá retardar o desenvolvimento desses tumores.

Ora é isto precisamente o que tambem se deduz da observação de Reynés, visto como a doente, soffrendo de um cancro inoperavel do seio, só começou a melhorar depois de lhe terem feito a ablação de um dos ovarios. Quer dizer — reduziu-se-lhe a secreção ovarica ao seu "quantum" physiologico; e, se era a hypercemia uma das condições da proliferação neoplasica, ella desde logo cessou com a suppressão de um dos ovarios.

Ha em todos estes factos ensinamentos que me não parecem desaproveitaveis.

Já ha uns dez annos, em 1911, que o dr. Hodenpyl, de Nova York, relatando o interessantissimo caso de uma cancerosa com multiplas localizações (seio, pescoco e figado) e que elle pretende ter curado com injecções de liquido ascitico proveniente da propria doente, acaba por considerar possivel que, no decurso das affecções neoplasticas, se realizem, nas secreções organicas ou internas do doente, modificações de ordem physica ou physiologica que dêem como resultado a accumulção ou formação de substancias que se opponham ao desenvolvimento das cellulas cancerosas.

Em duas palavras — autotherapia, ou opotherapia.

Quanto á autotherapia anti-cancerosa já em precedentes artigos eu largamente me occupei, tendo em vista não só os trabalhos de Hodenpyl sobre esse mesmo assumpto, como o relatório do dr. Risley (de Boston) em que se consigna o resultado do inquerito a que procedeu, no "Massachusetts General Hospital", a commissão nomeada pela Universidade de Harvard para se averiguar a efficaçia ou inefficaçia das injecções de sôrosidade ascitica de origem cancerosa, no tratamento dos tumores malignos inoperaveis.

Embora menos optimista que o dr. Hodenpyl, mas reconhecendo que, num grande numero de casos, ellas podem melhorar, e muito, o doente, não hesitou a commissão em declarar que essas injecções constituem portanto uma therapeutica a que se deve recorrer, no tratamento de cancers inoperaveis.

Pelo que respeita á opotherapia anti-cancerosa, além das experiencias e ensaios de Huxley, na Inglaterra, em Farnça, ha agora, e bem mais recente, um artigo, que é um interessante repositório de factos e commentarios, publicado pelo dr. Naamé, de Tunis, na "Gazette des Hopitaux" e que o "Monte Médical", de Paris, em parte reproduz, no seu numero de 11 de Março.

Considerando o cancro como a resultante de uma deficiente nutrição local e simultaneamente de um defeituoso funcionamento das glandulas de secreção in-



terna, ou, por outra, que ás boas secreções (boas qualitativa e quantitativamente) correspondem as células normaes e ás viciadas secreções as células cancerosas, chega o dr. Naamé á conclusão de que a ophoterapia está perfeitamente indicada no tratamento do cancro, porque remedia não só a uma deficiente nutrição celular, causa da localisação cancerosa, como a uma defeituosa secreção glandular, causa da anarchia celular. Esta sua concepção pathogenica e therapeutica das neoplasias malignas daria ao mesmo tempo a razão das frequentes recidivas post-operatorias, visto que a operação cirurgica de modo algum remedia o mau funcionamento glandular.

As observações em que se firma o dr. Naamé são muito resumidamente as seguintes:

Dois casos de cancro do seio, curados com a ophoterapia thyro-mamaria; dois de cancroides da face, tratados com exito pela ophoterapia thyro-ovariana; um outro caso, e este dos mais graves, em que uma ophoterapia mais complexa (extractos biliares, thyroidina e pancreatina) permittiu ao doente viver ainda dois annos.

Falando da pancreatina, que é uma mistura ou associação de varios fermentos, entre os quaes a trypsina que transforma os albuminoides em peptonas, não deixarei de assignalar o maravilhoso resultado obtido por um meu distincto collega, de Lisboa, o dr. Ferreira Cardoso, com as injecções de trypsina, num caso de cancro do estomago diagnosticado por todos os medicos — e não foram poucos — que examinaram o doente. Era este um homem já de avançada idade, com um tumor perfeitamente perceptivel, numa vasta zona da região estomacal, e com todos os symptomas, facies e aspecto de um verdadeiro canceroso.

Só ao cabo de trinta injecções é que esse doente começou a experimentar algumas ligeiras melhoras, mas isto o animou a proseguir no tratamento. Essas melhoras foram-se desde então accentuando até que que ao fim de 140 injecções o tumor tinha completamente desaparecido, as funções gastricas restabelecidas, e o estado geral tão perfeito quanto o permittia a já avançada idade do doente, que ainda conseguiu viver mais uma meia duzia de annos.

Como interpretamos esta maravilhosa cura, visto ter sido, na realidade, uma verdadeira cura?

Erro de diagnostico? De que natureza era esse tumor que resistiu a todas as anteriores tratamentos e que só veio a ceder á exclusiva acção da trypsina, acção demorada, persistente e methodica?

Não me arriscarei a aventar quaesquer complicadas hypotheses, mas não deixarei de repetir, terminando, o que neste artigo comecei por dizer — e é que em todos estes factos apontados ha, a despeito da nevoa que ainda os envolve, ensinamentos que me não parecem desaproveitaveis.

LITTERATURA

INVENÇÃO E FOLCLORE

O sr. ALBERTO FARIA, no "Dia", assigna este artigo de critica erudita a um passo interessante do "Inferno verde".

De pernoite accidental no rancho de Flôr de Santos, cujo nome contrasta ironicamente com sua lenda, que o faz temido nas redondezas de Itacoatiara, o sr. Alberto Rangel ouve rumor no japá da porta e, á frouxa luz das estrellas, vê assomar o vulto do "cabra, alto, corpulento, bigode massço na face larga, sob ventas grossas de hippopotamo". Eil-o que, de arma branca em punho, avança cauteloso para a rede do hospede, presa de pavor... Porém, deposta a lamina homida num banco proximo, retrograda no mesmo passo. De novo só e agora a tacear, aquelle acha, juntamente com a faca deixada, um rôlo de tabaco. Percebe então que o "Troppmann sertanejo" apenas viera obsequialo, não querendo interromper-lhe o somno.

As linhas supra condensam a materia, propriamente, do conto *Hospitalidade*, mercê de apparatus descriptivo e luxo terminologico estirado por vinte e uma laudas do "Inferno verde" (*Scenas e scenarios do Amazonas*). 1

De accôrdo com o interparenthetico subtítulo do livro, na referida pça ha *scenário* da região maravilhosa, mas não *scena* a ella peculiar, sendo o fecho ethnographicamente insignificativo:

"O malfetor, que a lei humana mantinha refugiado, exercia no seu refugio uma lei divina. O reprobato era patriarcha".

Nem altera essa glosa a critica, algo psychologia e nada erudita, de Euclides da Cunha, o illustre preambulador da obra:

"Na *Hospitalidade*, o homem decahido volve, em segundos, por um milagre de atavismo, á tona da humanidade, antes de mergulhar na sombra, d'a a d'a mais espessa, da decrepitude moral irremediavel."

Semelhanças palavras podem applicar-se a qualquer profissional do crime, onde fór, porquanto hospitalidade não é sentimento característico de cangaceiro amazonense, ou de saltador calabrez, etc.

Accresce que, para o effeito sensacional do conto, resultante de um equívoco relativo á intenção do hospedeiro, não se tornava necessario ser este assassino, bastando que tal o suppuzesse o viajor em panico.

E com isto o sr. Alberto Rangel restituirá ao caso, que subjectivou por mera fantasia, um dos traços primitivos, concorrentes para sua feção tragicomica, ainda conservada em França.

Assim dizemos, porque essencialmente



lhe não pertence o assumpto, nem tampouco ao primeiro aproveitador literario do mesmo, o *bom vigneron* Paul-Louis Courier.

A engenhosa e bella enxertia deste escriptor, celebre pela "tache d'encre", aqui fructificou de norte a sul, (2) graças á selecta franceza de Roquette, adoptada em nossas principaes casas de ensino, desde muitos annos.

Era natural que no espirito dos adulescentes, forçados a deletrearem-lhe os trechos, se gravassem de preferencia os mais coloridos, como o da carta de 1 de novembro de 1807 a mme. Pigalle, prima do signatario, pois representa um *conte de pour*, ou á brasileira, uma *historia de metter medo*.

E seriam elles, quando adultos e a correr terras da patria, seus d'vulgadores oraes, nas variantes sabidas, que ao presente repontam em floeios artisticos.

A transplantação do questionado conto, medieval e popular na origem, deu-se assim por via didactica, enriquecendo successivamente o *folk-lore* e a literatura do Brasil.

Interessa conhecer a fonte immediata de Paul-Louis Courier, cuja imitação, facil de verificar-se, vem sendo reimitada. Eis a novella 38 do "Heptameron", da rainha de Navarra.

Um dia aconteceu chegarem tarde Grip, aldeia do senhorio de Fors, dois irmãos da Ordem de S. Francisco de Assis.

Alojaram-se em casa de um lenhador. E, como apenas um taboado, mal junto, separava o quarto do hospedeiro do cedido a ambos, por desfastio puzeram-se a escutar o que o marido dizia á mulher, já no leito.

Sem suspeitar a indiscreção dos hospedes, e preocupado com a economia domestica, assim falava:

— Minha cara, amanhã devemos levantar-nos cedo, para vermos nossos franciscanos; um está bem gordo, e é preciso mata-lo incontinentemente. Disso tiraremos bom proveito.

A' espera do romper d'alva, entraram em afflicção os monges, dos quaes um era muito gordo e outro assás magro.

O primeiro, certo de que o lenhador, perd'ida a graça divina, não ter'a escrupulo de escorchar-o, como a um boi, ou qualquer animal, desejava confessar-se.

— Encerrados aqui, murmurava, será inevitavel a morte affrontosa: cumpre-nos, pois, recommendar a alma a Deus, quanto antes.

Não vencido inteiramente do terror, obtemperou o segundo que, trancada a porta, ainda lhes restava a janella, para

uma tentativa de evasão. Aliás, de modo diverso não salvar'am o corpo.

Concordando o gordo, o magro abriu-a e, observando a pouca altura do lado exterior, pulou abaixo, de seguida fazendo-se ao largo.

La obrar igualmente o companheiro, mas, o enorme peso, transformou-lhe o salto em queda, fracturando uma perna.

Dorido e abandonado, circumvaga o olhar, á procura de esconderjo seguro; á curta distancia, depara-se-lhe uma pocilga, cuja portinhola abre, por ella escapando dois cevados. Fecha-a sobre si, accomodando-se o melhor que pôde no logar delles, para aguardar o ruído de algum passante, a quem implorar soccorro.

Logo que amanheceu, o lenhador, tomando seus facões afiados, convdou a mulher a segu'lo, afim de matarem o porco gordo. E, quando rente á pocilga, em que se occultára o frade, começa a bradar:

— Saide fóra, mestre *Franciscano*; saide fóra, porque hoje necessitamos de vosso sangue e de vossas banhas.

O pobre irmão, não podendo ter-se sobre a perna ferida, saiu a quatro pés, gritando:

— Misericórdia! Misericórdia!

Se grande foi seu medo, acreditando chegado o momento fatal, não foi menor o dos rusticos, suppondo-o apparição do proprio S. Francisco, irritado por chamarem *franciscanos* aos cerdos.

Era de ver o grupo: ajoelhados ante o frade, na postura grotesca e sempre a berrar, o lenhador e a mulher pediam perdão ao santo.

Alfim, convencido de que nenhum damno lhe queriam fazer, socogou o frade, explicando porque se metterá na pocilga. E o lenhador, mal sustendo o riso, reconduziu-o á casa, para pensar-lhe a ferida.

Nesse entretanto surgira um emissario feudal, expedido mediante queixa do monge fugitivo, para a apuração da verdade, que o *seigneur de Fors* houve por bem *racompter á sa maistresse madame la duchesse d'Angouleme, mére du Roy François premier du nom*.

Tres e quatro seculos depois é que Paul-Louis Courier e o sr. Alberto Rangel, respectivamente, visitaram a Calabria e o Amazonas.

1. — Seguda edição, revista, pags. 83-103.
2. — Em estylo inferior ao do sr. Alberto Rangel, posto que isento de gongorismo formal, tem o sr. Othoniel Motta pedagogo paulista, identico trabalho, lido pelo autor em algumas sessões publicas.



MACHADO DE ASSIS

A Academia Brasileira, por proposta do sr. Mario de Alencar, vai erigir, no Rio, um monumento a Machado de Assis, — um monumento simples e modesto, como recatada foi a indole e como discreta foi a vida do eminente escriptor. Bella iniciativa.

Entre os escriptores brasileiros, nenhum de tão larga humanidade: Machado *podia* ser, com pequenas differenças de colorido local, um escriptor inglez, allemão, ou pariziense, comprehendido, lido e amado em todo o mundo. Ao mesmo tempo, nenhum escriptor que tão acabadamente, tão functionalmente representasse entre nós o humorismo superior, humorismo de pensadores que se fazem artistas, humorismo imparcial, subtil e espiritalizado de Anatole ou de Sterne. Em terceiro lugar, nenhum escriptor foi tão correcto, tão classica e puramente correcto na composição e uso dos seus meios expressivos.

Sob estes tres aspectos,—que bem podem fundir-se num só, porque Machado é desses homens que conservam uma profunda unidade na diversidade,—o autor de Braz Cubas inclue-se na primeira fila dos que superiormente honram o Brasil. Não entra, é claro, na classe desses chamados "homens representativos", como esses homens são por cá entendidos — expoentes dos vícios e qualidades mais communs e apparentes do seu meio. O que elle representa é outra coisa. Antes de tudo, expoente de si mesmo. Grande figura, com lineamentos e geitos de um bello aborto. Cheira a uma

esplendida desafinação do ambiente. Moralmente, intellectualmente, sentimentalmente, um insulado. Nunca "commungou" com o povo. Nunca participou dos festins e das orgias da opinião. Admiravel e commovente exemplo de uma individualidade que quer ser jequitibá no meio de um *cerrado* tortuoso, de uma *catinga* triste, — e que o consegue!

Mas, representante maximo de si proprio, excepção, aborto, desafinadella, Machado tambem representa o Brasil. Não se deve deixar á mediocridade, á parte de mediocridade que os homens notaveis têm consigo, o encargo de expoente da nacionalidade, da raça, do povo, ou lá do quer que é. Os homens excepcionaes, a certos respeitoes, são até melhores, são até mais altos, mais estimaveis representantes da sua gente, visto que lhe representam as possibilidades mais nobres. Porque a flór que só apparece uma vez por anno, no alto de uma fronde, ha de ser menos representativa do que as folhas de todos os dias?

Não se repita, pois, a sedica historia de que Machado não é *bem* brasileiro, de que é *menos* brasileiro que este ou aquelle. Brasileirissimo é que elle é. Brasileiro pelo sangue, pela familia, pela naturalidade, pela criação, pela educação, pelo meio brasileirissimo em que viveu toda a sua vida.

Alcemos o seu nome ás alturas. — Yorick.

* * A proposito da iniciativa da Academia, um dos membros da casa, o illustre sr. Filinto de Almeida, escreveu no jornal "A Noite" o seguinte artigo, sob o titulo—"Como eu conheci o Mestre":

As "Memorias Póstumas de Braz Cubas", dedicadas como saudosa lembrança "Ao verme que primeiro roeu as frias carnes" do cadaver do heroi, tinham apparecido em 1881, e eu ainda não conhecia o livro maravilhoso, quando, em janeiro do anno seguinte, levado por um amigo querido, fui, pela primeira vez, a Petropolis, a passeio, um passeio que durou oito dias, que me deslumbrou e de que me ficou uma lembrança imperecivel.

Naquelle tempo a viagem de Petropolis consumia umas cinco horas, mas era admiravel. Primeiro a travessia da baia, nas barcas, muito limpas e elegantes da empreza; em seguida, os vinte minutos de comboio até a Raiz da Serra; e, por fim, as diligencias da União e Industria, a tres parelhas, galgando o aclave da beia e ótíma estrada macadamizada, ao lado da qual se iam desdobrando em maravilhas os variados panoramas da paisagem.

Do lto da serra, uma carruagem nos conduziu ao Hotel do Oriente, que já não existe, e onde tive a surpresa agradável de encontrar França Junior, então em plena voga, por causa dos seus folhetins humorísticos da "Gazeta de Noticias". O folhetinista popular, o comediografo do "Defeito de familia", do "Direito por linhas tortas", de "Como se faria um deputado" e de outras comedias de grande exito, era um *dandy* notado pela elegancia e correccão do trajar, que lhe atenuava a escassa esbelteza das linhas e era, além disso, um ótímo palestrador. Estava lá com a esposa, uma senhora muito alta e esguia, distinctissima, de grande cultura e de nobres maneiras, como toda a familia dos Amarais, a que pretencia, irmã do diplomata e notavel poeta José Maria do Amaral, hoje tão esquecido, e do visconde de Cabo Frio.

—Por aqui? Mas que bella surpresa!

—Você vai ter outra mais agradável: está cá tambem o Machado de Assis, com a senhora; conhece-a?

—Não; mesmo o Machado só o conheço de vista.

Disse-lhe quanto lhe seria grato se me fizesse a fineza de me apresentar ao Mestre; e França Junior, amavel, apresentou-me, á hora do jantar, quando Machado, com a esposa, ia sentar-se á mesa. Fiquei sempre grato a França Junior por essa apresentação e tambem porque ele, pacientemente, me mostrou, em dias successivos, todos os recantos belos ou interessantes de Petropolis, que era naquelle tempo uma vilazinha florida, toda florida, onde as flores desabrocharam em todas as casas, ricas e pobres, subiam em hastes pelas paredes e iam rebentar em esmaltes e matizes variegados sobre as telhas das casas térreas. O doutor França conhecia todos os centímetros de terreno de Petropolis e ninguem tão bem como ele me poderia pôr em contacto com os seus encantos.

No dia seguinte, ao almoço, appareceu no hotel outro poeta, Rozendo Muniz, que, chegado nesse dia, parou á minha mesa, para me cumprimentar. Disse-lhe que tinhamos ali o nosso Machado de Assis e logo ele me fez um sinal discreto para me eu calar:

— Não nos damos...

Fiquei espantado de haver algum zangado com o Mestre ilustre, tão afável, tão doce, tão alegre no conversar. Mas logo me refiz, por saber que Rozendo era o que nós chamamos um estoirado.

Emfim, ali começaram as minhas relações com o poeta das "Crisalidas", das "Falenas" e das "Americanas", com o insigne prosador de "Braz Cubas" e de "Quincas Borba". Sereno, sorrindo com indulgencia á minha mocidade estouvada, sempre a par da esposa, senhora de incomparavel encanto, inteligentissima, que Portugal parecia ter mandado ao Brasil expressamente para ser a companheira e o anjo bom do grande escriptor brasileiro, irmã tambem de um poeta — Faustino Xavier de Novaes, — Machado não desdenhava de conversar comigo, que era um principiante ignorado e de poucas letras, de me contar anedotas, o que ele fazia com immensa "verve", tirando efeitos de graça da sua propria gaguez. E comeccei a ama-lo e a venera-lo desde então, sem poder imaginar que um dia me seria dada a honra de me sentar ao seu lado, numa Academia.

Foi um passeio feliz, aquelle de Petropolis, no anno remoto de 1882! Dele me ficaram no coração a amizade de Machado, e na memória os dois nobres perfis de medalha antiga, que eram o da sua esposa e o da senhora França Junior.

Agora, volvidos quasi treze anos sobre a morte do Mestre, Mario de Alencar, que foi o mais querido dos seus discipulos e dos seus amigos, propoz que a Academia Brasileira de Letras promovesse a erecção de um monumento publico que perpetuasse no belo parque do Passeio a memória do seu primeiro presidente, um monumento modesto, condizente com a indole e com a vida discreta do Mestre.

A Academia não seria difficil, nem pouco agradável, o exigir ella mesma, á sua custa, o monumento. Mas não foi esse o pensamento de Mario de Alencar; antes ao contrário, do que se cogitou foi de provar que o público, o público de todos os recantos do Brasil, que sabe ler e que lê, presa a memória do maior dos escriptores nacionais e que é capaz de fazer o sacrificio de alguns mil réis, para perpetuar essa memória na capital do pais. Ha quem diga que não, porque Machado de Assis não foi nem podia ser um escriptor popular, no sentido comum deste adjectivo; mas tambem ha quem diga que sim.

Nas palavras "ao leitor", que precedem as "Memorias", Braz Cubas delas escreve: "E' obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia; e não

é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; e ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião."

E eu estou certo de que A NOITE iniciará no nosso jornalismo a subscrição publica para o monumento, com uma quantia bem modesta, que não espante os futuros subscritores, quando por aí não seja, ao menos pela curiosidade de vermos como o povo leitor do Brasil responde á duplicidade do conceito de Braz Cubas.

E logo veremos como se expressam as duas colunas máximas da opinião...

Acolhendo sympathicamente a suggestão com que o artigo termina, "A Noite" abriu uma subscrição publica, destinada a recolher modestos donativos em grande numero.

Esse exemplo foi imitado pelo "Estado de S. Paulo", que tem uma subscrição aberta.

"ENFERMIDADES DA LINGUA"

"Deixal-a perecer (a cultura do algodão)... seria *uma* imperdoavel incuria, *um* crime de que jamais nos redimiriamos".

"Não obstante a paralyzação da industria de tecelagem... proporcionando *um* descanso a 60.000.000 de fusos..."

"Recebemos desses factos *uma* pessima impressão".

"Nunca experimentara um contentamento tão grande".

"Acabo de fazer *uma* interessantissima viagem".

Em todos esse trechinhos, que por ahí colhi, é de notar-se o abusivo emprego do artigo indefinido *um uma*. Influencia franceza, ou seja lá o que fôr, o que é indubitavel é que a repetição frequente dessa excrecencia inutil afeia e monotona as phrases.

E' curioso observar-se como o portuguez, sendo uma lingua de tão largos recursos, podendo ter um phrasear alado e vario, do melhor effeito, vai tendendo, por incultura, ás formas compassadas e rigidias do francez. E uma das coisas que concorrem a esse effeito é este uso immoderado dos *um, um, uma, uma*, quando delles não ha necessidade.

Essa desnecessidade resalta, principalmente, quando o substantivo determinado é precedido do qualificativo. A simples suppressão do artigo, ou a suppressão com ligeira inversão dos termos, daria ás proposições outra leveza e graça:

"Deixal-a perecer seria imperdoavel incuria, crime de que jamais nos redimiriamos.

"Não obstante a paralyzação da industria de tecelagem... proporcionando descanso a 60.000.000 de fusos..."

"Recebemos desses factos pessima impressão".

"Acabo de fazer interessantissima viagem".

"Nunca experimentara tão grande contentamento".

Este vicio não tem a desculpa da difficuldade em desenraizal-o, ou de prejuizo para a intelligencia das phrases. E' brotoeja que resulta simplesmente da falta de cuidado. E' como certas doencinhas de pelle, que se curam com sabão, quando muito com pinceladas de iodo... — **Silvestre Silverio.**

MOLIÉRE E D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

Num artigo, publicado no n.º 41 da revista portugueza "Atlantica", e reproduzido na 2.ª edição de seu livro "Poeta da estrada", indagou Afranio Peixoto se Molière, para o seu "Bourgeois Gentilhomme", não se teria inspirado no auto portuguez "O Fidalgo Aprendiz", de D. Francisco Manoel de Mello. Por uma serie de razões, qual mais convincente, parecia-lhe isto a evidencia mesma. O "Fidalgo aprendiz" foi publicado em 1665; em 1671 o "Bourgeois Gentilhomme". O titulo, identico, é conforme ao genio de cada idioma: as obras se definem da mesma maneira. São os mesmos mestres e as mesmas artes que os dois burguezes requerem para polimento e cortezia. Ha até uma phrase — "nem prosa, nem rima" igual a — "il n'y a que la prose ou le vers"? de Monsieur Joundain, que fica então muito espantado de falar prosa, sem o saber. A acção na comedia franceza e no auto portuguez tambem corre parelhas, apenas, é de ver, com as d'ferenças impostas pelos meios respectivos, a Lisbóa



beata de D. João IV e o Paris refinado de Luiz XIV. Molière, que pilhara meio mundo, antigos e modernos, até hespanhoes, não ter'a feito isso a um portuguez, escriptor classico em dois idiomas, e conhecido em França?

Depois de cotejo demorado, conclue: "Portugal concorreu, até hoje, para a literatura universal, com do's livros, dos quaes até um deles não é escripto em portuguez: — "Os Lusíadas", de Camões, e as "Cartas de amor" de Mariana Alcoforado. Não é pouco — porque o primeiro vale uma literatura, já se disse, e o outro é, com as cartas de Helo'sa, a mais sincera e vehemente voz de coração amoroso que existe, em todos os tempos. Não sei de mais. Pretendo que o "Fidalgo Aprendiz", pela sua descendencia, seja ao menos lembrado nesta lista".

Pois bem, esta "divida a cobrar" acaba de ser reconhecida, o que é meio pagamento. O Sr. Professor G. de Gentil, que, na Sorbona, Universidade de Paris, rege a cadeira de Literatura Portuguesa, acaba de, sobre o assumpto, escrever um sabio artigo — "Molière et le "Fidalgo Aprendiz", na "Revue de Litterature Comparée" (de Baldensperger et Hazard), Paris 1921, n.º 2, pags. 246, etc., no qual, depois de examinar detidamente a questão, ajuntando novos argumentos e outras aproximações, conclue por dar razão ao academico brasileiro.

O "Bourgeois Gentilhomme" é uma das obras primas de Molière, o maior comico de todos os tempos: e é um autor portuguez o seu insp'rador e o "Fidalgo Aprendiz" o modelo da obra e a fonte do artista. A descoberta não é pequena, em historia e critica literaria; e, sancionada por uma autoridade franceza, é mesmo um exito de erudição esse que restitue a um grande escriptor de nossa linguagem o que é seu, uma gloriosa descendencia: o "Bourgeois Gentilhomme", filho do "Fidalgo Aprendiz", e Molière alumno de D. Francisco Manoel de Mello.

ACADEMIA BRASILEIRA

Na ultima sessão da Academia Brasileira de Lettras, o Secretario Geral, Sr. Ataulpho de Paiva, fez uma brilhante al-

locução, chamando a attenção da casa para a benemerencia da acção literaria que está exercendo no estrangeiro o Sr. Carlos Magalhães de Azeredo, embaixador do Brasil junto ao Vaticano.

S. exc. acaba de fazer em Roma, a 27 de Abril ultimo, no Circulo de Cultura Feminina, uma conferencia sobre a litteratura no Brasil, e dos jornaes italianos consta o grande successo que alcançou, tendo sido logo depois convidado para fallar tambem no Lyceu Romano, na Associação de Imprensa e no Circulo Pariz e Roma, salões de notavel importancia intellectual. Referiu-se especialmente o conferencista ao romance brasileiro, citou Machado de Assis, Alencar, Taunay e Aluisio Azevedo, dentre os mortos, e dentre os vivos, os srs. Coelho Netto, Afranio Peixoto e Graça Aranha, tendo tido os seus conceitos extensa repercussão nos meios litterarios da Italia, não só pelo valor do critico perfeito que é o autor dos "Homens e Livros", como pela pureza com que o nosso embaixador pontificio falla a lingua de Dante, chegando mesmo um jornal a dizer que o admiravel poeta das "Elegias a Leão XIII", pronuncia o italiano melhor que muitos naturaes do paiz.

Entre a assistencia achava-se o que Roma tem de mais fino na sua sociedade, notando-se, na totalidade, o corpo diplomatico da America Latina.

O Sr. Ataulpho, na sua oração á Academia, fez sobresair, porém, a circumstancia de ser o prestigio que o Sr. Azeredo gosa na Italia, devido não só ao seu alto cargo, mas, principalmente, ao nome literario que elle soube alli crear-se e cuja influencia vem tão carinhosamente usando em beneficio das cousas de seu paiz.

Frizou o Sr. secretario geral que o actor da "Vida e Sonho" é um dos academicos ausentes que mais galhardamente vêm cumprindo o que, a todos que partem para o estrangeiro, tem pedido o presidente da Academia, Sr. Carlos de Laet, que se não esqueçam da instituição a que pertencem e consequentemente das cousas litterarias do Brasil. Ao terminar, o sr. Ataulpho, tornando bem saliente a acção nobre e proficua que, em todos os sentidos, tem sabido imprimir á Acade-



mia o seu actual presidente, disse que se sentiria nimiamente honrado se a casa autorizasse o humilde Secretario Geral a dirigir-se em officio ao festejado poeta e diplomata eximio agradecendo o grande brilho que, mesmo longe, empresta á Academia, de que foi o mais joven dos fundadores.

A assembléa acolheu com calorosas palmas a oração, que acima se tentou reproduzir, do Sr. Ataulpho de Paiva e, unanimemente, assentiu ao seu desejo.

Achavam-se presentes os Srs. Carlos de Laet, Ataulpho de Paiva, Goulart de Andrade, Aloysio de Castro, Alberto Faria, Alberto de Oliveira, Affonso Celso, Afranio Peixoto, Alcides Maya, Antonio Austregesilo, Augusto de Lima, Dantas Barreto, Felix Pacheco, Filinto de Almeida, Humberto de Campos, João Ribeiro, Lauro Muller, Luiz Murat, Mario de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Osorio Duque-Estrada, Rodrigo Octavio e Silva Ramos.

A "INNOCENCIA" NOS TRIBUNAES

Noticiou a imprensa diaria, ha dias, que uma acção summaria acaba de ser proposta no Juizo Federal do Rio pela viscondessa de Taunay e os herdeiros do autor da "Innocencia", contra o editor José Joaquim de Azevedo, afim de ser este condemnado a lhes pagar uma indemnisação pelas perdas e danos que se liquidarem no processo, devido ao facto de o referido editor haver feito uma edição clandestina daquelle romance, a qual os herdeiros do autor consideram cheia de defeitos e de erros.

A obra literaria do visconde de Taunay, inclusive "Innocencia", só cairá no dominio publico em 1959, anno em que se passa o sexagesimo anniversario do fallecimento do grande escriptor brasileiro.

O MONUMENTO A BILAC

A Liga Nacionalista de S. Paulo, que tomou a si a continuação das obras do monumento a Olavo Bilac, em construcção na avenida Paulista, tem tratado de

obter os recursos pecuniarios de que necessita.

A Academia de Letras prometeu entrar, no fim do corrente anno, com a importancia do auxilio por ella votado—5:000\$000.

O monumento, como se sabe, deve estar montado e inaugurado em 1822. A parte metallica, fundida na Suecia, está em viagem.

CARTA DE GUIA DAS DONZELLAS

Os versos que no presente numero publicamos, sob o titulo acima, representam uma interessante feição da arte do sr. Julio Cesar da Silva, apreciado poeta paulista. Pela simplicidade e pureza classica da forma, pela sua objectividade luminosa, pela delicada bonhomia, ás vezes ironica, de que estão cheios, pelos leves e sobrios effeitos de estylo, pela metrica apurada,—por tudo, emfim, esses versos compõem um conjuncto delicioso, inconfundivel em nossa literatura.

Esses fragmentos pertencem a um livro de proxima publicação.

DOIS MONUMENTOS A DUAS GLORIAS MÚSICAS

A colonia italiana de S. Paulo offereceu á cidade um monumento a Verdi, composição do esculptor italo-brasileiro Amadeu Zani. Fundida na Italia e medindo 9 metros de altura, essa obra de arte será erecta na avenida S. João, proximo ao seu ponto de cruzamento com a rua Formosa. A inauguração deve dar-se dentro em muito breve.

O monumento a Carlos Gomes, tambem promovido pela colonia italiana, trabalho do conhecido esculptor Brizzolara, segundo noticias chegadas de Genova, está quasi prompto.

A estatua do grande maestro brasileiro deve achar-se fundida e as outras peças estão sendo acabadas, de modo que a inauguração do monumento poderá coincidir com o inicio das festas commemorativas do centenario da nossa independencia, no começo do anno proximo.

O "comité" do monumento a Carlos Gomes foi organizado no anno passado,



sob os auspícios do mesmo professor Chiaffarelli — que era presidente do primeiro "comité" que se havia organizado para o mesmo fim — e com o concurso dos mais proeminentes membros da colonia italiana, entre os quaes os srs. conde Francisco Matarazzo, conde Alexandre Siciliano, commendadores Giuseppe e Nicola Puglisi, cav. off. Vincenzo Frontini, cav. Alberto Lombroso, cav. prof. Vito Celi e cav. Braz Altieri, que se comprometteram a custear todas as despesas juntamente com outros seus compatriotas, que a elles se associaram.

Esse "comité", com o unico intuito de dar á homenagem o character de manifestação de sympathia da colonia italiana inteira á cidade de S. Paulo, resolveu, recentemente, abrir uma subscrição popular, entre os italianos somente, para a qual será aceita uma unica offerta individual de "mil reis".

O intuito é muito nobre, porque não visa recolher o dinheiro para custear o monumento, mas, principalmente, reunir milhares de assignaturas como adhesão plebiscitaria de todos os italianos para a bella manifestação de sympathia que se quer fazer ao Estado. Porque é opportuno observar, os italianos que vivem em outros Estados brasileiros, como os do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, tambem já organisaram "comités" para se associarem, com outros offerecimentos, á commemoração do Centenario.

Quanto aos fundos — cerca de vinte contos — recolhidos pelo primeiro comité" pro-monumento a Carlos Gomes, terão destino adequado, havendo, entre outras propostas, a de se criar um premio biennial "Carlos Gomes" para a melhor composição musical de autor brasileiro.

DUAS REVISTAS

Iniciou-se em Piracicaba uma "Revista de Educação", mensal, redigida pelo pessoal docente da Escola Normal e estabelecimentos annexos. Está bem feita, traz interessantes artigos sobre varios assumptos da especialidade, e entre elles um do nosso collaborador Lourenço Filho sobre — "a Crise de Escola", ponderado e digno de meditação. Essa nova revista é uma prova da capacidade de

boas iniciativa, ainda existente no seio do professorado paulista.

Outra prova, já conhecida, e que val persistindo, é a "Revista da Escola Normal de S. Carlos", tambem mantida pelo corpo docente já está no seu decimo numero. Só é pena que saia muito espaçadamente; mas, na realidade, é impossivel exigir mais, por emquanto, dadas as condições difficilimas do meio.

Eis summarios das duas publicações:

REVISTA DE EDUCAÇÃO — Dr. Honorato Faustino: Assistencia dentaria escolar. Lourenço Filho: A Crise de Escola. Carlos Sodero: Hygiene popular. Antonio Veiga: Um novo trabalho manual. Dario Brasil: O Civismo pela Historia. J. Silveira Santos: Pela Cultura do Vernaculo. Pedro Crem: O Ensino activo. Pedro de Melho: Literatura infantil. Assis Velloso: Derivadas e differencias. Thales Andrade: Do Ensino da Historia. Adolpho Coelho: Soluções e Resultados. Elvira de Moraes: O Desenho e a Educação visual.

REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS — João Toledo: D. Pedro através do sentimento. Eeziquiel de Moraes Leme: Questões de Ensino. Domingos de Vilhena: O Escotismo como meio educativo. Elisario de Araujo: A Letra do Hymno Nacional. Fausto de Souza: Morphologia historica do Artigo. Carlos da Silveira: Assumptos escolares. F. Penteado: Quantidades algebricas. A. Proença: Suggestões para o estudo da natureza no 1.º anno preliminar.

MOVIMENTO EDITORIAL

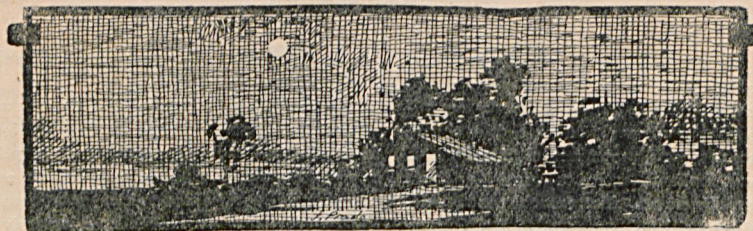
A empresa Monteiro Lobato & Com. continua a todos os mezes novos volumes. São os mais recentes: *Sapezaes e tiguéras*, contos, de Armando Caiuby; *A Allemanha saqueada*, Mario Pinto Serva; *Figurões vistos por dentro*, Simão de Mantua.

A livraria Alves acaba de publicar um *Compendio de Logica* do dr. prof. Henrique Geenen, residente em S. Paulo.

A Livraria Jacintho, do Rio, dá-nos *Queda do Imperio*, serie de artigos de combate do eminente sr. Ruy Barbosa, publicados no antigo Diario de Noticias".

* * Aceitaremos com prazer qualquer communicação que os srs. editores, de qualquer ponto do Brasil, nos queiram fazer sobre as suas novas publicações.





NOTAS DO EXTERIOR

A VIDA E AS TENDENCIAS POLITICAS NA RUSSIA SOVIETICA

Um collaborador do "Journal des Débats" que foi repatriado ha pouco da Russia, onde esteve durante tres annos, no centro do regimen bolchev'ista — Moscou, — inicia agora no "Hebdo-Débats", (Paris, 17, rue des Prêtes — Saint Germain l'Auxerrois), uma série de artigos sobre "a vida e as tendencias politicas na Russia sovietica".

Escrevendo sobre a situação actual dos operarios, diz elle que, apesar de todos os esforços dos bolchevistas, apesar da politica de Lenine, baseada primeiro sobre os camponezes mais pobres ("Comités" de pobres nas aldeias), depois sobre o grupo medio dos camponezes; apesar de todas as "semanas de propaganda", organisadas pelos soviets — a classe dos camponezes russos não accêita o bolchev'smo. Para o camponez russo, a Revolução terminou no momento em que elle entrou na posse de todas as terras. Toda a sua politica, todos os seus esforços são dirigidos para a protecção da sua terra, tanto contra os ataques dos antigos proprietarios, como contra os do governo bolchevista, com as suas "nacionalisações, socialisações e requisições". Pouco importa ao camponez russo que a terra seja propriedade commum ou sua propriedade individual. Conservará elle a terra sem a pagar, ou terá de a pagar segundo uma "estimação justa"? O camponez não pensa nisso: o que lhe importa é que a terra fique sendo sua. Quanto aos detalhes, ver-se-á depois.

A politica dos bolchev'istas nos campos não dá aos camponezes um momento de descanso. Uma luta incessante, quotidiana, para proteger o seu trigo, que lhe tomam á força em troca de papel moeda que lhe é absolutamente inutil, levou o camponez a levantar-se em varios pontos contra a tyrannia bolchev'ista. Esses levantes se produzem cada vez com mais frequencia, e são reprimidos com uma crueldade cada vez maior. Com o tempo, o camponez cessou de semear toda a sua terra, e só produz a quantidade de trigo estrictamente necessaria para se alimentar e á familia, quantidade que é a norma deixada a seu proveito pelos bolchevistas. Nenhuma medida coercitiva dos poderes sovietistas pôde melhorar essa situação, de sorte que 55 o|º de toda a terra continua inculta. E se considerarmos que a colheita deu em 1920, 60 o|º da colheita normal, é de se imaginar a fome que reina por lá. Além d'isso, o camponez é obrigado a muitos serviços e fornecimentos, os quaes são exigidos rigorosamente, de sorte que a sua situação é de perfeita escravidão. Dahi a emigração para melhores terras, onde os russos encontram mais tranquillidade e liberdade. Na primavera de 1920, o jornal sovietico "A vida economica" mencionava muitas centenas de milhares de casos de emigração voluntaria para o sul e para a Siberia.

O GRANDE PINTOR JAPONEZ HOKSAI

A revista franceza "La Renaissance de l'Art français et de industries de luxe", publica um interessante artigo, com muitas illustrações, sobre o grande pintor japonês Hoksai, artigo que é da lavra do sr. Gaston Migeon.

O autor diz que publica apenas algumas notas sobre a vida de Hoksai, porque "o que concerne á sua arte, um volume não bastar'a, pois muitos livros já lhe têm sido consagrados." E recorda nada menos de seis obras, entre as quaes a de Ed. de Goncourt. Resta muito a dizer, acrescenta o autor, sobre Hoksai, um dos artistas mais extraordinarios que a natureza tem produzido. A vida do grande pintor é uma das mais simples, mais humildes e mais exclusivamente preocupadas de arte pura. Nasceu em Tokio, no anno de 1760. Seu pae era fabricante de espelhos. Com 13 ou 14 annos, Hoksai teve de abandonar a casa paterna para ir fazer aprendizagem num atelier de gravador. Aos 19 annos renunciou á gravura para começar a desenhar e a pintar. Entrou então para o atelier de Katssukawa Sounscho, pintor celebre de figuras de theatro que fazia reproduzir pela gravura a côres e editava em grande numero de exemplares, para o povo. Deixando esse atelier, onde tudo quanto fez eram assignado por Ratsukawa, Hoksai fez outras tentativas de arte, que mal lhe permitiam viver. Precisou, por isso, acceitar tarefas humildes, como a de preegoeiro de calendarios. Por volta de 1789 illustrou numerosas obras — os livros comicos de Tsouss'ho, os romances de Keden, as poesias de Bakinu. São innumerables os casos pittorescos da vida de Hoksai. Em 1804, por exemplo, celebrava-se num dos grandes templos de Eddo a festa da deusa Kandzêon. A multidão ficou admirada de vêr no solo uma enorme folha de papel, perto da qual havia um tonel de agua e outro tonel que podia bem conter 75 litros de tinta da China. De repente, Hoksai pulou sobre o papel, e tendo na mão um enorme pincel, ou antes, uma vassoura, molhou-o na tinta e pôz-se a passal-o pelo papel, com uma destreza e segurança admiraveis. O povo, sem comprehender, applaudiu: E quando se ergueu o papel, viu-se um immenso busto de Dharma, o div'no asceta em quem a enormidade das proporções e a impressionante virtuosidade se apagavam diante da belleza do desenho e do colorido das bellas manchas de tinta da Ch'na.

Por volta de 1807, Hoksai fez amizade estreita com o grande escriptor Bakinu illustrando-lhe muitos livros. De 1810 a 1825 consagrou-se quasi exclusivamente á illustração de livros. Tendo feito uma viagem, durante a qual muito produziu, em 1836 voltou a Eddo, que encontrou a braços com a fome, e onde os livreiros lhe não podiam dar trabalho. Poucos depois, em 1839, outra catastrophe: o incendio de alguns bairros de Eddo, obrigando-o a fugir ás pressas com a filha Ohi, da sua casa em chammas, Hoksai tinha então 79 annos. Em 1849 cahiu doente, mas sem perder o entusiasmo do trabalho e a esperança no futuro, dizia: "Se o ceu me concedesse ainda cinco annos eu me tornaria um verdadeiro pintor." A 10 de Maio de 1849 expirou Hoksai com 89 annos.

E' interessante este trecho do seu prefacio das "Cem vistas de Fuji-Yama (1834-1835): "Desde os seis annos, eu tinha a mania de desenhar. Por volta dos 50 annos, publiquei uma infinidade de desenhos, mas tudo quanto produzi antes dos 70 annos não vale a pena de ser levado em conta. Foi aos 73 annos que comprehendi mais ou menos a estrutura da verdadeira natureza, dos animaes, das hervas, das arvores, das aves, dos peixes e dos insectos. Por conseguinte, aos 80 annos terei feito mais progressos; aos 90, penetrarei o mysterio das coisas; aos 100 annos terei chegado decididamente a um grau de maravilha. E quando eu t'ver 110 annos, um ponto ou uma linha, tudo em mim será vivo. Eu peço aos que viverem tanto quanto eu, que vejam se cumpro a minha palavra ou não. Escripto na idade de 75 annos por mim, outr'ora Hoksai, hoje Gwakio Rojin, o velho louco por desenho." E pouco mais tarde escrevia aos seus editores: "Tenho esperanças de que aos 100 annos poderei ser contado entre os verdadeiros pintores."



O sr. Gaston Migeon cita varios trabalhos notaveis de Hoksai, um dos quaes é o seu auto-retrato, reproduzido acima, e que se acha no Museu do Louvre, em Pariz.

OS MONGES SILENCIOSOS

"Plus Ultra", a luxuosa revista argentina, publica com lindas illustrações, um artigo sobre "os monges silenciosos".

A Trappa, diz o sr. Rafael Simboli, autor do artigo, constitue a ordem religiosa mais austera que se conhece: Foi fundada na Edade Media por S. Benedicto, tendo depois se reformado varias vezes. O fundador havia tomado por norma a maxima: quem não trabalha não come. Os trappenses, com effeito, trabalham, produzem, e até consomem parte do que produzem, porque se dedicam especialmente ao cultivo dos campos. O trappense dedica-se ao trabalho, á vida sobria, ao silencio, e não repousa senão o estrictamente necessario. O verdadeiro trappense levanta-se todos os dias ás duas da manhan, nos domingos á uma, e nas grandes solennidades, á meia noite. O trabalho e a oração o occupam durante o dia, que termina ás oito da noite, hora em que vac repousar. Desde a Paschoa até 14 de Setembro, come duas vezes por dia: ás onze e meia e ás dezoito horas. No resto do anno, faz uma só refeição ás quatorze horas — notando-se que a refeição do trappense não dura mais de meia hora. E' vegetariano: não come carne, nem peixe, nem manteiga, nem ovos. Vive de fructas e legumes, que cultiva com assiduidade e intelligencia. Uma colonia de trappenses é, pode-se dizer, um modelo de sociedade bem ordenada porque nella se praticam todos os officios: tem carpinteiros, mecanicos, electricistas, chimicos, etc. Quando não podem trabalhar no campo, por causa da chuva trabalham na encadernação de livros, gravuras, entalhe de madeira, ou estudam medicina, mecanica, astronomia. Em regra, só o prior fala, porque o trappense é obrigado ao silencio. Elle é assim um homem completamente ausente do mundo, prisioneiro do trabalho e da oração. Quando dois trappenses se encontram, a sua saudação é esta: "Lembra-te, irmão, que devemos morrer" — "Memento mori"...

A abbadia em que nasceu esta ordem, chama-se Nossa Senhora da Trappa. Foi fundada no anno de 1140, na hoje communa de Soligni-la-Trappe, departamento do Orne (França). Os trappenses, que a Igreja denomina cistercienses reformados, viveram alli cumprindo com major ou menor severidade, os estatutos da ordem, até 1791. A revolução os desenterrou elegendo os frades o cantão suizo de Friburgo para fundar um novo convento. E desde então as comunidades trappenses se estenderam pelo mundo. Actualmente, haverá cerca de cincoenta.



ACABAM DE APPARECER

AS

ULTIMAS EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

ALLEMANHA SAQUEADA

Livro sensacional, por *Mario Pinto Serva*, vol. broc. . . 3\$000

SAPESAES & TIGUÉRAS

Livro de contos de grande successo do admiravel escriptor

Amando Caiuby, vol. broc. 4\$000, encad. 5\$000

A LINGUA NACIONAL

Obra de grande valor, do consagrado escriptor *João*

Ribeiro, vol. broc. 4\$000, encad. 5\$000

FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

Estudo de psychologia social brasileira. Livro de muito

successo por *Simão de Mantua*, vol. broc. 4\$000

VULTOS E LIVROS

Biographia de todos os membros da Academia Brasileira

de Letras, desde o seu fundamento. Obra indispen-

savel em toda estante. Perseverante trabalho de *Arthur*

Motta. Um grosso vol. broc. 5\$000



A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor literatura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem, assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 ½ X 12 ½ centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

Já estão á venda os primeiros volumes:

A PULSEIRA DE FERRO por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira.

"E' no genero uma verdadeira obra prima" — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

OS NEGROS por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú.

Estão no prélo mais dois volumes:

RITINHA por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade alcançando tres edições em pouco mezes.

MULA SEM CABEÇA por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da "Terra do Sol", Heroes e Bandidos" e outras jolas literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de COELHO NETTO, AFRANIO PEIXOTO, VALDOMIRO SILVEIRA, CORNELIO PIRES e outros.

Cada volume, 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de 3 novellas . . .	3\$500
" " 6 " . . .	7\$000
" " 12 " . . .	14\$000

Pedidos á **SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**, Rua Direita, 27 (2.º andar) - Caixa postal, 1172 - S. PAULO

BREVEMENTE

A NOVELLA SEMANAL

O MAIS ARROJADO EMPREHENDIMENTO EDITORIAL DA ACTUALIDADE

Revista de contos e novellas dos melhores escriptores nacionaes, antigos e modernos. Cada numero conterà meteria equivalente á quarte parte de um livro de 250 paginas em formato francez, commum, e será acompanhado de um interessante supplemento no qual serão publicadas curiosidades literarias, vida anecdotica e pitoresca dos grandes escriptores e poetas brasileiros, movimento bibliographico, paginas esquecidas dos grandes vultos da literatura nacional, obras primas da poesia brasileira, noticia critica dos livros novos.

A NOVELLA SEMANAL se propõe a vulgarisar a melhor literatura, divulgando a obra dos grandes escriptores e poetas nacionaes, encorajando os novos e despertando o gosto do publico pela leitura. Offerecerá excepcional interesse aos homens de letras e ás pessoas cultas, tanto quanto ás de meridiana cultura. Pela esculpulosa escolha da materia se destina a leitura predilecta da familia brasileira.

A NOVELLA SEMANAL vem resolver no Brasil o problema do livro popular, do livro baratissimo. Cada numero será vendido ao preço excepcional de **400 réis**, constituindo um verdadeiro livro, pela extensão, variedade e interesse da materia.

APPARECERA' TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.

Assignaturas

Sendo os exemplares remetidos como correspondencia simples

Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000
Numero avulso	\$400

Sendo todos os exemplares remetidos sob registro

Trimestre	8\$500
Semestre	17\$000
Anno	34\$000
Numero avulso	\$700

Pagamento adeantado. Todas as pessoas que angariarem tres assignaturas terão direito a uma assignatura gratuita.

Pedidos desde já á

SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Direita, 27 (2.º andar) — Caixa, 1172 — S. PAULO.

H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

Viação Ferréa R. G. Sul.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo



LOTERIA DE S. PAULO

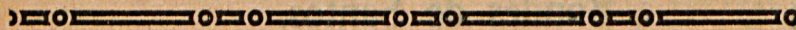
Em 15 de Julho

40:000\$000

Por 3\$600

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM

TODA A PARTE



OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES"



S. PAULO



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

==S. PAULO==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.



O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o Pílogenio porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o Pílogenio, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito serve-lhe o Pílogenio porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o Pílogenio

Sempre o PILOGENIO

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o Phospho-Thiocol Granulado de Giffoni. Pelo phospho-calcio phisiologico que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo sulfoguiacol tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o apetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescência da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacias e drogarias

Deposito: Drogaria Giffoni
RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCÖES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando Uroformina, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradavel ao paladar. Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito: Drogaria Giffoni, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Mètal blanc inalterable.

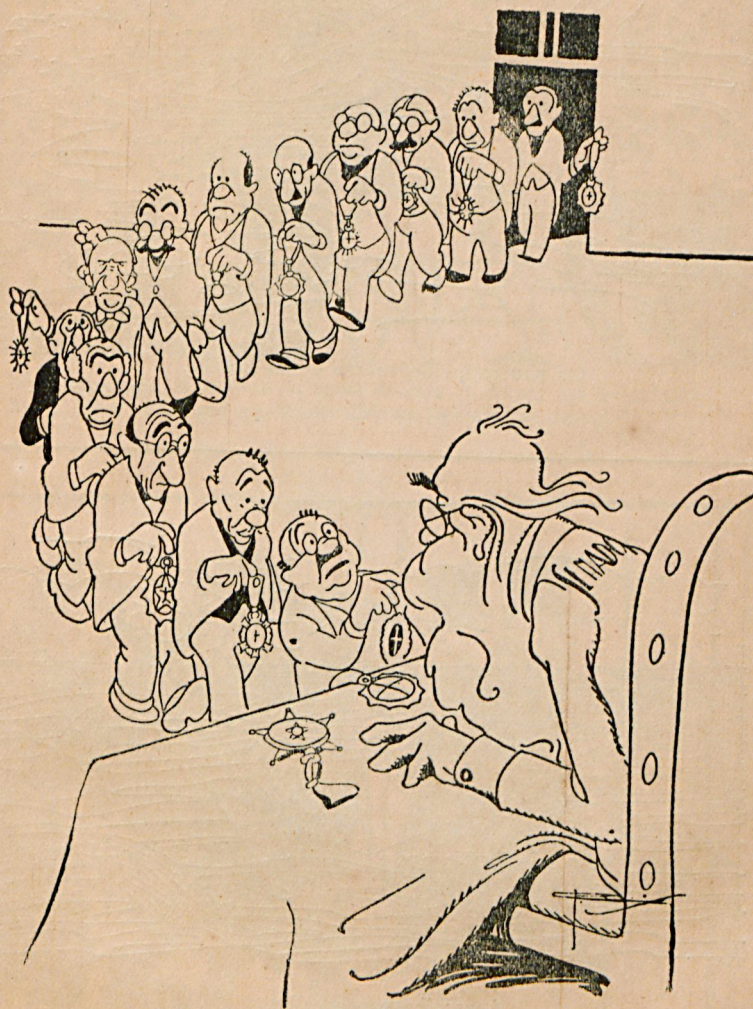
MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30



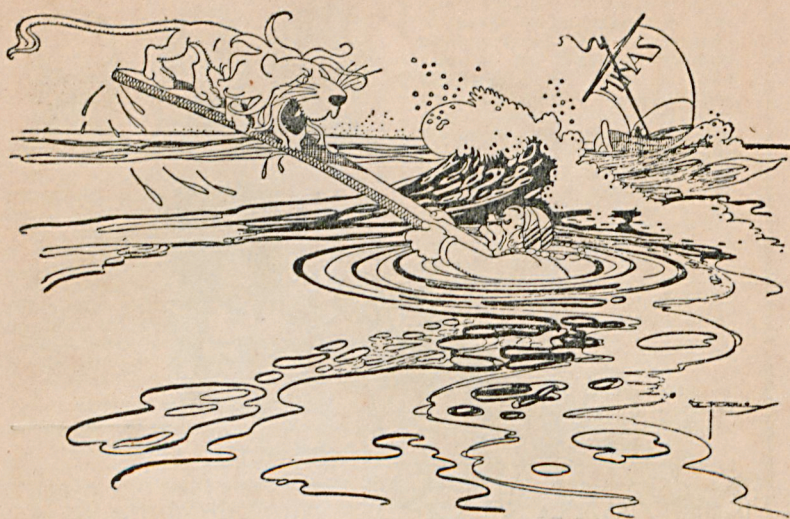
CARICATURAS DO MEZ

A DEVOLUÇÃO



— Coragem, srs. democratas! A Republica vos contempla...

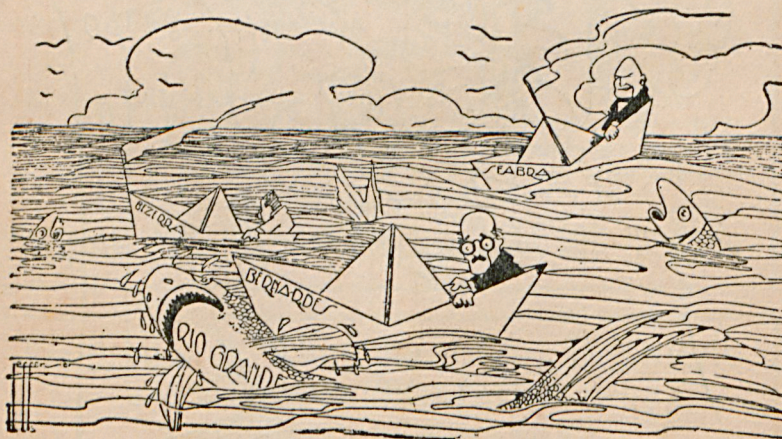
A VICE-PRESIDENCIA



Os naufragos defendem o seu pedaço.

(D. Quixote).

CANDIDATURAS



A escolha e o escolhido.

(D. Quixote).

AS PROVAS PERIGOSAS



— E's um poltrão. Não tens coragem de ir a S. Paulo em aeroplano.
— Mas, filha, olha que eu tenho ido na estrada de ferro.

(D. Quixote).

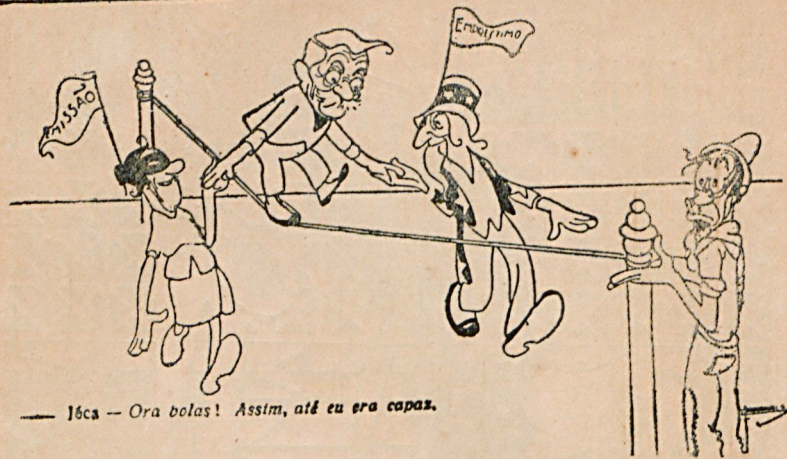
A ALTA POLITICA



A Crise, a Miséria, o Cambio baixo: Acudi-nos!...
Os grandes políticos: Impossível. Temos que estudar o caso presidencial...

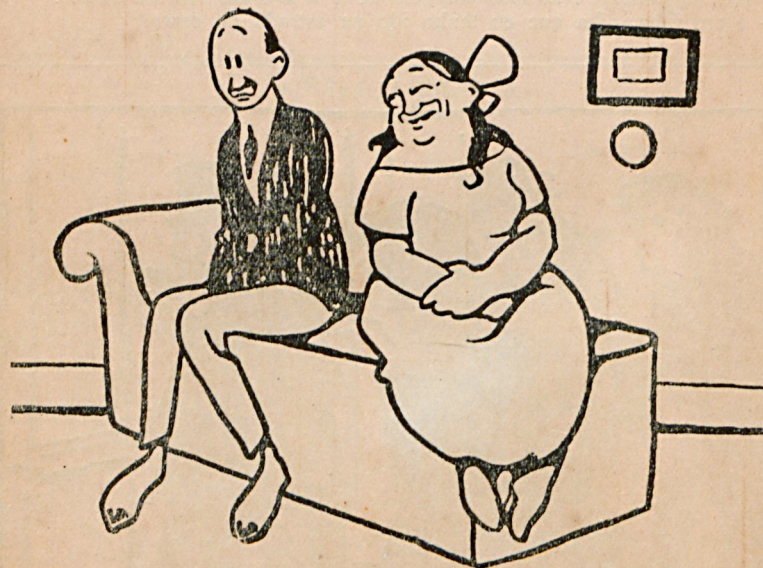
VOLTOLINO (Pasquino).

O equilíbrio



— Iôca — Ora bolas! Assim, até eu era capaz.

(D. Quixote).



Ella — Ai! O meu ideal é um guarda-livros, calvo, de meia idade...
Elle — Virgem Maria!... Sou eu!...

(Vida Paulista).

Edições da "Revista do Brasil"

	Broc.	Enc.
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6. ^a edição	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , edição popular	2\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a edição	4\$000	5\$000
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, crítica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a ed.	4\$000	5\$000
NEGRINHA, novos contos de <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500
A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO, livro para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> , com 60 desenhos a tres côres de Voltolino; lindo volume cartonado, formato grande	—	3\$500
NARIZINHO ARREBITADO, edição escolar, adoptado pelo Governo de S. Paulo, por <i>Monteiro Lobato</i> ; cart.	—	2\$500
ONDA VERDE — jornalismo — <i>Monteiro Lobato</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, o melhor trabalho de sociologia brasileira apparecido até hoje, por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	10\$000	12\$000
PROFESSOR JEREMIAS, notabilissimo romance de <i>Léo Vas</i> , 3. ^a edição	4\$000	5\$000
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—
LIVRO DE HORAS SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> , luxuosa edição	5\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 6. ^o milheiro	3\$000	4\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
VIDA OCIOSA, genial romance da vida mineira, por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
OS CABOCLÓS, contos dialectaes paulistas, com um extenso vocabulario, por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, contos historicos por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
O MYSTERIO, romance policial por <i>Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto e Viriato Corrêa</i>	4\$000	5\$000
ESPHINGES, o grande livro de versos de Francisca Julia, a maior poetiza brasileira de todos os tempos	4\$000	5\$000
CASA DE MARIBONDOS, contos nortistas por <i>João do Norte</i>	3\$000	4\$000
SCENAS E PAIZAGENS DA MINHA TERRA, por <i>Cornelio Pires</i> , versos da musa caipira	4\$000	5\$000
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, o romance da raça futura, por <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	5\$000
ANNAES EUGENIA, organizados pelo dr. <i>Renato Kehl</i>	8\$000	—
SEM CRIME, romance por <i>Papi Junior</i>	5\$000	—
VÔO NUPCIAL, romance por <i>Albertino Moreira</i>	3\$000	—
A LINGUA NACIONAL, por <i>João Ribeiro</i>	4\$000	5\$000
SAPESAES E TIGUERAS, contos por <i>Amando Camby</i>	4\$000	5\$000
ALLEMANHA SAQUEADA, <i>Mario Pinto Serva</i>	3\$000	—
FIGURÕES VISTOS POR DENTRO, <i>Simão de Mantua</i> — estudo de psychologia social brasileira	4\$000	—
VULTOS E LIVROS — Academia Brasileira de Letras — <i>Arthur Motta</i>	5\$000	—

MONTEIRO LOBATO & COMP.

Editores, S. Paulo — Cx. 2 B. Rua Boa Vista, 52

Pelo Correio, mais 10 por cento para porte.

Para revendedores, desconto.



Brinquedos que educam



Com grande prazer chamamos a atenção da nossa freguezia para a nossa exposição de brinquedos finos e scientificos, expostos permanentemente na sobre-loja da nossa casa. Os paes que cuidam da educação dos seus filhos verão, á primeira vista, as vantagens do snossos brinquedos scientificos de todo o genero. Estes brinquedos preparam o menino de hoje para fazer-se, amanha, verdadeiramente homem, com conhecimentos scientificos de grande utilidade pratica. A nossa exposição de brinquedos, positivamente sem rival no Brasil, como as demais dependencias da nossa casa, pode e deve ser visitada diariamente sem obrigação de compra.

Galerias Edison
S. Paulo
Rua 15 de Novembro, 55 - Tel. 211 - Gustavo Figner

A maior casa existente no Brasil em artigos para presentes —
Cinco andares repletos das ultimas novidades, servidos por confortavel elevador e Telephone em todas as secções

Rua 15 de Novembro, 55 :: S. PAULO
-- GUSTAVO FIGNER --

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS

BARATOS

Peça um
folheto

Mappin Stores

Rua S. Bento esq. Rua Direita



**BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE
DO SUL**

FUNDADO EM 1858

CAPITAL 40.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVA 20.000:000\$000
*Séde: Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principaes praças do Estado —
Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.*

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissórias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECÇÃO DE COFRES FORTES — Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de joias, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES — Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N.º 5, esquina da rua 7 de Setembro

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,
Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.
ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.:
"LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

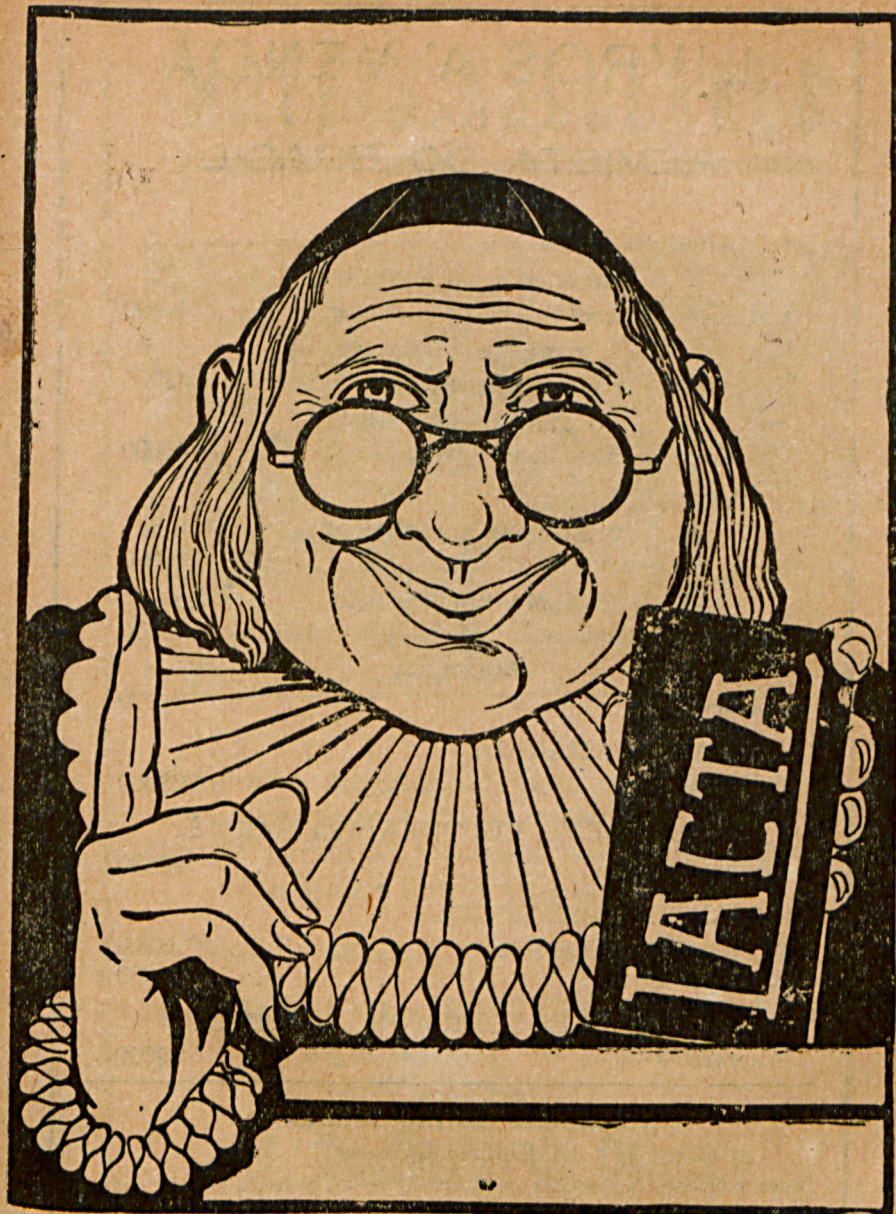
**ACABA DE APPARECER
SENHORA DE ENGENHO**

Romance de costumes pernambucanos

POR MARIO SETTE

A' VENDA NA "REVISTA DO BRASIL"

PREÇO 4\$000 O VOLUME



Eis uma cara alegre e sorridente,
Em que o prazer perfeito se retrata,
Bem se vê que ella tem alli presente
O superfino chocolate "LACTA".



LIVROS A' VENDA
NA
REVISTA DO BRASIL

DE MARIO SETTE:

SENHORA DO ENGENHO

Romance de successo, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

ROSAS E ESPINHOS

Finos contos. Exemplar broc. 4\$000

AO CLARÃO DOS OBUZES

Contos de successo. Exemplar broc. 4\$000

DE CANTO E MELLO:

RELIQUIAS DA MEMORIA

Romance de successo, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

ALMA EM DELIRIO

Interessante romance, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

BUCOLICA

Poemeto 1\$000

DE AMADEU AMARAL:

DISCURSO 2\$000

DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA:

CONFERENCIAS 4\$000

DE MARTIM FRANCISCO:

NO JURY DE ARARAS. 2\$000

RINDO. 3\$000

DA SOCIEDADE EUGENICA DE S. PAULO:

ANNAES 8\$000

A SCIENCIA NO LAR MODERNO

D. EULALIA VAZ.

Nova collecção de receitas de doces, iguarias, petiscos e tudo o que diz respeito á arte culinaria. Receitas provadas pela autora.

Livro util e necessario ás boas donas de casas.

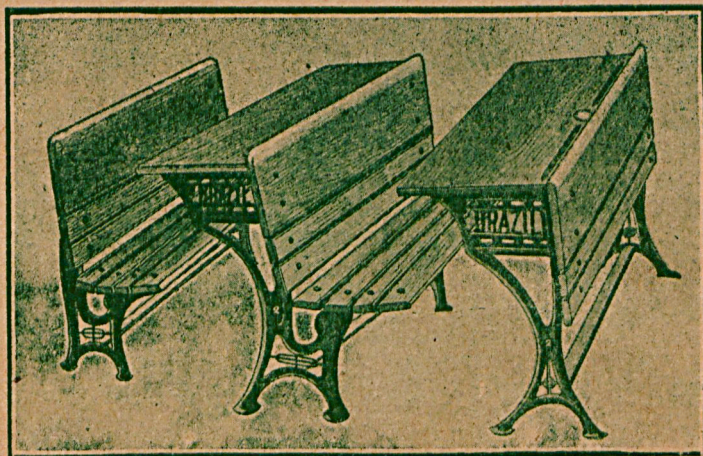
QUINTA EDIÇÃO

Melhorada e ampliada. — Preço: 5\$500 o exemplar

DESCONTO AOS REVENDEDORES



MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----



AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

